



Universidade de Brasília
Centro de Excelência em Turismo
Mestrado profissional em Turismo

**OS CAMINHOS DA CONTRADIÇÃO ENTRE O VALOR SIMBÓLICO E
MERCANTIL DA ÁGUA E SUA APROPRIAÇÃO PELO TURISMO DE
ÁGUAS TERMAIS – TURISMO EM CALDAS NOVAS**

Isabela Coutinho Machado

Brasília - DF

2013

Universidade de Brasília
Centro de Excelência em Turismo
Mestrado profissional em Turismo

**Os caminhos da contradição entre o valor simbólico e mercantil da
água e sua apropriação pelo turismo de águas termais – Turismo
em Caldas Novas**

Isabela Coutinho Machado

Orientadora: Professora Dr^a. Marutschka Martini Moesch

Coorientador: Professor Dr. Luiz Carlos Spiller Pena

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Turismo do Centro de Excelência em
Turismo (CET) da Universidade de
Brasília (UnB) como requisito parcial
à obtenção do título de Mestre em
Turismo.

Brasília – DF

2013

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Acervo 1010586.

M149c Machado, Isabela Coutinho.
Os caminhos da contradição entre o valor simbólico e mercantil da água e sua apropriação pelo turismo de águas termais : turismo em Caldas Novas / Isabela Coutinho Machado. -- 2013.
158 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Centro de Excelência em Turismo, Mestrado Profissional em Turismo, 2013.
Inclui bibliografia.
Orientação: Marutschka Martini Moesch ; Co-orientação: Luiz Carlos Spiller Pena.

1. Turismo. 2. Natureza. 3. Água. 4. Desenvolvimento sustentável. I. Moesch, Marutschka Martini. II. Pena, Luiz Carlos Spiller. III. Título.

CDU 338.482.2(81)

ISABELA COUTINHO MACHADO

**Os caminhos da contradição entre o valor simbólico e mercantil da
água e sua apropriação pelo turismo de águas termais – Turismo
em Caldas Novas**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Turismo do Centro de Excelência em
Turismo (CET) da Universidade de
Brasília (UnB) como requisito parcial
à obtenção do título de Mestre em
Turismo.

Apresentada em: 23/07/2013

Professora Dra. Marutschka Martini Moesch
Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília

Professor Dr. Luiz Carlos Spiller Pena
Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília

Professor Dra. Karina e Silva Dias
Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília

Professor Dr. Christus Menezes da Nobrega
Departamento de Artes Visuais do Instituto de da Universidade de Brasília

À minha amada família e aos meus preciosos amigos, que
são meu incentivo, meu amparo e minha força.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, meu Pai, meu Protetor. Ele colocou em minha vida pessoas maravilhosas que me apóiam e me ensinam. Pessoas a quem também tenho muito a agradecer.

À minha mãe Danúzia Gabriela F. Coutinho, minha amada amiga e parceira de **todas** as horas. Ela sabe que para ser mãe não é preciso deixar de ser amiga e que para ser amiga não é preciso deixar de ser mãe. Por isso ela é conselheira, confidente, porto seguro, melhor amiga e uma mãezona.

Ao meu amado pai, Marcos Lafetá Machado, pelo esforço em estar mais próximo e por todo o apoio. Juntos, estamos construindo uma relação de mais amor e mais amizade a cada dia. Sei que não é fácil para ele administrar todos os empecilhos de horários, afazeres e distâncias. E talvez ele não tenha dimensão do quanto isso significa para mim, mas certamente seu esforço tem me feito mais feliz.

Aos meus avós, Rita e Ruy Machado, que, cada um a sua maneira, também me apóiam muito com todo o seu carinho, reconhecido nas suas diferentes formas de expressão. Além, é claro, de contribuírem com minha formação profissional se dispondo a ajudar sempre no que for preciso.

Ao meu padrinho, Lucas Machado, pela preocupação comigo e, principalmente, pela amizade e companheirismo, presentes também em sua esposa Aline Maina.

À tia Mi (Mireille Coutinho), pela força, pela torcida e pela ajuda com materiais que contribuíram com a pesquisa.

A toda minha família, muito especial, que me desejou sucesso durante essa construção pessoal e profissional que é o mestrado. Afinal, como um amigo traduziu em simples palavras o sentimento que nunca consegui explicar de forma tão objetiva: “Família você não escolhe, mas são raras as vezes que você ganha na loteria.”.

Aos meus amigos, pelo carinho, apoio, incentivo e compreensão nos momentos de ausência.

À minha querida orientadora, Maru por acreditar na minha capacidade e neste trabalho, pelo incentivo e carinho.

Ao meu co-orientador, Luiz Spiller pelo apoio.

Ao professor Dr. André de Almeida Cunha pela participação e contribuições na banca de qualificação do projeto de dissertação.

Aos componentes da banca, professora Dra. Karina e Silva Dias e professor Dr. Christus Menezes da Nobrega pelo aceite do convite.

Aos senhores Aparecido Sparapani, Ivan Garcia Pires e senhora Rose Rodrigues da Cunha pela importante contribuição ao responder as entrevistas.

Ao anjo da guarda que o Divino colocou em meu caminho desde 2009 para me ajudar com meus questionamentos, medos, conquistas e escolhas, Marcelo Goulart, por ser o excelente profissional que é e, com sua dedicação, contribuir com a minha caminhada.

À professora Ma. Magali Michels Przybycien, minha orientadora na faculdade e primeira incentivadora para o ingresso no mestrado pelo apoio e carinho.

Às minhas amigas e companheiras de mestrado Lara Nóbrega e Mariana Inocêncio, que foram fundamentais nesse período. Agradeço por cada choro, cada risada, cada cerveja, cada estudo, cada conversa e todos os outros momentos compartilhados.

Meu carinho, reconhecimento e gratidão a todos vocês!

Caminante, son tus huellas
el camino, y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante, no hay camino,
sino estelas en la mar.

Caminhante, são teus rastros
o caminho, e nada mais;
caminhante, não há caminho,
faz-se caminho ao andar.
Ao andar faz-se o caminho,
e ao olhar-se para trás
vê-se a senda que jamais
se há de voltar a pisar.
Caminhante, não há caminho,
somente sulcos no mar.

António Machado (1999)

RESUMO

Caldas Novas tem como principal atrativo turístico fontes de águas termais. O início do fluxo de visitantes na cidade era motivado, principalmente, pela fama curativa dessas fontes, envolvidas em um valor simbólico de cura e renovação. Por essa razão, a pesquisa teve como objetivo desvelar a concepção de sociedade-natureza presente no turismo de águas termais em Caldas Novas e o modelo de reprodução do valor simbólico e mercantil da água estabelecido nesse destino turístico, uma vez que a percepção de sociedade-natureza e o valor simbólico da água são considerados aspectos fundamentais no direcionamento do planejamento turístico da cidade. A partir de uma construção teórica das categorias de análise (tese) e das interpretações dos dados obtidos por meio de entrevistas, do estudo do Plano Diretor e de materiais de divulgação turística do município (antítese), feitas a partir da técnica da análise do discurso e tendo como base o quadro interpretativo da dialética histórico-materialista, buscou-se compreender as mudanças na concepção de sociedade-natureza e no valor simbólico atribuído às águas termais, que culminaram no atual modelo de desenvolvimento turístico do local. Concluiu-se (síntese) que houve perda quase total do valor simbólico dessas águas. Importância que foi reduzida unicamente ao valor econômico, restando apenas alguns resquícios dos mitos e simbolismos de sua história nos cenários dos parques aquáticos e, superficialmente, nos discursos dos entrevistados e nos materiais de divulgação turística. Nesse sentido, o turismo voltou-se para o lazer e para as “massas”, com uma visão de sociedade-natureza utilitarista, que atribui aos recursos naturais o papel de mercadoria, desvinculando-os de sua totalidade simbólica e cultural no universo humano.

Palavras-chave: Turismo. Caldas Novas. Sociedade-Natureza. Água. Águas Termais. Valor Simbólico.

ABSTRACT

Hot springs are Caldas Novas's main tourist attraction. The beginning of the flow of visitors in the city used to be motivated by fame healing these sources, involving them in a symbolic healing and renewal. Therefore, the aim of the research was to reveal what is the conception of society-nature-tourism in this hot springs in Caldas Novas and the model reproduction of symbolic and commercial values of the water established that tourist destination. Since the conception of society and nature and the symbolic value of water are considered fundamentals in driving tourism planning of Caldas Novas. Therefore, from a theoretical construction of categories of analysis (thesis), and interpretations of the data obtained through interviews, the city's Master Plan and publicity of the city (antithesis) made from the technical analysis discourse and interpretive framework based on the historical materialist dialectics, we sought to understand the changes in conceptions of society and nature and symbolic value of water in Caldas Novas, culminating in the current model of tourism development that location. Thus, it was concluded (synthesis) led to loss of water from the nominal value. She was only reduced to its economic value, leaving only a few remnants of the myths and symbolism of its history in the scenarios of water parks and superficially in the interviews and publicity materials. In this sense, tourism turned to leisure and the "masses", in which the conception of society and nature is utilitarian, bequeathing to the role of natural resource goods unrelated to a whole symbolic and cultural universe in human.

Keywords: Tourism. Caldas Novas. Society-Nature. Water. Thermal Water. Symbolic Value.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O TURISMO E A RELAÇÃO SOCIEDADE-NATUREZA	10
2.1 AS CONCEPÇÕES DE SOCIEDADE-NATUREZA	15
2.1.1 Água, Elemento Vital, e o seu Valor Simbólico	31
2.2 TURISMO DE BALNEÁRIO E TURISMO DE SAÚDE	44
2.2.1 Sustentabilidade e Turismo Sustentável	53
3 A TRAJETÓRIA DO TURISMO DE ÁGUAS TERMAIS EM CALDAS NOVAS	60
3.1 CAMINHO METODOLÓGICO.....	60
3.2 DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO – CALDAS NOVAS, TURISMO EM BALNEÁRIO (SAÚDE X LAZER)	70
3.3 SOBRE O MÉTODO DA DIALÉTICA HISTÓRICO-MATERIALISTA.....	82
4 OS CAMINHOS DA CONTRADIÇÃO ENTRE O DISCURSO E AS PRÁTICAS DO TURISMO EM CALDAS NOVAS: O VALOR SIMBÓLICO E MERCANTIL DA ÁGUA.....	86
4.1 RECONSTRUÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE A POSTERIORI	86
4.1.1 Valor Simbólico da Água (Teoria X Prática) em Relação ao Turismo de Saúde	87
4.1.2 O valor mercantil da água e o ciclo de vida do destino Caldas Novas.....	95
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124
APÊNDICES	131

1 INTRODUÇÃO

O tema abordado refere-se à relação entre o valor simbólico e o valor mercantil da água na apropriação que o turismo de águas termais em Caldas Novas faz desse recurso natural. Inicialmente, a autora acreditava existir nesse município uma apropriação do valor simbólico da água, a partir do imaginário de cura e renovação, com a transformação desses simbolismos em mercadoria, para a comercialização das termas como produto turístico. Nesse sentido e por considerar a concepção de sociedade-natureza uma das bases que norteiam as formas de apropriação da natureza como atrativo turístico, expressas em seus simbolismos, ou na ausência deles, a principal questão foi: “Qual é a concepção de sociedade-natureza reproduzida nos processos de turistificação dos destinos de águas termais?”

Com isso, elegeram-se os seguintes objetivos para atender a essa indagação: Desvelar a concepção de sociedade-natureza presente no turismo de águas termais em Caldas Novas e o modelo de reprodução do valor simbólico e mercantil estabelecido nesse destino; analisar o ciclo de vida do turismo de águas termais em Caldas Novas a partir da concepção de sociedade-natureza lá estabelecida; descrever o processo de construção da cidade como destino turístico a partir das águas termais; analisar como a concepção de sociedade-natureza provoca a saturação desse destino turístico, que tem a água como atrativo; identificar qual é o lugar do turismo de saúde em um destino de águas termais que tende à saturação.

A dissertação foi dividida em três capítulos, conforme a construção dialética de tese, antítese e síntese. O primeiro capítulo trata da construção teórica das categorias de análise do tema, que são: a concepção sociedade-natureza; a água como elemento vital e seu valor simbólico; o turismo de balneário e o turismo de saúde; e a sustentabilidade e o turismo sustentável. O segundo capítulo apresenta o percurso metodológico para o alcance dos objetivos, além da descrição do objeto de estudo, que, por sua vez, é parte da pesquisa como aspecto indispensável às análises propostas. Por fim, o terceiro capítulo contém os dados obtidos e suas interpretações de acordo com a metodologia utilizada.

Dessa forma, o caminho metodológico foi de uma pesquisa qualitativa de nível descritivo-explicativo, que utilizou como instrumentos a entrevista direta com pessoas-fonte, o Plano Diretor de Caldas Novas e materiais de divulgação turística do município. Os dados foram interpretados a partir da técnica de análise do discurso pela perspectiva da dialética histórico-materialista. Ademais, pesquisou-se, por meio de material bibliográfico, a história da cidade, possibilitando a observação das mudanças de concepção ocorridas ao longo do tempo.

Caldas Novas foi descoberta por Bartolomeu Bueno da Silva em 1722, e seu povoamento foi motivado pela fama curativa das fontes termais (GODOY, 1978). Posteriormente, com o surgimento de empreendimentos hoteleiros e o estigma de atrair leprosos, as fontes passaram a ser exploradas para o turismo com foco no lazer. (PAULO, 2005).

Diferente do esperado pela autora, observou-se que essa mudança de foco e a visão reducionista do turismo como setor econômico, predominantes em Caldas Novas, levaram à perda do valor simbólico da água como elemento curativo. Essa imagem passou a ocupar apenas um papel de cenário nos parques, ainda assim, presente em poucos elementos. Nos discursos dos entrevistados e nas formas de divulgação da cidade, esse aspecto também possui pouca expressividade.

2 O TURISMO E A RELAÇÃO SOCIEDADE-NATUREZA

Para abordar a relação sociedade-natureza vinculada ao turismo faz-se necessário, antes, esclarecer qual o entendimento de turismo assumido neste trabalho. Assim, ao partilhar a concepção de Moesch (2002, p. 26), adota-se a compreensão do turismo como “um fenômeno marcadamente multissetorial em sua produção e interdisciplinar em sua teoria”. A necessidade de considerar a interdisciplinaridade na teoria do turismo deve-se ao fato de ele ser, primeiro, multidisciplinar.

A multidisciplinaridade evidencia-se no turismo, uma vez que ela é um conjunto associado de disciplinas comuns a um mesmo objeto de estudo. Um exemplo dessa característica é o tratamento curricular que o turismo recebe nos cursos universitários, abrangendo disciplinas nomeadas como “Geografia do Turismo”, “Economia do Turismo”, “Contabilidade aplicada ao Turismo”, entre outras. Por concordar com essa afirmação e com o pensamento de que a busca pela construção do Turismo como ciência significa a tentativa de dar conta da complexa multiplicidade do que é humano (MOESCH, 2002), entende-se que o turismo precisa de uma análise que considere um olhar não apenas interdisciplinar, mas também transdisciplinar.

Destacam-se, na compreensão de interdisciplinaridade, a troca e a cooperação entre as diferentes disciplinas comuns a um mesmo assunto. E, a transdisciplinaridade é entendida como esquemas cognitivos que atravessam as disciplinas, em alguns momentos, com tanta intensidade, que as deixam em transe (MOESCH, 2002, p.30), tornando-as não apenas partes separadas, mas componentes de um todo maior, no qual não é possível definir com precisão os limites de divisão entre elas, uma vez que esses limites se confundem e se entrelaçam.

A partir disso, entende-se a necessidade de considerar o conceito de complexidade, que Morin (2000) esclarece como aquilo que é “tecido junto”. Isso se deve, como mencionado no início do texto, ao fato de o ser humano e tudo aquilo que se refere ao que é humano, como a sociedade e suas práticas, serem percebidas em sua multiplicidade, por conseguinte, em sua complexidade. Portanto,

neste trabalho, defende-se que a aplicação do conceito de complexidade deve ser considerada ao se falar de turismo, de natureza, de sociedade, de sujeito e das demais categorias a serem mencionadas ao longo do texto, pois são compreendidas, antes, de forma conexa e interativa, que de forma disjunta.

A partir da ideia da complexidade, acrescenta-se a visão de Krippendorf (2001, p.21) sobre turismo:

Já vimos que o lazer e o turismo, em alguns aspectos, não constituem um mundo à parte que obedece a leis próprias. Eles são a consequência e, simultaneamente, um componente do sistema social industrial, da organização dos seres humanos e da civilização moderna. Contudo, o lazer também pode repercutir sobre este mesmo sistema.

Dessa forma, destaca-se, na visão de Krippendorf, o turismo como parte e consequência de um todo (contexto social que o abrange). Porém, em sua complexidade, não é apenas parte e consequência no sentido de simples reprodutor do sistema que compõe. Ele também influencia esse sistema, pois há interações e interretro-ações das partes entre si e com o todo que elas compõem, como coloca Morin (2000, p. 25, grifo nosso), ao dizer:

O desenvolvimento da aptidão para contextualizar tende a produzir a emergência de um pensamento 'ecologizante', no sentido que situa todo acontecimento, informação ou conhecimento em relação de inseparabilidade com seu meio ambiente – cultural, social, econômico, político e, é claro, natural. **Não só leva a situar um acontecimento em seu contexto, mas também incita a perceber como este o modifica ou explica de outra maneira.** Entretanto, não basta inscrever todas as coisas em uma 'perspectiva'. **É necessário buscar as relações e interretro-ações entre os fenômenos e seu contexto, as relações de reciprocidade todo/partes [...].**

Destarte, o turismo, enquanto prática social (turismo/parte – sociedade/todo), funciona como instrumento reprodutor das diferentes concepções e comportamentos das sociedades de cada local emissor ou receptor de turistas (seja em nível municipal, estadual ou nacional). E, mais do que simples reprodutor, ele é também influenciador. Assim, quando os turistas viajam, levam para o destino escolhido as concepções e comportamentos característicos do seu local de origem e, quando retornam às suas residências, trazem aquilo que apreenderam da sociedade que os recebeu.

Outro pensamento de Krippendorf que ressalta essa questão é quando ele menciona o lazer vinculado ao turismo como uma necessidade de evasão do cotidiano:

O ponto de partida é o homem e as esferas de sua existência – trabalho, moradia e lazer – que representam seu universo cotidiano. Uma parte do lazer desenvolve-se no âmbito das viagens: o universo do cotidiano se abre para o exterior. [...] O destino das viagens constitui o outro polo, o anticotidiano. Nesse aspecto, são especialmente interessantes o comportamento e as experiências dos viajantes, a situação da população local e o meio ambiente. Enfim, esse turismo produz consequências e efeitos tanto sobre os países e as pessoas das regiões visitadas como sobre o ambiente em casa. (KRIPPENDORF, 2001, p. 26).

Portanto, é possível inferir do trecho acima que o turismo existe, entre outros motivos, pela necessidade do ser humano de sair da rotina e, nessa perspectiva, o turismo é percebido, por um lado, como parte e consequência do sistema social e industrial. Por outro, vê-se que ele interage com esse sistema, à medida que não é apenas consequência, causando efeitos tanto sobre os destinos escolhidos, como sobre os locais de residência dos turistas.

Ainda no sentido de esclarecer alguns termos utilizados no texto, é importante incluir a concepção adotada da palavra “sujeito”, uma vez que este é um dos conceitos-chave deste trabalho. Esse termo será utilizado para se referir ao ser humano, em seu entendimento amplo, de ser biológico, cultural, psicológico e social, simultaneamente (CYRULNIK e MORIN, 2004), pois ele será analisado nos contextos específicos do turismo e de sua relação/interação com a sociedade em que se insere, assim como com a natureza. Portanto, todas as suas formas – biológica, cultural, psicológica e social – devem ser consideradas em conjunto.

Morin (2000, p. 120) menciona: “[...] a primeira definição de sujeito seria o egocentrismo, no sentido literal do termo: posicionar-se no centro de seu mundo. [...] O ‘Eu’ é o ato de ocupação de um espaço que se torna o centro do mundo”. Outra abordagem que leva Morin e Kern à ideia de sujeito refere-se à distinção que eles fazem entre a máquina artificial e a máquina viva, comparando o sujeito a uma máquina viva. Eles dizem que:

Se a morte é o inimigo da organização viva, suas forças de destruição são utilizadas para permitir a regeneração. Enquanto a máquina artificial só é capaz de programa, a máquina viva é capaz de estratégia, ou seja, de inventar seus comportamentos na incerteza e na eventualidade. Há, portanto, na máquina viva, um vínculo consubstancial e complexo entre desorganização e reorganização, desordem e criatividade. (MORIN e KERN, 1995, p. 93).

E, no mesmo sentido, continuam

[...] A máquina artificial não é senão uma máquina. A máquina viva é também um ser auto-eco-organizador. Esse ser é um indivíduo-sujeito.

Todas essas qualidades do ser-máquina viva são levadas a seu mais alto grau no ser humano, **no qual se manifestam a qualidade de sujeito e a capacidade de escolha (liberdade)**. (MORIN e KERN, 1995, p. 93, grifo nosso).

Assim, admite-se o uso do termo “sujeito” ao decorrer dessa construção teórica, pelo entendimento de que esse termo remete à ideia do ser humano como ser que se posiciona e atua em seu mundo, não podendo ser considerado separadamente do mundo no qual está inserido. Da mesma forma, no contexto turístico ele deve ser percebido como responsável por suas escolhas, tanto enquanto sujeito-produtor, como enquanto sujeito-consumidor.

Outro motivo para a adesão do termo “sujeito” é o entendimento da autora de que ele distancia a possibilidade de o ser humano ser tratado de forma reducionista, enquanto turista e consumidor, visto apenas como objeto ou como ser totalmente passivo, à mercê das decisões do mercado.

Nessa perspectiva e no contexto do modelo de desenvolvimento presente na sociedade contemporânea, Morin e Kern (1995, p. 88) colocam que:

O homem produtor está subordinado ao homem consumidor, este ao produto vendido no mercado, e este último a forças libidinais cada vez menos controladas no processo circular no qual se cria um consumidor para o produto e não mais apenas um produto para o consumidor.

Portanto, entende-se que, no modelo de desenvolvimento predominante, existe a visão do homem como objeto, todavia, ela não deve permanecer. O consumidor deve ser percebido como sujeito e, por conseguinte, o produto deve ser criado para o sujeito-consumidor em vez de o objeto-consumidor ser criado para o produto.

Defende-se que o foco deve estar no sujeito, e não no produto. Assim, o que precisa existir e ser considerada é, na verdade, uma interação entre sujeito-produtor e sujeito-consumidor, que são os criadores e os constituintes do mercado e de seu funcionamento, inseridos, neste trabalho, no contexto do turismo. Logo, há uma alternância de momentos, em que ora o sujeito-produtor é ativo (aquele que decide e age) e o sujeito-consumidor é passivo (aquele que recebe a ação e tem uma reação, mas que para reagir depende, primeiro, que a ação ocorra) e ora essa situação se inverte, havendo uma troca de posição dos sujeitos-produtores com os sujeitos-consumidores.

O ser humano pode ser percebido tanto em sua individualidade como em sua interação social. Isso porque a sociedade é formada por seres humanos que,

em sua maioria, exprimirão um comportamento comum predominante. Esse, que será chamado comportamento social, influenciará outros sujeitos (sejam eles da mesma sociedade ou não), fazendo com que, por meio dessa troca de influências, os sujeitos possam ser percebidos em seu conjunto (formação e interações sociais) e em sua individualidade.

Assim, Krippendorf exemplifica a influência da sociedade sobre o sujeito na perspectiva do turismo:

O que impele um indivíduo a viajar, a procurar lá fora o que não encontra dentro não é tanto o resultado de um impulso pessoal quanto a influência do meio social, que fornece a cada um as suas normas existenciais. A decisão pessoal é, de certa forma, condicionada pela sociedade. (2001, p. 38).

Esse é mais um motivo pelo qual se tratará da relação sociedade-natureza-turismo, pois, como coloca Krippendorf, a sociedade influencia sobremaneira o sujeito em seus pensamentos e ações. E é por meio de atitudes que, em diversas situações do dia a dia, cada ser humano expressa, em seus pensamentos e ações, características do grupo a que pertence, da mesma forma ocorre quando é necessário se posicionar diante de questões relacionadas à natureza e ao turismo.

Outro aspecto que deve ser mencionado, a partir das mudanças na relação sociedade-natureza, é o surgimento da necessidade de discutir-se o conceito de natureza. Uma vez que a interferência humana no meio natural fez misturar os recursos e paisagens, antes intocados, com os componentes da natureza modificados pelo homem, passou a existir a dúvida acerca do que pode ser considerado natureza/natural/espço natural.

A razão de se utilizarem conceitos da natureza e da relação sociedade-natureza no contexto do turismo se deve à relevância de serem compreendidos na perspectiva do planejamento turístico. Nesse sentido, à classificação de Boullón, que expõe sete tipos de espaços (incluídos os espaços natural e artificial), acrescentar-se-ão, primeiro, o entendimento do autor quanto à noção de espaço e, em seguida, a explanação sobre as quatro classificações de espaço, pertinentes a este trabalho.

Dentro dos limites da capacidade perceptiva do homem, sem corpos de referência, o espaço não existe: é o nada. Portanto, há dois modos de apreciar-se o espaço: primeiro, mediante o tamanho dos objetos materiais, e, segundo, pelas distâncias que os separam, pois tanto os objetos materiais como os vazios que deixam têm uma forma. A dos objetos é dada por sua massa, e a dos espaços, pela forma dos objetos que os limitam. (BOULLÓN, 2002, p. 74).

Assim, Boullón (2002, p. 75) discorre:

A linguagem do planejamento maneja sete tipos diferentes de espaço físico (real, potencial, cultural, natural, virgem, artificial). Alguns destes correspondem a diferentes expressões materiais do espaço físico (cultural, natural, virgem, artificial), outros são qualificações conceituais próprias do planejamento (real e potencial) e um deles pertence ao campo da ecologia (vital).

O espaço cultural é aquele modificado, em sua fisionomia original, pela ação do homem para adaptá-lo a suas necessidades. Ele também é chamado de espaço adaptado e pode subdividir-se nas classificações de espaço natural adaptado e espaço artificial, conforme o tipo de ação que o homem realiza sobre ele. O espaço natural adaptado é aquele no qual predominam as espécies do reino vegetal, animal e mineral, de acordo com as condições impostas pelo ser humano. O espaço artificial é formado, principalmente, pelas construções humanas e seu maior exemplo é a cidade. (BOULLÓN, 2002).

Doravante, ao se mencionar o termo “natureza” e seus derivados, como “meio natural”, “espaço natural”, entre outros, essa referência incluirá as ideias de espaço natural adaptado. Isso se deve ao entendimento de que, para discutir a relação sociedade-natureza-turismo, é necessário incluir o conceito de espaço adaptado como espaço natural (ainda que não seja completamente natural, no sentido de ter sofrido modificações).

Nesse sentido, expõem-se, a seguir, exemplos de concepção sociedade-natureza construídos de acordo com o contexto histórico-cultural de diferentes sociedades ou diferentes grupos de uma mesma sociedade.

2.1 AS CONCEPÇÕES DE SOCIEDADE-NATUREZA

Concepções são estabelecidas a partir de experiências, estudos e, muitas vezes, do senso comum. Elas fazem parte da cultura em que estão inseridas, refletindo pensamentos de uma sociedade sobre certo assunto, por exemplo, sobre a relação do homem com a natureza. Portanto, é válido ressaltar que as concepções que se estabelecem em determinados locais dependem, entre outros fatores, do contexto histórico em que a região se desenvolveu. Afinal, o contexto histórico

também possui relação direta com as construções e mudanças culturais de cada sociedade.

Cyrułnik e Morin (2004, p. 19, grifo nosso) comentam:

[...] a cultura, que não se encontra hereditariamente integrada, emerge e **transmite-se** por aprendizagem. Não só a cultura nasce durante um **processo** natural, mas autonomiza-se relativamente e permite, assim, o **desenvolvimento** da humanidade.

Por conseguinte, é possível exemplificar, por meio desse trecho, a presença do contexto histórico envolvendo as construções culturais. Essa inferência baseia-se na presença dos termos grifados, por serem termos que remetem à ideia de continuidade temporal, conseqüentemente, de processo e contexto históricos.

Destarte, a concepção de sociedade-natureza que surge em um determinado contexto cultural pode ser transmitida de diversas maneiras. As formas simbólicas são um meio possível de transmitir aprendizados. Elas podem ser expressas por meio de diversas estruturas, como expõe Bourdieu (2012, p. 8):

A tradição neo-kantiana (Humboldt-Cassirer ou, na variante americana, Sapir-Whorf para a linguagem) trata os diferentes universos simbólicos, mito, língua, arte, ciência, como instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objetos, como 'formas simbólicas', reconhecendo, como nota Marx (Teses sobre Feuerbach), o 'aspecto activo' do conhecimento. Na mesma linha, mas com uma intenção mais propriamente histórica, Panofsky trata a perspectiva como uma forma histórica, sem, todavia ir até a reconstrução sistemática das suas condições sociais de produção.

Ressalta-se, da menção de Bourdieu, a existência de formas simbólicas variadas, pois, como apresentado por ele, a língua, a arte, o mito e a ciência são considerados, cada um, universos simbólicos. Ainda a respeito da explanação acima, reflete-se sobre as formas simbólicas como uma tradução subjetiva do conhecimento que se tem do mundo objetivo. Essa tradução ocorre no sentido de tornar esse conhecimento assimilável por um conjunto de sujeitos e transmissível para aqueles que ainda não o compartilham.

Unificador, o símbolo exerce, conseqüentemente, uma função pedagógica e mesmo terapêutica. De fato, ele causa um sentimento que, se nem sempre é de identificação, pelo menos é de participação numa força supra-individual. Ao juntar elementos desiguais do universo, faz sentir à criança e ao homem que não são seres isolados e perdidos no vasto conjunto que os rodeia. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1999, p. XXVIII).

Para Morin (2000, p.24), "Todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de representações, ideias, teorias, discursos." A partir do exposto, pondera-se que

os simbolismos possuem conotações que ultrapassam as informações e os conhecimentos objetivos que se tem sobre determinado assunto, como religião, natureza, medicina, agricultura, entre outros. Assim, os símbolos atribuem significados mais amplos e profundos aos objetos de análise e conhecimento do que aqueles significados percebidos explícita e objetivamente. É o que se infere também do que discorrem Chevalier e Gheerbrant (1999, p. XII):

Ao longo do dia e da noite, em nossa linguagem, nossos gestos ou nossos sonhos, quer percebamos isso ou não, cada um de nós utiliza os símbolos. Eles dão formas aos desejos, incitam a empreendimentos, modelam comportamentos, provocam êxitos ou derrotas. Sua formação, seu agenciamento e sua interpretação são do interesse de diversas disciplinas: a História das Civilizações e das Religiões, a Lingüística, a Antropologia Cultural, a Crítica de Arte, a Psicologia, a Medicina. Poderíamos acrescentar a essa lista, embora sem esgotá-la, as técnicas de venda, de propaganda e de política. [...] Todas as ciências do homem e todas as artes, bem como as técnicas que delas procedem, deparam-se com simbolismos em seu caminho. Devem conjugar esforços para decifrar os enigmas que esses símbolos propõem; associam-se para mobilizar a energia condensada que neles se encerra. Seria dizer pouco que vivemos em um mundo de símbolos - um mundo de símbolos vive em nós.

Destarte, os simbolismos podem surgir de acordo com as relações que os seres humanos estabelecem com a matéria, uma vez que “O símbolo existe somente no plano do sujeito, mas com base no plano do objeto.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1999, p. XXIII). Uma das relações mais significativas e antigas estabelecidas é a do homem com a natureza, sempre dúbia, em que o homem, parte da natureza, muitas vezes se enxerga separado dela e, em outros momentos, se sente mais integrado a ela. No sentido de perceber a natureza associada à Terra, ele pode, por exemplo, construir um vínculo de pertencimento em que a Terra é entendida como seu lar.

A relação do ser humano com a Terra é representada em uma de suas formas simbólicas por mitos, na qual ela aparece numa perspectiva de cuidado e respeito. Na tradição greco-romana, que antecede à nossa cultura ocidental, a Terra é conhecida por três figuras mitológicas: Gaia/Tellus, representando o planeta como um todo vivo e produtor de vida; Deméter/Ceres, a parte cultivada da Terra; e Héstia/Vesta, parte delimitada para construir o lar humano. Essas eram as “referências afetivas” pelas quais os gregos e os romanos se relacionavam com o meio ambiente com respeito e veneração. (BOFF, 1999).

Pois não viam as coisas como simples seres inertes, mas cheios de irradiação e de significado. A Terra nas várias expressões de Grande Mãe,

de terra cultivada e de lar, era sentida como um organismo vivo. Ele não pode ser violado e depredado. Caso contrário se vingaria através de tempestades, raios, secas, incêndios, terremotos e vulcões. (BOFF, 1999, p. 64).

Nesse sentido, Douglas (1973, p.13, tradução nossa) discorre: “É por meio de símbolos baseados na experiência que se conhece a natureza, símbolos que são produto da mente, portanto, artifícios ou convencionalismos, e, por isso, contrários ao natural”. A partir disso, concluí-se que os símbolos podem surgir como expressões das formas de o ser humano relacionar-se com a natureza e entendê-la de acordo com suas experiências. Assume-se ainda, conforme segue no discurso de Chevalier e Gheerbrant, que os símbolos não contêm apenas a parte racional da percepção humana, mas inclui outros aspectos que os autores mencionam.

O símbolo exprime o mundo percebido e vivido tal como o sujeito o experimenta, não em função de razão crítica e no nível de sua consciência, mas em função de todo o seu psiquismo, afetivo e representativo, principalmente no nível do inconsciente. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1999, p. XXVII).

Os simbolismos, portanto, não podem ser considerados apenas como uma tradução de conhecimentos racionais, eles são, além disso, uma representação que abrange o inconsciente humano. Nesse sentido, por se basearem na experiência e nascerem com as culturas que surgem, os simbolismos também podem carregar valores morais, por exemplo, que não necessariamente se ligam aos conhecimentos objetivos do mundo da matéria. A partir disso, o objeto servirá apenas para ilustrar tal ou qual valor de uma sociedade, não possuindo em si a característica que simboliza. Thomas (2010, p. 89) relata essa questão:

Assim, na heráldica, na pompa e no simbolismo artístico, os animais continuavam a fornecer um vocabulário e um conjunto de categorias com os quais as qualidades humanas podiam ser descritas e classificadas. Muitos pregadores sustentavam que com essa finalidade as criaturas tinham sido engenhadas: para ensinar ao homem lições morais.

No mesmo sentido, outro trecho de Thomas (2010, p. 54) expressa a atribuição de valores morais ao mundo animal.

Sem serem iguais ao homem, nem completamente diferentes, os animais ofereciam uma reserva quase inesgotável de significados simbólicos. No entanto, não havia muita justificativa objetiva para o modo pelo qual os animais eram percebidos. ‘Bêbado como uma cabra’, dizia o provérbio. Mas quem jamais viu uma cabra bêbada? O homem atribuía aos animais os impulsos da natureza que mais temia em si mesmo – a ferocidade, a gula, a sexualidade – apesar de ser o homem e não os animais, quem guerreava

com a própria espécie, comia mais do que devia e era sexualmente ativo o ano todo.

Dessa observação, a respeito das conotações presentes nos simbolismos, decorre a possibilidade de desvelar o que há de mais profundo na imagem que cada símbolo expressa. Porém, apesar de os simbolismos surgirem a partir dos sentidos que a sociedade confere ao objeto, de acordo com a junção de seus valores conscientes com os inconscientes, esses significados não são inerentes ao objeto simbólico.

Nesse sentido, um marco importante na história da relação homem/sociedade-natureza foi a descoberta da capacidade de utilizar o fogo como um instrumento. Molina (2001, p.22) coloca:

É inegável que o fogo mudou e acelerou o destino do homem. Claude Levi-Strauss divide a história do homem em duas etapas: a fase do 'cru', que mostra uma supremacia natural; e a fase do 'cozido', na qual o homem domina o fogo e pretende dominar a natureza e que corresponde à etapa das profundas mudanças exercidas sobre o entorno natural.

Portanto, em um sentido simbólico, no momento em que o homem percebe a possibilidade de dominar o fogo, ele deixa de se sentir à revelia dos acontecimentos naturais e passa a se perceber como controlador de seu próprio destino, pois se vê capaz de dominar a natureza. Isso o imbuí da sensação de poder e de estar acima da natureza. É como se, a partir desse momento, ele pudesse controlar tudo à sua volta. Mais que isso, considerando o domínio do fogo pelo homem como precedente à religião, entende-se esse domínio como uma descoberta da capacidade de manipular recursos naturais, interpretada pelo homem como uma forma de domínio e superioridade sobre a natureza, justificada e fortalecida posteriormente pelas religiões cristãs predominantes no ocidente. A capacidade de manipulação de um elemento natural perigoso à vida simbolizaria que o homem teria poder elevado e, portanto, seria superior aos demais componentes da natureza, conquistando o direito de dominá-la e explorá-la.

Por essa razão, é possível atribuir um simbolismo ao fogo, pelo o que ele representa na história da humanidade. Num contexto em que este elemento incontrolável, perigoso e imprevisível passa a ser dominado, ele assume um papel simbólico que ultrapassa sua materialidade. Perante um incêndio de proporções extremas, o ser humano, nem com toda a tecnologia já desenvolvida, consegue

contê-lo. Entretanto, a sensação de poder dominá-lo marca uma mudança na relação do homem com a natureza.

Sobre a relação entre o simbolismo e a percepção social acerca do mundo, Bourdieu (2012, p. 9) expõe:

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, 'uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências'.

Por ser o poder simbólico um poder de construção da realidade, ele também se relaciona à construção de ideologias. Doravante, os simbolismos carregam ideologias, que, por sua vez, utilizam as formas simbólicas (num processo cíclico) para a tradução e a reconstrução da realidade a que se referem. Com isso, os universos simbólicos tornam-se instrumentos facilitadores da transmissão, da apreensão e da aceitação de ideologias e concepções que se intencionam disseminar. Igualmente importante é considerar a permanente resignificação dos instrumentos simbólicos, compreendendo as mudanças ideológicas e paradigmáticas que eles representam.

Bourdieu (2012, p.10) expressa que:

As ideologias, por oposição ao mito, produto colectivo e colectivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo. A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, a desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierárquicas) e para a legitimação dessas distinções.

No intuito de ilustrar as ideologias que configuram uma formação social expressa simbolicamente na natureza, acrescenta-se:

A mais notável comunidade monárquica era a das abelhas. O antigo paralelo entre a sociedade humana e a colmeia nunca foi tão popular como no período Stuart, quando numerosos tratados sobre a apicultura davam tanta atenção às virtudes políticas dos insetos quanto à sua utilidade prática. 'O tema aqui considerado', dizia Joseph Warder em um deles, 'trata de potentados e príncipes, reinos e territórios, prerrogativa e propriedade, dominação e lealdade, guerra e paz.' As abelhas de acordo com um especialista, governavam-se por 'um poder régio ou uma disciplina política correspondente às nossas leis marciais'. (THOMAS, 2010, p. 86).

Não apenas as ideologias, mas as concepções, de um modo geral, pertencentes a uma sociedade, também são transmitidas e assimiladas por meio dos universos simbólicos. São, por sua vez, formas de interpretar o “mundo dos objetos”. Por esse motivo, a concepção da relação sociedade-natureza que predomina numa localidade não pode ser entendida separadamente de seu contexto histórico. Ela é estabelecida a partir dos conhecimentos adquiridos e transmitidos sobre a natureza e, também, a partir das construções feitas sobre os processos culturais de apropriação desta natureza em diferentes contextos.

A mesma situação acontece com os sistemas simbólicos. “O símbolo adquire sentido unicamente em relação a outros símbolos, ou seja, como parte de um esquema. Nenhum elemento desse esquema pode ter sentido por si mesmo, isolado do resto” (DOUGLAS, 1973, p.13). Os símbolos precisam ser entendidos em seus contextos, ou esquemas, como expõe Douglas, uma vez que, isolados, perdem seu significado.

A exemplo das concepções sociedade/natureza inseridas em um contexto histórico-cultural, inclui-se o que Thomas retrata sobre sua construção na Inglaterra.

Na Inglaterra dos períodos Tudor e Stuart, a visão tradicional era que o mundo fora criado para o bem do homem e as outras espécies deviam se subordinar a seus desejos e necessidades. Tal pressuposto fundamenta as ações dessa ampla maioria de homens que nunca pararam um instante para refletir sobre a questão. Entretanto, os teólogos e intelectuais para os filósofos clássicos e a Bíblia. A natureza não fez nada em vão, disse Aristóteles, e tudo teve um propósito. As plantas foram criadas para o bem dos animais e esses para o bem dos homens. Os animais domésticos existiam para labutar, os selvagens para serem caçados. Os estóicos tinham ensinado a mesma coisa: a natureza existia unicamente para servir os interesses humanos. (THOMAS, 2010, p. 21).

Portanto, o trecho acima expressa uma concepção na qual predomina a ideia do homem como superior à natureza, conseqüentemente, como seu dominador por direito. É interessante notar a existência de mais de uma origem desse pensamento. Não só a questão religiosa estava ligada a essa visão, mas também as reflexões de filósofos do período clássico grego, como Aristóteles.

Entretanto, a religião, sem dúvida, contribuiu fortemente para o estabelecimento dessa concepção de sociedade-natureza. Outra menção de Thomas que pode exemplificar a interferência religiosa no estabelecimento dessa concepção é quando ele refere-se à Bíblia – mais especificamente, a Gênesis, IX, 2-3. Essa passagem ressalta que tudo o que tem vida na Terra deve servir para o

suprimento das necessidades humanas. A partir disso, Thomas (2010, p. 22) expõe: “Doravante, os homens seriam carnívoros e os animais poderiam ser abatidos e comidos legitimamente, guardando-se apenas as restrições de dieta vigentes. Nesta lei do Antigo Testamento o domínio do homem sobre a natureza se fundou.” É nesse trecho que ele expressa claramente a religião como um dos fatores determinantes para a consolidação da ideia de que o homem está separado da natureza, sendo superior a ela.

Molina (2001, p.22) complementa a ideia dessa relação do homem com a natureza, em que existe uma ligação simbólica, assim como a necessidade de domínio, expressa pela presença do elemento fogo em um contexto mais atual.

O homem precisa do fogo para sustentar sua civilização tecnológica-industrial, não apenas como elemento ritualista primitivo de suposta superioridade, mas também como matéria-prima incorporada aos processos de transformação industrial. No entanto, seu objetivo final continua sendo a caça, agora a caça não só de animais, mas dos princípios da natureza que pretende submeter para controlar seu próprio destino.

Reforça-se no trecho acima a concepção do domínio imposto pela sociedade em relação à natureza. Uma relação de superioridade do homem sobre a natureza, no sentido de que ele a controla, utilizando os recursos nela disponíveis de acordo com seus interesses contextualizados numa civilização tecnológico-industrial.

Apesar da forte concepção de domínio do homem sobre a natureza durante um longo período histórico, evidenciado no ocidente, e que alcança a atualidade, Coriolano e Vasconcelos (2007, p.198, grifo nosso) relatam que nem sempre foi assim:

A superexploração e o desrespeito ao meio ambiente se intensificam com a ideia de separação entre o homem e o ‘restante da natureza’ que acarretou, ao longo da história, grandes problemas ambientais com os quais se depara a contemporaneidade. Contudo, se já na Idade Média, entre os filósofos do período clássico grego era possível encontrar essa mesma visão fragmentada e oposta entre homem e natureza, o mesmo não acontecia entre **filósofos do período pré-socrático, dentre os quais era disseminada a ideia de que a natureza, a physis, era tudo o que existia: os deuses, as plantas, a terra, inclusive o próprio ser humano, tudo.**

Dessa forma, nota-se a existência de mais de uma concepção de sociedade-natureza. Como mostram Coriolano e Vasconcelos, também pode haver a aceitação do homem como integrante da natureza. Uma vez que existem variações dessa concepção entre as diferentes culturas de cada sociedade e que, numa mesma sociedade, ela sofre mudanças ao longo da história.

Nechar e Panosso (2010) dividem a relação sociedade-natureza em três grandes períodos: O primeiro, na transformação do feudalismo para a Idade Moderna, mencionando que o imaginário medieval das cidades e de outros ambientes produzidos pelo homem eram entendidos como espaços do sagrado e os bosques, as praias, os mares, as montanhas e outros, como espaços profanos. Alguns elementos da natureza repudiados na Idade Média passam a ser admirados na Idade Moderna. O segundo período é marcado pela Revolução Industrial e pelo surgimento e fortalecimento do modo de produção capitalista. Nesse período, a natureza era entendida como fonte inesgotável de recursos, sendo transformada em mercadoria. O terceiro período classificado pelos autores corresponde aos anos 1950 e 1960, em que se iniciam as preocupações ambientais, refletindo, posteriormente, em conferências da Organização das Nações Unidas - ONU focadas nesse tema, como a de Estocolmo, em 1972, e a do Rio de Janeiro, em 1992, seguida pelo RIO+10, em Joanesburgo (2002), e pela RIO+20, no Rio de Janeiro (2012).

Feldmann (1992, p. 22) apresenta uma percepção sobre a natureza durante a Idade Média, na Inglaterra, que diverge das mencionadas até então. Apesar de o autor não evidenciar o período específico da Era Medieval em que se deu essa percepção, ela é interessante porque associa as atividades e hábitos da aristocracia inglesa a outra relação estabelecida com a natureza.

A aristocracia rural e a realeza inglesa, na Idade Média, foram as precursoras da iniciativa de proteger áreas naturais para a garantia de seus recursos. Levados pela tradição da caça e dos esportes, os ingleses criaram as *forests* – as reservas que deram origem às primeiras leis florestais, mediante as quais a coroa obrigava os camponeses a proteger a fauna nativa e seu habitat. (FELDMANN, 1992, p. 22).

Deste trecho não é possível inferir uma relação igualitária do homem com a natureza, nem que ele fosse considerado parte dela pela aristocracia rural e pela realeza da Inglaterra durante a Idade Média. Contudo, já se apresentava uma preocupação com os recursos naturais. Assim, subentende-se que havia uma consciência sobre a esgotabilidade e finitude desses recursos, por conseguinte, sobre a necessidade de conservá-los. Desse modo, mais uma forma de entender a natureza e se relacionar com ela ilustra as mudanças e as diferenças que ocorrem nas concepções de sociedade-natureza.

Nesse sentido, inclui-se outro exemplo:

[...] quando viajantes começaram a trazer relatos de como as religiões orientais mantinham uma visão totalmente diferente, e como os jainas, os budistas e os hindus respeitavam a vida dos animais, até mesmo dos insetos, a reação geral foi de desconcertado desdém. (THOMAS, 2010, p.27).

Essas diferenças não aconteciam apenas entre Ocidente e Oriente, mas, como mencionado, também havia choque de pensamentos numa mesma cultura. Principalmente se essas concepções correspondessem a tempos históricos diferentes. Isso se ilustra no próprio Ocidente pela fala de um pregador do século XV que se referia à filosofia Pitagórica (pré-socrática), em relação à natureza, como demasiado piedosa. Segundo Thomas (2010), uma visão condenatória a respeito da defesa de Pitágoras sobre a vida das plantas e dos animais.

No século XVIII permanecia a visão de superioridade do homem em relação à natureza na Inglaterra. Nesse sentido, Thomas (2010, p. 26) relata a tamanha necessidade de justificar o domínio humano sobre a natureza nessa época ao dizer: “[...] insistia-se amplamente em que a domesticação era benéfica para os animais; ela os civilizava e aumentava seu número ‘nós multiplicamos a vida, a sensação e o prazer’.” O autor continua seu relato descrevendo os pensamentos de Thomas Robinson, que defendia o abatimento de animais para alimento como uma gentileza em vez de uma aparente crueldade da ação. Essa seria uma forma de livrá-los dos sofrimentos da idade. O abatimento dos animais também era defendido pelo arcebispo King, que ponderava não haver injustiça em matá-los para alimentar um animal superior.

Thomas (2010, p.26) ressalta que o início da necessidade de justificar a preponderância do homem em relação à natureza ocorreu no século XVII. Ele discorre:

[...] a partir de meados do século XVII, houve uma crescente disposição a colocar em segundo plano o pecado original para destacar não a decadência da natureza, mas seu desígnio benévolo, tudo foi feito para melhor; não havia desarmonias reais entre a necessidade do homem e das criaturas a ele subordinadas; os conflitos de interesse não passavam de aparência.

Essa seria mais uma argumentação no sentido de defender a exploração que o homem fazia dos componentes da natureza. Como se essa ação fosse parte de um processo natural previsto por um plano superior, divino e, conseqüentemente, justo e incontestável.

Apesar da relação simbólica estabelecida com a natureza por meio da religião, Thomas observa:

Como notaria Karl Marx, não foi sua religião, mas o surgimento da propriedade privada e da economia monetária, o que conduziu os cristãos a explorar o mundo natural de uma forma que os judeus nunca fizeram; foi aquilo que ele chamou 'a grande influência civilizadora do capital' que, finalmente, pôs fim à 'deificação da natureza'. (THOMAS, 2010, p.30).

Destarte, “Depois da separação no nível ideológico, cresceu a cultura de exploração dos recursos naturais de forma desenfreada. A constante busca pelo lucro tornou o homem um ser degradador e destruidor do ‘resto da natureza’ e dele próprio.” (CORIOLANO E VASCONCELOS, 2007, p. 199).

Portanto, a natureza, comumente vista apenas como fonte de recursos para satisfação das necessidades humanas, torna-se, com o capital, uma mercadoria. Ainda que na Idade Moderna houvesse surgido a necessidade de “retorno às fontes”, “resgate do paraíso”, por meio da aproximação com a natureza “pouco transformada”, como se expõe a seguir, a mercantilização de seus recursos foi inevitável.

[...] no período moderno, o culto da natureza não evitou a poluição industrial no Japão. Os problemas ecológicos não são exclusivos do Ocidente, pois a erosão do solo, o desmatamento e a extinção de espécies tiveram lugar em partes do mundo onde a tradição judaico-cristã não teve qualquer influência. Os maias, os chineses e os povos do Oriente Próximo foram capazes de destruir seu meio ambiente sem ajuda do cristianismo. (THOMAS, 2010, p.31).

No século XVII, comenta Corbin, o percurso pelas areias das praias de mar integrado a um conjunto de práticas na natureza atendia aos anseios de uma elite que buscava “o retorno às fontes”. (CORBIN, 1989). Essa procura poderia incentivar uma nova percepção sobre a natureza, de maior integração; por conseguinte, menos exploratória. Entretanto, a exploração da natureza continuou a acontecer, como demonstrado por Thomas, levando à sua crescente degradação. Considera-se, contudo, a possibilidade de ter sido a busca pela aproximação com a natureza um fator estimulante da tentativa de justificar o domínio humano sobre ela tornando o processo natural e harmonioso, em vez de algo que pudesse provocar conflitos.

Nechar e Panosso (2010) apontam a Idade Moderna como um período em que a natureza desperta no homem valores e sentimentos ainda não experimentados até então, pelo menos não pelas classes mais abastadas. Originou-

se um movimento de retorno ao campo e de reconexão com a natureza pouco transformada.

Em contrapartida, Thomas (2010) relata a tentativa de aumentar a diferença entre homens e animais no século XVII, a partir de uma doutrina formulada pelo médico espanhol Gomez Pereira, que foi desenvolvida e celebrizada por René Descartes. Nessa doutrina, os animais eram vistos como máquina ou autômato, como os relógios. Entendia-se que eles poderiam ser capazes de comportamentos complexos, mas incapazes de falar ou raciocinar. Só o homem poderia combinar matéria e intelecto. Contudo, ainda segundo Thomas, não houve grande quantidade de adeptos ao pensamento cartesiano sobre o homem e a natureza na Inglaterra. “[...] o teólogo Henry More era mais representativo da opinião inglesa quando disse asperamente a Descartes, em 1648, que considerava ‘ assassina’ sua doutrina.” (THOMAS, 2010, p.46).

Ainda assim, o posicionamento de Descartes contribuiu para a separação homem-natureza, que surgira no período pós-socrático com Platão e Aristóteles.

[...] um novo conceito de natureza que privilegiava os homens e as ideias em detrimento das plantas e pedras. No entanto, foi com Descartes que essa oposição homem-natureza, sujeito-objeto, espírito-matéria se tornou mais definido, haja vista a ideia antropocêntrica de que o homem é o centro do universo, dicotomiza ainda mais as relações. (CORIOLANO e VASCONCELOS, 2007, p. 198).

Outra concepção importante, apresentada por Thomas, que surge no século XVII, relaciona-se aos estudos iniciados pelos naturalistas. A partir do entendimento desses intelectuais, a natureza recebia um novo posicionamento, mais independente das relações com o homem. Uma percepção menos exploratória, mas que ainda separava homem e natureza.

Os séculos XVII e XVIII presenciariam uma ruptura fundamental com os pressupostos do passado. Ao invés de perceber a natureza em termos basicamente de suas analogias e semelhanças com o homem, os naturalistas começaram a estudá-la em si própria. De forma alguma foram indiferentes aos usos humanos da natureza, mas não faziam deles o centro de suas percepções. [...] A convicção de que animais e vegetais tinham um sentido religioso ou simbólico permaneceu artigo de fé para muitos camponeses da era vitoriana, mas perdeu o apoio dos intelectuais; as pessoas cultas passavam agora a acreditar que o mundo da natureza tinha existência própria e independente, e assim devia ser percebido. (THOMAS, 2010, p.127).

Corbin (1989) comenta o surgimento da teologia natural, no mesmo século, conhecida, na Inglaterra, como físico-teologia. Essa ciência diferenciava as formas

populares de apreciação da natureza do entendimento dos sábios religiosos sobre ela. Significava a dissolução do mundo como vivo e harmonioso, visão que considerava haver correspondências inexplicáveis entre o mundo físico e espiritual. O autor defende, ainda, que a teologia natural, em sua modernidade, deixa de analisar o homem e o universo por analogias. O mundo exterior passa a ser constituído em espetáculo. A visão antropocêntrica do universo permanece, apesar dos ataques a essa concepção provenientes dos progressos da astronomia e da hipótese da pluralidade dos mundos habitados.

Esses sábios religiosos propõem um sentido ao espetáculo da natureza e ao mesmo tempo censuram a indiferença diante dele; percebem o mundo exterior como uma representação dada por Deus à sua criatura mais perfeita, o que explica a importância então atribuída ao tema do paraíso perdido, fascinante cena inicial sobre o qual o projeto divino podia manifestar-se em toda a sua perfeição. (CORBIN, 1989, p. 34).

Essa imagem do paraíso perdido e da conseqüente necessidade de retorno às fontes destaca-se, atualmente, no turismo. Como discute Aoun (2001, p. 13), “Da relação desses dois universos – turismo e religião – e dentre suas várias expressões, decidimos analisar a publicidade dos lugares identificados como paraíso, Éden, templo e origem, os quais são vendidos como produtos de consumo.” Ela menciona a utilização de termos do universo religioso, principalmente da palavra “paraíso”, pelo *marketing* turístico, no intuito de remeter ao mito universal da origem humana, o que, segundo a autora, aciona “um tesouro de imagens primordiais”.

O discurso expresso nesse tipo de publicidade agrega um simbolismo aos lugares divulgados, acrescentando um valor subjetivo a esses destinos turísticos. Visa despertar na demanda o interesse em conhecê-los pela necessidade de retorno às origens, de acordo com o mito do paraíso perdido, por meio da aproximação com a natureza.

Aoun (2001, p.30) observa a importância desse significado simbólico, na contemporaneidade, aflorada pelo *stress* cotidiano: “Tudo parece ter sido meticulosamente arquitetado com séculos de antecipação. Cria-se a fábrica, cria-se a metrópole, cria-se o *stress* urbano, cria-se a necessidade do retorno à natureza, onde não há natureza, ela é fabricada.” Entretanto, Corbin comenta acima que a necessidade de aproximação da natureza como retorno às fontes é percebida desde o século XVII. Assim, todas as condições de vida mencionadas por Aoun podem intensificar esse desejo humano, mas não são em si o motivo de sua existência.

O mito do paraíso perdido e o interesse em resgatá-lo fazem parte da relação dúbia e contraditória que o ser humano estabeleceu com a natureza, pois, como discorre Aoun, para atender a essa vontade, por vezes, há uma “fabricação” da natureza.

Nesse sentido, Florit e Dreher (2009) comentam a busca pela preservação da natureza, por um lado, e a sua transformação, por outro.

Antes, tenta-se explicitar a existência de alguns véus nem sempre visíveis ou percebidos na apreciação da natureza como entidade autônoma independente da ação humana. Para remover esses véus, é preciso enfatizar que aquilo que se tenta preservar, ou é objeto de um sentimento de nostalgia em relação a uma ordem perdida ou é – em seus aspectos materiais e simbólicos – definido a partir de relações humanas específicas, no âmago de motivações definidas intersubjetivamente e de interesses, muitas vezes conflitantes, que se estabelecem os impulsos humanos sobre a natureza e as ações que transformam o ambiente. (FLORIT; DREHER, 2009, p.67).

Essas ligações humanas específicas podem ser exemplificadas no turismo pelas relações oferta/demanda, que envolvem empresários do turismo e turistas, assim como o setor público, que, entre outros papéis, defende os interesses econômicos do destino pelas receitas geradas com o turismo. Portanto, os interesses relacionados à natureza tornam-se conflitantes à medida que os turistas, ao buscar a aproximação com a natureza, podem deparar-se com sua preservação ou com a sua construção (artificialização), a depender de como se estabelecem os vínculos e os interesses humanos nesse âmbito.

Sobre a dualidade presente na relação homem-natureza Morin (2000, p.38) reflete que:

Estamos a um só tempo dentro e fora da natureza. Somos seres, simultaneamente, cósmicos, físicos, biológicos, culturais, cerebrais, espirituais... Somos filhos do cosmo, mas, até em consequência de nossa humanidade, nossa cultura, nosso espírito, nossa consciência, tornamo-nos estranhos a esse cosmo do qual continuamos secretamente íntimos. Nosso pensamento, nossa consciência que nos fazem conhecer o mundo físico, dele nos distanciam ainda mais.

Nesse pensamento é possível observar uma referência à complexidade presente no próprio ser humano, assim como no contexto em que ele se insere. É evidente a relação dialética do homem com a natureza, simultaneamente parte dela, inserido nela e fora dela, às vezes, puramente como seu dominador, e não como integrante de seu sistema. Mas, por estar na natureza e pela natureza estar no

humano, ao mesmo tempo em que se distancia, ele não pode se separar dela totalmente.

Nesse sentido, ainda segundo Morin (2000, p.40): “A relação do homem com a natureza não pode ser concebida de forma reducionista, nem de forma disjunta”. Ela sempre apresentará contradições e mediações, autonomia e dependência do sujeito com a natureza, características que a tornam intrinsecamente dialética, conseqüentemente complexa, o que impossibilita uma visão reducionista a respeito. O fato é: ele não pode ser apenas dominador, nem apenas integrante da natureza. Ele é as duas coisas ao mesmo tempo, sempre transitando entre uma percepção e outra, nunca deixa de ser dominador nem integrante, de acordo com os seus comportamentos, que não são lineares, e sim dinâmicos, sujeitos a mudanças constantes.

Sobre os vínculos estabelecidos, ele também comenta:

Ao longo dessa aventura, a condição humana foi autoproduzida pelo desenvolvimento do utensílio, pela domesticação do fogo, pela emergência da linguagem de dupla articulação e, finalmente, pelo surgimento do mito e do imaginário [...] (MORIN, 2000, p.40).

Neste ponto, retoma-se a presença dos simbolismos que o ser humano emprega à matéria. Nesse sentido, sua utilização é uma forma de aproximar o imaginário da realidade, fazendo com que o mundo ao redor fique mais interessante. O imaginário torna-se, então, uma forma de vivenciar o mundo físico, influenciando os comportamentos estabelecidos nessa relação, podendo aproximar ou afastar o homem da natureza em que está inserido, dependendo dos simbolismos trazidos em cada uma de suas expressões.

Bachelard (1997, p.17) expõe que “A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. É uma faculdade de sobrehumanidade”.

A fala de Bachelard mostra a questão da idealização, uma vez que a realidade é ultrapassada, poetizada. Infere-se disso que o ser humano é engrandecido por essa capacidade, indo além de sua condição puramente humana a uma condição sobre-humana. É como se essa característica lhe conferisse poder. Ainda que um poder imaginado.

Portanto, a imaginação tem papel fundamental nos paradigmas construídos pelo homem. Ela pode ser muito benéfica à medida que poetiza a realidade e a torna

mais bela, todavia pode ser deveras negativa se afastar o sujeito da realidade a ponto de ele perder a capacidade de discernir o que é “enfeite”, poetização da realidade, e o que é “máscara”, disfarce da realidade.

Nesse raciocínio, é possível relacionar o pensamento de Krippendorf para ilustrar essa situação no contexto do turismo.

Tudo indica que a fuga das cidades grandes e o turismo sob a forma atual não constituem, no final uma terapia verdadeira, e não há perspectivas para isso. Contudo, muitos são ainda os despreocupados que dão continuidade ao processo, sem mudá-lo em nada, de acordo com o lema: ‘cada vez mais, cada vez maior, cada vez mais rápido, cada vez mais longe’. (KRIPPENDORF, 2001, p. 27).

Um exemplo dessa diferença entre poetização e o que poderia ser designado como uma espécie de delírio (afastamento e negação da realidade) é a situação dos turistas que viajam para destinos da moda, saturados de pessoas, com um curto tempo de visita para conhecer os atrativos da localidade visitada, sem poder experimentar, de fato, as vivências que o destino poderia proporcionar. Isso porque, apesar das condições desfavoráveis mencionadas, esses turistas continuam a visitar os destinos da moda, fazendo-os parecer os destinos dos sonhos que habitam o imaginário humano, enquanto são, na verdade, destinos saturados, em que os atores responsáveis pelo turismo se preocupam menos com a qualidade da experiência do turista que com o lucro possível de conquistar.

Outro exemplo claro é quando o turista que viaja em busca de tranquilidade, aproximação da natureza e benefícios à saúde se contenta com destinos também saturados, onde há um cenário de natureza artificializada, que, por vezes, imita paisagens de locais com características diferentes das do próprio destino turístico.

Portanto, é necessário ter cuidado com o imaginário criado a respeito dos objetos, das pessoas e dos lugares, pois, ao possibilitar um afastamento da realidade, ele dificulta também a análise crítica a respeito das situações nele envolvidas. Maffesoli (1995, p.19) expõe: “[...] o mundo imaginal é causa e efeito de uma ‘subjetividade de massa’ que, progressivamente, contamina todos os domínios da vida social”.

No turismo, caberia, por exemplo, uma reflexão: se o destino visto, imaginado, como o paraíso possibilita o descanso e a tranquilidade – se for essa a intenção do turista – ou se é frequentado por uma quantidade excessiva de pessoas, provocando tumulto no “paraíso”.

De acordo com Corbin (1989), Nechar e Panosso (2010) e Thomas (2010), a partir da Idade Moderna, o homem começa uma busca de aproximação com a natureza, todavia essa necessidade evidencia a separação existente entre sociedade e natureza, uma vez que, se o sujeito precisa buscá-la, significa que não se sente integrado a ela. Nesse sentido, a imagem do paraíso, explorada nas divulgações de destinos turísticos e associada à natureza, ainda que não represente na realidade o sonhado paraíso, são “compradas” pelos turistas e tornam-se objeto de consumo por inúmeros sujeitos. Sujeitos que se aglomeram nos “paraísos” da moda.

Destarte, observa-se que há, no turismo, a apropriação de um valor simbólico da natureza para o ser humano, de paraíso e retorno às origens, por vezes relacionada também ao sagrado, à saúde e ao reequilíbrio interior, que se contradiz em sua prática, uma vez que o simbólico é transformado em mercadoria para atender a essa necessidade humana, sem que a transformação desse simbólico em mercadoria considere políticas e ações para a conservação da natureza. Por isso, a importância de não artificializá-la, de criar atividades para que se vivencie de fato essa aproximação, de promover oportunidades para o turista usufruir dos benefícios à saúde proporcionados por esse contato e de se evitar a sobrecarga gerada pela aglomeração de pessoas em altas temporadas.

2.1.1 Água, Elemento Vital, e o seu Valor Simbólico

A água, elemento vital a todos os seres, recebe outras importâncias atribuídas pelo ser humano, que são seus significados simbólicos e seu valor econômico. O simbolismo atribuído à água influencia a forma como ela será vista, tratada e respeitada pela sociedade ao longo do processo civilizatório e pelo turismo, objeto deste estudo, diferenciando-o do valor econômico, mais objetivo e prático.

Preenhe de significados, a água é elemento da vida que a encompassa e a evoca sob múltiplos aspectos, materiais e imaginários. Se, por um lado é condição básica e vital para a reprodução, dependendo dela o organismo humano, por outro, a água se inscreve no domínio do simbólico, enfeixando várias imagens e significados. Isso se manifesta quer nos ritos, nos cerimoniais sagrados e mitológicos, quer nas práticas agrícolas, no cultivo

das plantas e das flores, na fecundação da terra (e da alma). (DIEGUES, 2000, p 15).

Conforme expõe Molina (2001, p.48), “A água, apropriadamente chamada ‘elemento vital’, está presente em todos os ciclos ecológicos. Não é possível encontrar vida na ausência de água.” Além de Molina, outros autores comentam a necessidade da água para a sobrevivência de qualquer ser. Emília Rutkowski (1999, p. 5) explana que “Organismos muito simples podem prescindir de ar, mas nenhum consegue sobreviver sem água [...]”. O corpo humano é composto por 70% de água e sua sobrevivência não excede uma semana sem esse elemento. Cada ser humano precisa, no mínimo, de cinco litros de água por dia para beber e cozinhar, além de 25 litros destinados à higiene pessoal, de acordo com o apresentado por José Tundisi e Takako Tundisi (2009).

Um exemplo interessante sobre a necessidade da água para manutenção da vida, não só humana, mas também de vegetais e animais, utilizados pelos humanos como alimentos, é expresso em números por um quadro, exposto no livro de José Tundisi e Takako Tundisi (2009, p. 47), que relaciona a quantidade de água necessária à produção de alimentos, por sua vez seres vivos e dependentes desse recurso natural. Ressaltando que um metro cúbico equivale a 1.000l, acrescenta-se uma coluna ao quadro.

Produto	Unidade	Água (em m³)	Água (em l)
Bovino	Animal	4.000	4.000.000
Ovelhas	Animal	500	500.000
Carne fresca bovina	Quilograma	15	15.000
Carne fresca de ovelha	Quilograma	10	10.000
Carne fresca de frango	Quilograma	6	6.000
Cereais	Quilograma	1,5	1.500
Cítricos	Quilograma	1	1.000
Azeites	Quilograma	2	2.000
Legumes, raízes e tubérculos	Quilograma	1	1.000

Ademais, é válido mencionar que a importância da água não está relacionada apenas ao sentido biológico de manutenção da vida. José Tundisi e

Takako Tundisi (2009, p.8) expõem outros aspectos para os quais a água é fundamental. Eles explanam:

A água é um recurso estratégico para a humanidade, pois mantém a vida no planeta Terra, sustenta a biodiversidade e a produção de alimentos e suporta todos os ciclos naturais. A água tem, portanto, importância ecológica, econômica e social. As grandes civilizações do passado e do presente, assim como as do futuro, dependem e dependerão da água para a sua sobrevivência econômica e biológica, e para o desenvolvimento econômico e cultural. Há uma cultura relacionada com a água e um ciclo hidrossocial na interrelação da população humana com as águas continentais e costeiras.

No mesmo sentido, Diegues (2005, p.1) comenta: “A água doce é necessidade básica de todos os seres humanos, mas a forma com que essa necessidade é atendida depende da cultura”. Ele diferencia a relação das sociedades tradicionais e das sociedades urbanas e modernas com a água. Entendendo por sociedades tradicionais: povos indígenas, quilombolas, pescadores artesanais, jangadeiros, caboclos, entre outros, o autor considera que nessas sociedades a água é considerada um bem da natureza, portanto um bem de uso coletivo. Além de ser comumente percebida como uma dádiva da divindade, responsável por sua abundância ou escassez.

A esse respeito, destaca-se o fato de diversas civilizações terem se desenvolvido às margens de rios. Isso evidencia a água como um aspecto central da construção dessas civilizações, que desenvolvem suas economias, suas culturas e suas histórias em torno do elemento água. Aoun (2001, p.35) apresenta exemplos dessas construções:

As antigas civilizações floresceram próximo aos vales de diversos rios. Um deles, o Nilo, alimentou as terras egípcias, e os rios Tigre e Eufrates, juntos, irrigaram as culturas da Suméria, Acádia, Babilônia e da Assíria, na Mesopotâmia. A Índia, por sua vez, foi abastecida pelo rio Indo e a China teve seus campos fertilizados graças aos rios Wei e Huanh-Ho (Amarelo).

O autor Drew (1994, p.87) também aborda essa questão: “As civilizações do Antigo Egito e da China, assim como da Índia e da Mesopotâmia, chamam-se ‘civilizações hidráulicas’. Sua ascensão e subsequente queda estão intimamente relacionadas ao uso e abuso da água.”

Outro aspecto referente à questão do desenvolvimento dessas culturas em torno da água é a presença dos transportes fluviais e marítimos. Considera-se que esses transportes propiciaram o aumento das possibilidades das trocas comerciais, que favoreceram o crescimento da economia de cada sociedade. Assim, a água, em

vez de um obstáculo à locomoção, é um meio pelo qual o ser humano passa a trafegar e, conseqüentemente, amplia os seus horizontes.

Dos egípcios pode-se dizer que há uns cinco mil anos realizaram os famosos e talvez os primeiros cruzeiros fluviais do mundo. Os fenícios também se caracterizaram por sua grande atividade comercial, realizando grandes viagens, atingindo o Oriente, convertendo-se em importantes mercadores e navegantes. Os fenícios, que precederam os gregos na descoberta do mundo mediterrâneo, não nos deixaram grandes relatos de suas viagens; contudo, legaram-nos uma presença inconfundível na arte da navegação e no trato comercial. (BARBOSA, 2002, p. 15).

Da mesma forma, Diegues (2000, p. 18) menciona: “Além de objeto de contemplação, a água é lugar de passagem ou travessia, é ponto de navegação, de deslocamento de um continente a outro [...]”.

Observa-se que as funções da água podem variar, de acordo com os trechos expostos acima. Aoun apresenta esse elemento como fator de fertilidade dos campos, necessário à agricultura, enquanto Barbosa o relaciona aos meios de transporte, mostrando a possibilidade de mais de um tipo de uso conferido à água. Esses usos diversificaram-se com o desenvolvimento social e econômico-industrial.

A intensa urbanização ocorrida em escala mundial (e também no Brasil) introduziu outras escalas de demanda, desperdício e contaminação de águas. As grandes concentrações urbanas necessitam de volumes de água tratada em quantidades enormes – milhares de metros cúbicos por hora - e também produzem resíduos em grande escala, que poluem e contaminam águas subterrâneas, rios, lagos e represas. (JOSÉ TUNDISI; TAKAKO TUNDISI, 2010, p. 36).

A diversificação do uso da água não foi a única mudança na maneira como o ser humano a percebe e convive com ela.

Gradativamente, a água foi perdendo seu sentido religioso, ou simbólico, num mundo cada vez mais paganizado pelo consumismo e pelo progresso a todo custo. Hoje, vista como fonte de energia, ou de abastecimento, a água está longe de ser considerada pela maioria da população como elemento sagrado, vital. (CORRÊA, 1999, p. 60).

À medida que a água recebe valor simbólico, ela tende a ser percebida como elemento a ser preservado, não agredido, seja por uma relação de respeito, de culto, que o homem estabelece com ela, seja pelo medo que pode provocar. Vista apenas como matéria, desprovida de sentido simbólico, por mais vital que ela seja, acaba sofrendo contaminação e desperdício. Entretanto, quando se torna uma matéria imbuída de significado simbólico, ela se torna engrandecida. Assim, esse elemento passa a ter mais valor, conteúdo mítico, representação simbólica.

O contexto da relação de uma sociedade com a água pode, portanto, favorecer ou desfavorecer o cuidado em não contaminá-la, como exemplifica Diegues (2007), relatando o valor sagrado das águas doces nas sociedades tradicionais marcadas pela religião, que se perdeu nas sociedades modernas. Ele expõe que lugares como fontes e grutas, por serem considerados sagrados, não poderiam ser poluídos.

Dessa forma, a perda do sentido simbólico da água em uma sociedade, aliada a fatores como urbanização acelerada sem planejamento adequado, destinação inadequada de lixo, despejo de lixo, esgoto e produtos químicos em lagos, rios e mares, entre outros, contribuíram e ainda contribuem para a degradação desse elemento.

Os simbolismos atribuídos à água são diversos e geralmente apresentam uma dualidade. A água doce, por exemplo, aparece com características femininas, enquanto a água do mar associa-se ao masculino, em grande parte das mitologias (DIEGUES, 2000). Da mesma forma, em algumas sociedades, a água do mar é considerada perigosa e a água doce, fonte de vida, podendo ocorrer o inverso, em que a água doce é considerada “morta” e “impura”, opondo-se à água salgada, viva e pura. (DIEGUES, 2007).

Gaston Bachelard aborda os simbolismos da água numa perspectiva da imaginação poética. Primeiramente, Bachelard (1997, p.120) atribui um valor simbólico à natureza ao dizer: “Sentimentalmente a natureza é uma projeção da mãe.” E no mesmo sentido continua:

Em suma, o amor filial é o primeiro princípio ativo da projeção das imagens, é a força propulsora da imaginação, força inesgotável que se apossa de todas as imagens para colocá-las numa perspectiva humana mais segura: a perspectiva materna. (BACHELARD, 1997, p.120).

E, para chegar ao simbolismo atribuído especificamente à água, percebe-se uma aproximação ainda maior com a figura materna. Ele aproxima a imagem da água ao leite materno, na seguinte fala:

Se agora levarmos mais longe a nossa busca no inconsciente, examinando o problema no sentido psicanalítico, deveremos dizer que toda água é um leite. Mais exatamente, toda bebida feliz é um leite materno. Temos aí um exemplo de uma explicação em dois estágios da imaginação material, em dois graus sucessivos de profundidade inconsciente: primeiro, todo líquido é uma água; em seguida, toda água é um leite. (BACHELARD, 1997, p.121).

Assim como a água, a mãe é considerada, muitas vezes, uma figura de presença vital, que protege e transmite segurança, aquela a quem sempre é possível recorrer nos momentos difíceis. Ela é a garantia de que tudo ficará bem. Ainda que, com a modernidade, a figura materna possa ser atribuída também ao pai, no inconsciente, ela permanece ligada à mulher, à mãe, àquela que alimenta e sacia a sede e a fome do filho com leite produzido por si própria. Com isso, o simbolismo materno empregado à água relaciona-se à sua importância, à sua qualidade credita-se a segurança de que tudo permanecerá em ordem. É possível sobreviver sem mãe, mas a falta de sua representação tende a tornar a vida insegura, sem referência, incerta e, portanto, com menor qualidade. Encontra-se aí, então, a relação simbólica entre as duas.

Chevalier e Gheerbrant (1999, p. 21) citam que essa percepção da água ligada ao feminino e ao materno também se encontra entre poetas alemães: “A valorização feminina, sensual e maternal da água foi cantada pelos poetas românticos alemães. É a água do lago, noturna, leitosa e lunar, onde a libido desperta.”

O aspecto maternal da água vincula-se, inevitavelmente, ao seu aspecto feminino; por esse motivo, esclarece-se o entendimento de feminino e masculino a partir da fala de Boff (2003, p.89), uma vez que essas dimensões ambivalentes aparecem com frequência na simbologia da água, destacando-se, nesta análise, a relação da água doce com o feminino, a pureza, a interioridade e a espiritualidade.

Feminino não se identifica com mulher. Feminino/masculino é uma determinação de cada pessoa humana, homem e mulher. São dois princípios (duas forças) que entram na construção e na constituição do ser humano, homem e mulher. Feminino é a dimensão de interioridade, de cuidado, de respeito à vida e ao mistério do mundo, que todos devemos desenvolver. As mulheres realizam a seu modo esta dimensão. Mas os homens também a podem realizar, à sua maneira.

Vale ressaltar que feminino e mulher não são sinônimos, entretanto feminino identifica-se predominantemente com a figura da mulher, principalmente no que tange ao inconsciente humano. Ligação percebida inclusive a partir do exposto por Bachelard, Diegues, Chevalier e Gheerbrant, quando mencionam os simbolismos da água, relacionando feminino, mulher e mãe na perspectiva simbólica sobre a água. Outro aspecto importante na fala de Boff está na ligação do feminino com a dimensão de interioridade, de cuidado, de respeito à vida e ao mistério do mundo. De fato, a água, que está relacionada ao feminino, remete a essas dimensões,

principalmente quando se pensa a sua relação com a espiritualidade e com o inconsciente.

Chevalier e Gheerbrant (1999, p.21, grifo nosso) mostram os aspectos do inconsciente e das emoções vinculados à água, ao mencionar:

[...] a ribeira, o rio o mar representam o curso da existência humana e **as flutuações dos desejos e dos sentimentos [...] A água é o símbolo das energias inconscientes, das virtudes informes da alma, das motivações secretas e desconhecidas.**

Os mesmos autores expõem a ligação da água com a espiritualidade:

A água o símbolo da vida espiritual e do Espírito, oferecidos por Deus e muitas vezes recusados pelos homens. [...] Símbolo, antes de tudo, de vida no Antigo Testamento, a água se tornou, no Novo, símbolo do Espírito. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1999, p. 17).

Simbolicamente, a água representa as emoções; está relacionada, dessa maneira, à interioridade, à ligação com o que há de mais profundo no ser humano, à espiritualidade. Entendendo a espiritualidade não em um sentido religioso, mas como a “capacidade que o ser humano, homem e mulher, tem de dialogar com o seu profundo e entrar em harmonia com os apelos que vem de sua interioridade.” (BOFF, 2003, p.44).

Outro aspecto que se une, simbolicamente, à água e que se relaciona com os demais simbolismos já mencionados é a noção de pureza. Assim, mesmo que Bachelard (1997, p.139) procure não se aprofundar na questão ritualística de purificação, ele focaliza, de forma inevitável, o assunto ao discorrer sobre a matéria pura percebida nesse elemento, expressando que:

Afastando-nos de tudo que diz respeito à pureza ritual, sem nos estendermos sobre os ritos formais da pureza, queremos mais especialmente mostrar que a imaginação material encontra na água a matéria pura. A água se oferece, pois, como um símbolo natural para a pureza; ela dá sentidos preciosos a uma psicologia prolixa da purificação. É essa psicologia ligada a modelos materiais que gostaríamos de esboçar.

Como também relatam Chevalier e Gheerbrant (1999, p. 15) “Na Ásia, a água é a forma substancial da manifestação, a origem da vida e o elemento da regeneração corporal e espiritual, o símbolo da fertilidade, da pureza, da sabedoria, da graça e da virtude.”

A água é, portanto, elemento de purificação, de limpeza completa, pois abrange o sentido físico e espiritual, sendo um meio de renovação. Ademais, pelo exposto, esse elemento vincula-se também à fertilidade, reafirmando sua

importância vital. “Origem e veículo de toda vida: a seiva é água e, em certas alegorias tântricas, a água representa o prana, o sopro vital. No plano corporal, e por ser também um dom do céu, ela é símbolo universal de fertilidade e fecundidade.” Chevalier e Gheerbrant (1999, p. 21).

Dessa forma, a água representa diversos elementos fundamentais ao ser humano, todos interligados: vida, morte, renovação, fertilidade, mãe, pureza, espiritualidade, feminino e masculino. A purificação proporcionada pela água, por exemplo, propicia àquele que se purifica a regeneração, o renascimento, o início de uma nova fase ou de uma nova vida. À vista disso, entende-se que a água simboliza, antes de qualquer outro aspecto, a vida e a possibilidade renová-la.

Os chineses, por exemplo, fizeram dela a residência do dragão, porque todo ser vivente procede das águas. Na Índia, consideram-na mantenedora da vida que circula na natureza, em forma de chuva, seiva, leite, sangue. Ilimitadas e imortais, as águas são o princípio e o fim de todas as coisas. São a fonte da vida. Daí sua íntima associação com o simbolismo do batismo, que representa a morte e a sepultura, a vida e a ressurreição, como exposto por João Crisóstomo. A imersão nas águas tem significado o retorno ao pré-formal, com seu duplo sentido de morte e dissolução, e também de renascimento e nova circulação, pois a imersão multiplica o potencial da vida. (CORRÊA, 1999, p.60).

Chevalier e Gheerbrant (1999, p. 15) expõem o mesmo simbolismo atribuído à água:

Mergulhar nas águas, para delas sair sem se dissolver totalmente, salvo por uma morte simbólica, é retornar às origens, carregar-se de novo num imenso reservatório de energia e nele beber uma força nova: fase passageira de regressão e desintegração, condicionando uma fase progressiva de reintegração e regenerescência.

Destarte, em cada sociedade, a cultura é um dos fatores que determinam a relação do ser humano com a água. A presença de simbolismos contribui para que o respeito ou o temor a esse elemento impeça a sua poluição e o descaso para com sua utilização. Assim, a inexistência desses simbolismos desfavorece o cuidado com a água, ainda que ela seja fundamental à vida, não apenas no sentido simbólico, mas também no sentido biológico.

Corrêa (1999) comenta que o autor Antonio Alcântara Machado reclamou da ausência de um rio largo em São Paulo, todavia, o que faltou não foi um rio, visto a existência dos rios Tietê e Pinheiros, a carência estava em uma “cultura do rio”. Como consequência, percebe-se, na história desses dois rios, outro tipo de conexão estabelecida pela sociedade com eles, uma ligação utilitária, em vez de uma relação

de respeito, culto e sacralização. Pela forma de colonização exploratória do País, supõe a autora que:

Maltrataram e poluíram os rios. Tudo na busca frenética de uma riqueza aparentemente mais fácil. Portanto, não parece que faltou um rio para São Paulo, mas sim vontade ou capacidade de enxergá-lo como algo definitivo e vital para o ser humano. Sob essa ótica míope, o rio acabou sendo encarado mais como receptáculo de dejetos, do que como fonte de vida. (CORRÊA, 1999, p. 53).

Corrêa (1999) menciona, ainda, a presença da água no cotidiano das lavadeiras no Brasil durante os séculos XVII, XVIII e XIX, mostrando que já havia conflitos entre elas pela escassez desse recurso em determinadas épocas do ano. Elas se reuniam nos rios e, principalmente, nas áreas vizinhas às pontes, uma vez que não havia água encanada nesse período. Ressaltam-se desses encontros as brigas entre as lavadeiras na época de estiagem, quando a água era mais escassa, tornando-se insuficiente para que todas pudessem trabalhar. Além do utilitarismo legado aos rios, a acelerada urbanização do País contribuiu para a contaminação das águas.

No Brasil, a mudança de uma sociedade tipicamente rural para uma sociedade com características urbanas predominantes ocorreu em um prazo considerado curto para essa transição. Em um período de 50 anos, houve uma inversão de 80% da população que vivia no campo para apenas 20% dessa população ocupando a zona rural. Como o processo da mudança de ocupação não foi acompanhado por uma completa urbanização, evidenciaram-se a pobreza e a segregação entre diferentes classes sociais. Uma das consequências desse processo, e da resultante multiplicação das periferias urbanas, é a contaminação da água, transformando-a no principal agente transmissor de doenças. Isso ocorre pela incorporação do lixo difuso e do esgoto à água, devido à falta de coleta de lixo e de saneamento básico nessas regiões, apresentando um cenário onde os dejetos correm a céu aberto. (ROMANO, 1998).

Com a diversificação dos usos da água e, por conseguinte, a necessidade crescente desse elemento, sua contaminação e sua escassez no planeta passaram a ocupar o centro de discussões em diferentes escalas (mundial, nacional, estadual, municipal), desencadeando uma necessidade cada vez maior de gestão adequada para que se mantenha a qualidade e a quantidade desse recurso. O Fórum Mundial da Água, que já ocorreu seis vezes – o último no início de 2012, na França –, é um dos encontros que representa a incorporação da água nas discussões planetárias.

Sobre as diferentes utilidades desse elemento ao ser humano, alguns exemplos de usos múltiplos da água são: agricultura, abastecimento público, hidroeletricidade, usos industriais diversificados, recreação, turismo, pesca, aquicultura, transporte e navegação, mineração e usos estéticos. (JOSÉ TUNDISI; TAKAKO TUNDISI, 2010).

A mesma questão aparece, no Programa Nacional de Vigilância em Saúde Ambiental, relacionada à qualidade da água para consumo humano:

A demanda crescente dos diversos usos da água tem despertado o interesse dos mais variados setores, motivando-os a elaborar modelos de uso e gestão capazes de compatibilizar as demandas com a relativa escassez do produto e a sua qualidade adequada. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005, p. 14).

Em 2011, a ONU fez um levantamento global no intuito de verificar o progresso do manejo sustentável dos recursos hídricos. Após analisar dados de mais de 125 países, as constatações preliminares foram de um impacto significativo sobre as práticas de desenvolvimento e de manejo hídrico em âmbito nacional, uma vez que 64% desses países já desenvolvem planos de manejo integrado de recursos hídricos conforme determinado no Plano de Implementação de Joanesburgo. Ademais, 34% deles asseguram estar em um estágio avançado de implementação. Tal fato ilustra a preocupação mundial com a gestão das águas no planeta, apesar de a ONU relatar também que o progresso desse manejo sustentável parece ter diminuído a partir de 2008 nos países com baixo e médio Índice de Desenvolvimento Humano. (UNESCO, 2012).

As mudanças de concepção sobre a água doce no período republicano e as formas de gestão sobre ela no Brasil são abordadas por Emília Rutkowski (1999), focalizando a cidade de São Paulo. Para discorrer sobre o assunto, ela considera o pensamento de Yassuda (1989) a respeito de essa trajetória refletir o próprio processo de desenvolvimento da administração pública brasileira. A partir disso, a autora divide a trajetória em quatro momentos de características estruturais próprias – cada um interligado à organização político-institucional da época –, os quais determinam as formas de gestão adotadas no decorrer do tempo.

Os momentos apresentados são:

1. Sanitarista (1890-1934): as águas doces são consideradas um bem privado, sendo o abastecimento público de responsabilidade da administração municipal. Neste momento, predomina a discussão sobre

salubridade urbana, e a atenção está tanto na qualidade como na quantidade da água.

2. Tecnoburocrático (1934-1963): “as águas passam a ser consideradas um bem coletivo e dotado de valor econômico” (EMÍLIA RUTKOWSKI, 1999, p.40). O valor atribuído à água corresponde ao seu uso como insumo para o desenvolvimento econômico. A preocupação volta-se para a quantidade de água, com foco nas novas possibilidades de tratamento pelas recentes tecnologias, que propiciaram a tendência de se considerar a água um recurso inesgotável e ilimitado.

3. Econômico-financeiro (1963-1982): retorna a preocupação com a qualidade das águas devido à escassez consequente da expansão urbana. Surge a necessidade de implementar os mecanismos legais de controle.

4. Ambiental (a partir de 1982): a administração pública começa a discutir a salubridade, pautada em questões ambientais. A Política Nacional de Recursos Hídricos consolida a indissociabilidade solo-água, com a definição da bacia hidrográfica como unidade de gestão.

A bacia hidrográfica, que passa a ser a unidade de gestão das águas, “compreende a área de captação natural das águas precipitadas cujo escoamento se dirige a um único ponto de saída, o exutório”. (EMÍLIA RUTKOWSKI, 1999, p. 8). J. Tundisi e T. Tundisi (2010) mencionam que a gestão por bacia hidrográfica contribui para a integração entre a pesquisa, o gerenciamento e a participação da comunidade, proporcionando condições para a contagem e o uso de banco de dados útil à gestão da disponibilidade, da demanda e da integração quantidade/qualidade.

A partir do exposto, considera-se que, à medida que a água, assim como os outros elementos naturais, favoreceu o desenvolvimento de povos, cidades, civilizações, passou também a sofrer uma degradação crescente causada pelas formas de uso e pela posição, mais utilitarista que simbólica, que veio a ocupar na perspectiva desenvolvimentista. Portanto, a utilização desses recursos para a produção de tecnologias cada vez mais avançadas contribui, por um lado, para melhor qualidade de vida, mas, por outro, contraditoriamente, provoca a degradação da natureza, o que prejudica a qualidade de vida.

Nesse contexto e na sequência em que se seguiram as formas de desenvolvimento dependentes da constante exploração da natureza, Boff (2003, p.47) coloca que:

O alerta ecológico foi lançado em 1972 pelo Clube de Roma, no qual, na essência, se confessava: o tipo de desenvolvimento técnico-industrial tanto nos países da área capitalista quanto de campo socialista implica uma sistemática agressão à natureza, um paulatino esgotamento dos recursos não renováveis e uma degradação crescente da qualidade de vida para os seres humanos e para os demais seres vivos. A escassez dramática de água doce (só 0,7% acessível ao consumo humano), o efeito estufa e o buraco de ozônio podem produzir malefícios irreparáveis para a biosfera.

A fala de Boff mostra a agressão a elementos vitais causada pelo modelo paradigmático da dominação do homem sobre a natureza datada do século XV, quando da junção ciência e tecnologia – que deu início aos prejuízos da qualidade de vida somados na contemporaneidade. Essa degradação ocorre em nome do desenvolvimento técnico-industrial, que, todavia, pode acarretar o aniquilamento da vida no planeta.

Outro ponto fundamental apresentado por Boff é o percentual de apenas 0,7% da água doce como acessível ao consumo humano. Isso significa que a velocidade da degradação desse elemento tende a atingir, em curto prazo, um número cada vez maior de pessoas em sua qualidade de vida, já que a parcela de água doce realmente acessível apresenta um percentual pequeno. A manutenção da qualidade da água é necessária à saúde e ao bem-estar e esse aspecto não pode ser ignorado nos processos de desenvolvimento técnico-industriais, nem em qualquer outro processo que explore tal recurso para desenvolver-se, como é o caso do turismo de águas termais ou de praia.

Molina escreveu que:

Nossa civilização menosprezou essa lei natural, conferindo aos mares, rios, lagos e lagoas o papel de grande lixeira, ao descarregar neles toda a espécie de detritos, resultantes dos processos industriais, de serviços agrícolas, de mineração, etc. (MOLINA, 2001, p. 48).

Vê-se, então, que a humanidade prejudica a qualidade de sua própria existência ao poluir a pouca água doce acessível. Nesse sentido, repita-se, o processo desenvolvimentista é contraditório, por degradar recursos que originam o desenvolvimento técnico-industrial e que são tão necessários à qualidade de vida.

Conseqüentemente, questiona-se: o que seria, então, “desenvolvimento”, levando-se em conta, afinal, que todo tipo de produção gera resíduos? A resposta

está no fim dado a essas sobras, pois, em um modelo considerado realmente desenvolvimentista, os resíduos das produções industriais e tecnológicas, entre outras, recebem uma destinação menos prejudicial para o meio ambiente e o ser humano que o cômodo ato de despejá-los em mares, rios ou lagos. Se esse tipo de desenvolvimento é geralmente justificado pela busca de melhoria na qualidade de vida, não é possível aceitar a degradação de recursos naturais que mais podem garantir essa condição. Tal atitude somente pode ser explicada por uma visão reducionista e imediatista do que é desenvolvimento.

Nessa perspectiva, ainda segundo Molina (2001, p.39):

Devemos entender, agora, que quanto mais for adiada a aplicação de novos modelos de desenvolvimento, nas quais a variável ambiental alcance uma elevada hierarquia, par a par com as de ordem econômica e social, não se poderá alimentar a esperança de alcançar altos níveis de bem-estar. Enquanto o curso dos acontecimentos conhecidos prosseguir, o esgotamento dos ecossistemas naturais avançará com inusitada rapidez, tornando-se cada vez mais difícil e mais oneroso recuperá-los.

Por esse motivo, a necessidade de se abordar o aspecto das formas desenvolvimentistas. Ainda não sendo esse o principal foco da discussão, mencioná-lo é condição *sinequanon* para a compreensão do tema desta pesquisa. Para ilustrar a gravidade da questão, demonstrando-se que não se trata de uma visão alarmista, e sim real e próxima, cita-se um exemplo dado por Molina (2001, p.39) do resultado da atitude de despreocupação com o destino dos resíduos:

A propósito, um claro exemplo se tornou público durante as primeiras semanas de fevereiro de 1981, em Nova York, quando a cidade se viu ameaçada por uma forte escassez de água: em determinado momento, analisou-se a alternativa de tratar as águas do rio Hudson, mas seu nível de poluição era tão alto que se tornava inviável custear qualquer ação destinada a recuperá-la para consumo humano.

Recolocando a água e o seu papel para qualidade de vida em destaque, é indispensável incluir o que este autor aborda ao discorrer:

O funcionamento das cidades necessita de grandes volumes de energia, proveniente, em sua maior parte, da queima de combustíveis fósseis, como o carvão, o petróleo e o gás natural. Do mesmo modo, as cidades precisam de recursos naturais, como a água doce, cuja provisão para atender as necessidades solicitadas por seu desenvolvimento equilibrado faz com que, para o século XXI, a falta de água esteja se transformando em um dos desafios mais importantes a médio prazo. Poder contar com água para a população demanda grandes investimentos para sua extração, transporte e distribuição nas grandes cidades; tudo isso é imprescindível para melhorar as condições higiênicas e a saúde da população, bem como para estimular o desenvolvimento de atividades produtivas; as cidades também produzem resíduos (sólidos e líquidos) em quantidades notáveis, e uma grande parte

são vertidos em depósitos de água doce, sem o menor tratamento intermediário. (MOLINA, 2001, p.42).

Dessa forma, não há como garantir a qualidade da água para assegurar as condições higiênicas e de saúde da população. Isso evidencia, claramente, o vínculo indissociável entre água, qualidade da água e qualidade de vida e distancia a relação simbólica até então estabelecida entre o processo civilizatório e o valor ritualístico da água na sociedade contemporânea.

2.2 TURISMO DE BALNEÁRIO E TURISMO DE SAÚDE

As práticas balneárias vinculadas à saúde são realizadas desde a Antiguidade, com origem na Grécia e em Roma. Além dos cuidados com a saúde, elas integravam formas de socialização, de lazer, de purificação e de higiene. (GRAÇA, 2004; QUINTELA, 2004; PAIXÃO, 2007).

Além de serem lugares próprios para descanso, os banhos medicinais serviam para divertimento e higiene. Os de Agrippa – general amigo de Augusto –, hoje desaparecidos, constituíram o primeiro exemplo da concepção monumental das termas romanas dos séculos II e III, das quais as mais famosas foram as dos imperadores Diocletianus e Caracalla [...].(PAIXÃO, p. 137, 2007).

Alexandre e Malcata observam a relação da cura com os banhos presente também na mitologia, o que expressa simbolicamente a importância dos banhos na sociedade romana como forma de reestabelecimento do corpo.

Desde a Antiguidade que as águas termais têm sido utilizadas com objectivo terapêutico. Da mitologia veio-nos a descrição de que Minerva aconselhou Hércules a banhar-se em determinadas águas para se aliviar da fadiga. Marte, ferido, foi tratado pelas águas de uma fonte conhecida da deusa Hebe. (ALEXANDRE; MALEATA, p. 44, 2000).

Alexandre e Malcata (2000) e Rêgo et al. (2008) comentam que Heródoto (450 a.C.) já havia escrito sobre os benefícios das termas para tratamentos, estabelecendo princípios a serem observados para sua utilização, entre eles, duração de 21 dias, escolha da época do ano e modo de administrar os banhos.

Exemplos de Termas em Roma são as de Agripa, de Nero e de Tito. As de Nero, situadas no Campo de Marte, tinham maior aceitação no ranking de banhos públicos da população de Roma. Entre suas características, estavam o luxo, o

requite e a alta temperatura da água. Os Banhos Públicos de Tito, próximos ao anfiteatro Flávio (Coliseu), eram menos populares, seguidos pelas Termas de Agripa, tidas como ultrapassadas, também situadas no Campo de Marte. (GRAÇA, 2004).

Paixão (p.137, 2007) relata características do uso da água e a forma de abastecimento no Império Romano, tanto para saneamento como para as termas.

O escritor militar romano Sexto Júlio Frontino (40-103 d.C), em sua obra *De aquis urbis Romae*, explicou sobre os 14 aquedutos que seguiam o mesmo desenho (arcos semicirculares de pedra, montados sobre uma fileira de pilares) e abasteciam 856 banhos privados e as termas com 300 milhões de galões de água potável. Frontino ainda registrou que 'o imperador utilizava 17% da água de Roma, 39% era usada de maneira privada, e 44% era de uso público, subdivididos em 3% para os quartéis, 24% para os edifícios públicos (incluídos 11 banhos públicos), 4% para os teatros, e 13% para as fontes.

As obras de Homero igualmente descrevem situações de banhos termais, contudo sua popularização como fonte de cura e prazer aconteceu por intermédio dos romanos. Com o declínio do Império Romano, a natureza higiênica dos banhos começou a se deteriorar. Pela proibição cristã do uso de termas públicas, durante a Idade Média, essa prática tornou-se cada vez menos habitual, até desaparecer completamente, por volta de 500 d.C. (RÊGO, 2008). Paixão (2007) acrescenta que algumas termas realmente se tornaram prostíbulos e que os banhos e os jogos, relacionados entre si, estavam arraigados nos costumes das famílias.

Quintela (2004, p.4) relata:

Já na Idade Média, na Europa, as termas foram alvo de hostilidade pelo facto de as atividades aí realizadas, especificamente os banhos quentes, serem, principalmente por parte da Igreja Católica, considerados 'infames' (cf. Vigarello, 1998, p. 35) e, segundo a opinião de S. Jerónimo (Epístola 45.5), 'um atentado contra a castidade'. Assim, com as regras rígidas de uma moral cristã de culpabilização dos prazeres do corpo como pecaminosos, os 'banhos', enquanto acto profano, foram relegados para o obscuro.

Após o período de desuso, ressurgiu o interesse pelos banhos termais como meio curativo a partir do século XV ou XVI (RÊGO et. al, 2008; ALEXANDRE; MALCATA, 2000). Inclusive a Igreja reformulou sua posição, tornando-se organizadora de peregrinações na França e gerando estabelecimentos termais sob sua dependência. Assim, a cura, ligada à religião, tornou-se o foco dessa prática. Essa associação passou a ser uma das motivações da procura pelas águas termais e por outras às quais se atribuíam virtudes santas e curativas. Também por meio

desse vínculo águas-cura-religião, erigiram-se povoações e construíram-se lugares de culto. (QUINTELA, 2004).

Quintela (2004) destaca o papel da aristocracia francesa na reabilitação das termas, com idas da corte a banho no século XVIII, além da emergência de uma nova burguesia, a exemplo de Bath, na Inglaterra, resultando no desenvolvimento de novas cidades. Outros exemplos de estâncias da moda entre os séculos XVI e XVIII são Brighton, também na Inglaterra; Aix-la-Chapelle e Schwalbach, na Alemanha; Biarritz, na França; os Alpes, na Suíça e Chamonix, no Alto Savoia. (PAIXÃO, 2007).

Urry (2001) e Barbosa (2002) acrescentam o fato de o auge do Grand Tour ter sido na mesma época e citam Bath como exemplo de destino para banhos termais. Esses autores comentam que a água mineral era utilizada para banhos e para beber, ainda que não se tenha esclarecido a razão pela qual as pessoas acreditavam em suas propriedades medicinais.

Nesse sentido, Bachelard (1997, p.133) comenta a relação simbólica da água com a cura pelas imagens materiais da água, “suaves e cálidas, tépidas e úmidas”, presentes numa medicina imaginária que influencia o inconsciente. Portanto, assume-se que, independentemente das razões físico-químicas para os efeitos curativos daquelas águas, elas exerciam influência na cura e no bem-estar dos que as utilizavam.

A cura pela água em seu princípio imaginário pode ser considerada do duplo ponto de vista da imaginação material e da imaginação dinâmica. Para o primeiro ponto de vista, o tema é tão claro que basta enunciá-lo: atribuem-se à água virtudes que são antitéticas dos males do doente. O homem projeta o seu desejo de curar e sonha com a substância compassiva. É surpreendente a quantidade de trabalhos médicos que o século XVIII dedicou às águas minerais e às águas térmicas. Nosso século é menos prolixo. Veríamos facilmente que esses trabalhos pré-científicos pertencem mais à psicologia que à química. Inserem uma psicologia do doente e do médico na substância das águas. (BACHELARD, 1997, p.153).

Convergente ao que discorre Bachelard, acrescenta-se a conclusão dos autores Alexandre e Malcata (2000) sobre o efeito do termalismo nas doenças reumáticas. A partir de sua pesquisa, eles entendem que o termalismo não funciona como panaceia ou placebo para os reumatismos, mas sim como uma terapia complementar, que não pretende ser fonte curativa, todavia contribui para a melhora do doente. Destarte, retoma-se a influência do aspecto psicológico nos tratamentos termais, que envolvendo a questão simbólica da água presente no imaginário

humano. Relação que pode ser percebida de forma mais ampla pela existência da recomendação de tratamentos que abrangem balneários de águas de mar.

Nesse sentido, Corbin (1989, p. 69) comenta que, em meados do século XVIII, turistas buscavam as praias de mar no intuito de acabar com a melancolia, considerada um mal que se propagava entre as classes dominantes. Os médicos consagravam a cura às qualidades da água fria do mar.

Doravante, os novos investimentos que surgiram, com o sucesso dos balneários e estâncias europeias, retomaram os jogos como atividades presentes nos balneários, aliando a tranquilidade desses locais à agitação dos cassinos. O foco era reacender a diversão para uma elite ociosa. (PAIXÃO, 2007).

No Brasil, as primeiras fontes naturais, com gosto ou cheiro incomuns, foram descobertas no século XVIII. A partir desse momento, algumas localidades do País passaram a ser frequentadas por seus recursos hidrominerais. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010). No século seguinte, com a chegada da Família Real ao Brasil, em 1808, iniciaram-se avaliações médico-científicas das fontes minerais brasileiras (SANTOS, 2008). Em 1812, foram enviadas para a corte amostras de água termal do Cubatão (Santa Catarina), conhecida como Caldas da Imperatriz, para serem analisadas, culminando na criação da primeira estância termal brasileira, em 1818, fato que legitimou o uso das águas termais no Brasil. (QUINTELA, 2004).

A chegada de europeus ao Brasil no século XIX provocou o surgimento de novas hospedarias, restaurantes mais apresentáveis, rotas de trem e novos costumes voltados para a manutenção e a recuperação da saúde. Para a diversão nos locais de veraneio, havia mesas de jogos. Entre os primeiros locais a receber visitantes estavam: Caldas da Imperatriz (Santa Catarina), Petrópolis (Rio de Janeiro), Poços de Caldas (Minas Gerais) e Campos do Jordão (São Paulo) (PAIXÃO, 2007).

O século XIX foi um período em que se desenvolveram novos destinos termais, não apenas no Brasil, mas também na Europa, como: Monte Carlo, em Mônaco; Nice, Cannes e Vichy, na França; Blackpool, na Inglaterra; Marienbad, na Tchecoslováquia; Riviera Italiana; e Ilhas Canárias, na Espanha, entre outros. Nas Américas do Norte e do Sul, destacam-se: Atlantic City e Saratoga Springs, nos Estados Unidos; Branff Springs Hotel, no Canadá; Mar del Plata, na Argentina; e Viña del Mar, no Chile (PAIXÃO, 2007).

Além do aspecto mencionado, outros fatores contribuíram para que o desenvolvimento de hidroterapias, principalmente do termalismo, se intensificasse no século XIX. No Brasil, favoreceram o surgimento de termas a construção de ferrovias, o que facilitava o deslocamento, e o interesse da ciência em comprovar as propriedades curativas das águas. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010). Outro acontecimento que incrementou o setor foi a visita da Princesa Isabel às estâncias do sul de Minas para tratamentos de saúde, em 1860. (SANTOS, 2008).

Rêgo et al. (2008) comenta que, no Brasil, as primeiras notícias sobre águas minerais, publicadas em periódicos da Academia Real de Medicina Brasileira, no século XIX, referiam-se a fontes de Goiás, utilizadas em tratamentos da morfeia. Esses autores mencionam exemplos de vários destinos de águas termais nacionais. Alguns deles são: Águas Carbogosas de Caxambu, São Lourenço, Águas Termais Curativas e Sulforosas de Araxá e Poços de Caldas, em Minas Gerais; Brejo das Freitas, na Paraíba; Mossoró, no Rio Grande do Norte; Caldas de Barbalho, no Ceará; Olinda, em Pernambuco; Gamboa, no Maranhão; e Gravatal em Santa Catarina, para citar apenas alguns.

A partir do exposto, observa-se que o termalismo se vincula aos jogos de cassino, ao lazer e à saúde – envolvendo o simbolismo da purificação e da cura pela água. Ele está entre as razões para os deslocamentos rumo a esses destinos, por isso é considerado uma das motivações para a prática turística.

Aos ‘banhos’ e às termas estiveram sempre associadas práticas que oscilaram ambigualmente entre o controle do corpo e o prazer e é nesta medida que a deslocação para as termas é apontada por Armando Narciso (1994a) – médico hidrologista – como o primeiro movimento turístico da viagem ‘da cura e do prazer’. (QUINTELA, 2004, p. 3).

Apesar da relação com tratamentos de saúde, a procura por lazer nas termas é uma forte característica desse segmento turístico. Quintela (2004) ressalta que o autor Philys Hemphry já havia observado isso no século XIX, na Inglaterra, mencionando que o “*taking the cure*” atraía os visitantes mais pelos divertimentos sociais que pela saúde. Além desse, outros autores que escreveram sobre a vida nas termas evidenciaram a vertente lúdica e a procura do ócio nas estações. (QUINTELA, 2004).

Rêgo et al. (2008) acrescentam que um estudo realizado em dois hotéis onde há serviços terapêuticos com águas termais, um em Gravatal e outro em Iretama, mostra que os hóspedes os procuram mais pelo lazer que pela saúde.

A procura pelo lazer nas estâncias termais era percebida desde o século XIX, mas outros acontecimentos contribuíram para fomentar esse interesse. Entre eles, estão: os banhos termais já foram considerados práticas de charlatanismo; o incremento do processo de especialização da medicina simultâneo à exclusão de práticas alternativas de saúde; o descredenciamento do termalismo no campo da saúde oficial; e a descoberta de potentes remédios alopáticos com a ocorrência da Segunda Guerra Mundial. (SANTOS, 2008). Dessa forma,

A relação da pessoa com o adoecer também se modificou. Passou-se do tempo em que se deveria ficar em casa ou em um lugar de clima ameno para aguardar o restabelecimento e aproveitar para pensar na vida, para um tempo de nem sequer pensar em adoecer, pois adoecer era o mesmo que desfaltar o tempo produtivo, e pensar na vida passou a ser considerado uma perda de tempo. As estâncias termais não faziam mais parte desse quadro. Sua utilização seria possível, desta vez, pela via do turismo de lazer (hoje, SPAs). (SANTOS, 2008, p. 102).

Portanto, foram diversas as questões que favoreceram o declínio da busca dos banhos termais como tratamento de saúde, envolvendo desde aspectos ideológicos – como a aceitação da medicina oficial, da concepção saúde-doença, da importância de se atentar para a saúde como essencial à produtividade e da concepção do bom aproveitamento do tempo – até o surgimento de novas alternativas de medicamentos, que faziam parte desse contexto de mudanças ideológicas.

Outras modificações ocorreram no campo da relação saúde-doença. Na contemporaneidade, esse conceito considera a importância da prevenção de doenças como aspecto fundamental para a manutenção do bem-estar e da qualidade de vida, que passaram a integrar a concepção de saúde. Ademais, essa nova percepção inclui mudanças de hábitos alimentares e prática de exercícios por parte de uma geração muito preocupada em se conservar sadia. A saúde é, sem dúvida, necessária à manutenção das atividades diárias, como trabalho, afazeres domésticos, convivência social e lazer, aspectos que motivam a busca por hábitos saudáveis, ainda mais evidentes nos dias atuais que na Antiguidade.

Nesse sentido, o Mistério do Turismo comenta:

A evolução do conceito de saúde que, na atualidade, enfatiza a visão biopsicosocial do ser humano, considerando seu bem-estar e, mais que isso, a condição dinâmica do processo saúde-doença, leva à busca contínua pela manutenção da saúde. Além disso, o fato de, contemporaneamente, o homem ser diretamente responsável pelo processo de tornar-se saudável ou de assumir a consciência do auto-cuidado, remete

à visualização da promoção e manutenção da saúde, prevenção e cura de doenças como ações indissociáveis. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 11).

Santos (2008, p. 102) observa essa mudança a partir da perspectiva do resgate de práticas terapêuticas complementares nos tratamentos de saúde: “Curioso é perceber que, atualmente, ocorre um retorno, uma preocupação por parte das autoridades de saúde em estimular a pesquisa e a utilização de práticas interativas complementares ao sistema de saúde vigente.”

Nesse sentido, acrescenta-se:

Diante desse contexto, surge o Turismo de Saúde que, embora pareça ser um novo segmento, é uma das mais antigas atividades turísticas, uma vez que deslocamentos em busca de saúde têm ocorrido, desde a antiguidade, pelo mundo todo, envolvendo tanto promoção e manutenção da saúde, quanto a prevenção e cura de doenças. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 11).

É importante ressaltar que a expressão turismo de saúde não esteve sempre presente para se referir às viagens com esse fim. O termo surgiu mais tarde e, ao longo do tempo, adquiriu um significado diferente do inicial.

Assim, inclui-se a referência de Cunha (1997, p.159) sobre o conceito dessa prática:

Inicialmente, o conceito de turismo de saúde abrangia unicamente os equipamentos sanitários que, utilizando os recursos naturais, climáticos ou hidrológicos, se destinavam a prestar tratamento ou cuidados de saúde às pessoas que padeciam de uma doença. Do conceito, eram, conseqüentemente, excluídas todas as situações que não tivessem um fim curativo e que não utilizassem os recursos naturais.

Nesse sentido, destaca-se que, desde seu surgimento, o conceito sofreu mudanças e o que não seria considerado antes turismo de saúde – como viagens que envolvem atividades físicas ou temporadas em SPAs, onde se oferecem desde tratamentos estéticos até atividades com diversos tipos de relaxamento, não propriamente com fins curativos, mas que se relacionam à busca por melhor qualidade de vida – já pode ser assim aceito. Em outras palavras, o que antes era chamado de turismo de saúde ainda continua a ser assim considerado, todavia a concepção se ampliou e abrange hoje várias outras formas de viagens, não se restringindo somente àquelas.

Cunha (1997, p.162) explica a razão pela qual esse conceito se estendeu a outras formas de turismo, por meio da contextualização de características próprias da vida contemporânea:

Contudo, o reconhecimento da importância dos fatores psicológicos e dos desequilíbrios psico-fisiológicos provocados pela vida moderna caracterizada pelo sedentarismo, pela monotonia, pela concentração urbana e pela agitação e tensão permanente (o *stress*) levaram a alargar o conceito do turismo de saúde aos programas que permitam aos turistas, durante a sua permanência num local de destino, melhorar os seus estados de saúde, prevenir os diferentes fatores de risco de saúde, bem como recuperar de estados de debilitação provocados pela doença. Neste sentido, os aspectos terapêuticos ou curativos deixam de ser os únicos a fundamentar o turismo de saúde e, embora os recursos naturais se mantenham como a sua base essencial, abrange também as atividades físicas ou desportivas bem como os fatores ou actividades complementares que contribuem para o bem-estar.

Com isso, evidencia-se um novo olhar sobre o que é saúde, anteriormente vinculada à ausência de doenças, mais ligadas aos aspectos físicos que aos psíquicos do organismo. No contexto da vida contemporânea, ela se vincula à ideia de qualidade de vida, que ultrapassa a de ausência de males físicos no organismo como determinantes de saúde. A qualidade de vida envolve a questão do bem-estar em todos os âmbitos, mental, físico e emocional/afetivo. Portanto, a correria, a quantidade de afazeres e a demasia de informações associadas à falta de tempo para o relaxamento, para a despreocupação e para a desocupação são geradores de *stress* e de desequilíbrios, que agredem a qualidade de vida, prejudicando a saúde.

O conceito oficial de turismo de saúde no Brasil considera que ele “constitui-se das atividades turísticas decorrentes da utilização de meios e serviços para fins médicos, terapêuticos e estéticos.” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 15). Acrescenta-se que os termos turismo hidrotermal, turismo hidromineral, turismo hidroterápico, turismo termal, turismo de bem-estar, turismo de águas, turismo medicinal, turismo médico-hospitalar, entre outros, podem ser compreendidos de maneira genérica como turismo de saúde. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 15).

Sobre esse tema, Quintela (2003) compara práticas termais em Portugal e no Brasil. Ele comenta que uma das principais diferenças dessa prática entre os dois países está na medicalização em Portugal, e na não medicalização no Brasil. Entre as semelhanças, está a presença dos simbolismos da água e do imaginário, que envolvem a cura pelas termas.

‘Não andava, não caminhava... e ao fim de três banhos já conseguia sair da banheira sozinho’. Estas são algumas das frases recorrentes no *entourage* dos estabelecimentos termais, tanto em Portugal como no Brasil. As

explicações dadas para este fenómeno assentam no poder curativo das águas: ‘milagrosas’, ‘santas’, ‘misteriosas’ e originadas num ‘vulcão’. Estas são ainda legitimadas por mitos de fundação da nação: D. Afonso Henriques, que com águas termais teria curado uma ferida que contraíra em batalha, e a Imperatriz Teresa Cristina, que teria, também por esse meio, resolvido o seu problema de esterilidade. (QUINTELA, 2003, p. 172).

Este trecho evidencia, pelos termos entre as aspas, a forte presença do ideário mítico que integra a “fé” na cura pelas águas termais. Vinculados aos simbolismos da água como algo que favorece, em um aspecto psíquico, a melhora da saúde, estão a aproximação com a natureza e o afastamento da rotina, proporcionados pela viagem.

A prescrição da ‘cura termal’ estava associada à necessidade de ‘mudança de ares’, a qual implicava uma viagem. ‘A mudança de ares’ consistia, sobretudo para aqueles que viviam nas cidades, numa deslocação até o campo, a qual gera até uma nova forma de calendarização anual – a vilegiatura. (QUINTELA, 2004, p.5).

Além dessas, outra característica que ainda é mencionada como fundamental à eficácia dos banhos, e também pode ser entendida simbolicamente por seu histórico, é a necessidade de que sejam 21 banhos, ou 21 dias, como foi definido por Heródoto (450 a.C.).

A escassez do número de banhos também é referida por alguns hóspedes como ineficaz terapeuticamente: ‘um banho só não faz nada. São necessários pelo menos oito dias’. E os hóspedes com uma história termal mais longa afirmam que as ‘águas são misteriosas’, ‘são santas’, mas os banhos têm que ser ‘bem feitos’. Para isso é necessário para uns fazer 21 banhos, para outros 21 dias.(QUINTELA, p. 175, 2003).

O turismo, como prática de lazer e de descanso, desde os primórdios da modernidade, utilizou-se de locais apropriados, do ponto de vista natural, para associar conteúdos de prazer com qualidade de vida, principalmente ao recuperar a representação simbólica da água.

As termas eram (e são) apresentadas como estâncias climáticas, lugares por excelência da Natureza. Deste modo, figura-se a natureza como um elemento de continuidade na construção social das termas, quer se fale da cura, da manutenção da saúde ou da recreação e do repouso. (QUINTELA, 2004, p.7).

A partir do exposto, evidencia-se a ligação íntima entre turismo, saúde, simbolismo, termalismo e natureza. Elementos que se unem desde a antiguidade, integrando diversas concepções de sociedade-natureza vinculadas ao turismo de águas termais ao longo do tempo.

2.2.1 Sustentabilidade e Turismo Sustentável

Sustentabilidade é um assunto que permeia diversos setores, mas que ganhou destaque com a proposta do chamado desenvolvimento sustentável. A partir do tratado de Brundtland (1987), ela engloba a ideia de se usar os recursos disponíveis sem esgotá-los, numa tentativa de manter sua duração e qualidade pelo maior tempo possível, considerando-se o bem-estar das gerações atuais e futuras.

Molina (2001, p.148) elucida que: “Um dos postulados centrais do desenvolvimento sustentável consiste no aproveitamento, a longo prazo, dos recursos naturais e culturais, integrando a suas características os sistemas produtivos.”

Nessa perspectiva, entra um fator fundamental para a sustentabilidade, a visão de produtividade e aproveitamento de recursos em longo prazo. Trata-se de um enfoque diferente do que costuma acontecer: a predominância da busca por produtividade em um contexto imediatista, em que se pensa apenas nos resultados em curto prazo, havendo, por conseguinte, o esquecimento quanto à análise das consequências futuras, não percebidas instantaneamente.

No mesmo sentido, é colocado por Sachs (2002, p.55) que:

A história nos pregou uma peça cruel. O desenvolvimento sustentável é, evidentemente, incompatível com o jogo sem restrições das forças do mercado. Os mercados são por demais míopes para transcender os curtos prazos (Dupack Nayyar) e cegos para quaisquer considerações que não sejam lucros e a eficiência smithiana de alocação de recursos.

É necessário mostrar aos mercados os benefícios conseguidos, inclusive em curtos prazos, com a busca de produções mais sustentáveis. Uma vez que eles estão preocupados com o lucro, a ponto de não enxergarem os benefícios alcançados com práticas sustentáveis, é preciso convencê-los usando a mesma linguagem: a linguagem dos lucros. Portanto, se lhes for exposto o ganho possível com a economia de energia, o reaproveitamento de materiais, o uso racional da água, entre diversas outras práticas conjugadas à ideia de desenvolvimento sustentável, será mais fácil incluí-los nessa perspectiva, ao despertar seu interesse pela proposta sustentável a partir dos lucros que terão com essa nova prática.

Se os recursos disponíveis, todavia, forem usados impensadamente, numa visão míope ou cega, como colocado por Sachs, eles tenderão ao esgotamento, impossibilitando a continuidade das produções. Afinal, por maior que seja a capacidade de renovação desses recursos, bem como a possibilidade de descobertas de outros por parte do ser humano, se a velocidade do uso for maior que a da reposição ou substituição, o mercado também estará comprometido.

Com relação a isso, cabe mencionar o que Sachs (2002, p.70) identifica como recurso.

O conceito de recurso é cultural e histórico. É o conhecimento pela sociedade, do potencial do seu meio ambiente. O que hoje é recurso, ontem não o era, e alguns dos recursos dos quais somos dependentes hoje, serão descartados amanhã; assim caminha o progresso técnico.

Esse conceito pode inclusive iniciar outra discussão sobre a sustentabilidade, já que ela carrega um estigma de ser inalcançável, podendo haver apenas uma aproximação da ideia proposta, mas não uma aplicação plena de modelos sustentáveis de produção. Então, superada a premissa de que os recursos também mudam, deixando de ser hoje o que outrora foi assim considerado, cabe dizer que é possível alcançar a sustentabilidade, não porque um determinado recurso é inesgotável, mas porque outros surgirão.

Todavia, isso não significa dizer que é desnecessária a preocupação com a conservação dos recursos hoje utilizados, mas sim importa perceber que existe dinamicidade no que são considerados recursos para as formas de produção, desenvolvimento e progresso. Consequentemente, a sustentabilidade não pressupõe estagnação, estancamento, mas busca por equilíbrio no uso dos recursos disponíveis.

Ademais, cabe considerar que alguns recursos não são substituíveis e outros, apesar de renováveis, são finitos, como é o caso da água. Nesse sentido, Sachs (2002, p.70) coloca que:

Deveríamos confiar o máximo possível no fluxo de renovação dos recursos. Entretanto, capacidade de renovação dos recursos - significando este termo o suporte básico da vida, água, solo e clima - requer uma gestão ecológica prudente, pois não se trata de um atributo concedido de uma única vez, para sempre.

No contexto da sustentabilidade, é imprescindível que os recursos sejam utilizados numa velocidade equivalente à sua capacidade de renovação. Afirmar que

não há problema em se utilizar os recursos naturais por serem eles renováveis seria um equívoco. Parte desse princípio a necessidade de se pensar a sustentabilidade como uma forma inteligente de gerir os recursos disponíveis e indispensáveis aos diversos tipos de produção, seja produção de matéria (roupas, sapatos, móveis, entre outros), energia (luz elétrica, combustíveis, entre outros) ou serviços (desenvolvimento de atividades turísticas, consideradas parte do setor de serviços, com a finalidade de oferecer lazer, por exemplo).

Molina (2001, p.149) acrescenta outra questão essencial à inserção de um modelo sustentável nas formas produtivas: a necessidade de uma mudança de valores. Ele diz:

É evidente a urgência de se pôr um freio ao crescimento desmesurado e sustentado, sem que isso signifique, paralelamente, entrar em um estado de estancamento. Sob o prisma tradicional poderia ser entendido assim. Mas, segundo o mencionado, se o sistema sociocultural (a humanidade como um todo) desenvolve uma nova hierarquia de valores para se ajustar às condições instáveis e ameaçadoras, na qual as questões qualitativas – ou seja, mais desenvolvimento que crescimento – assumam hierarquias prioritárias, terá sido dado um passo fundamental.

Portanto, infere-se a exigência de uma mudança conceitual, paradigmática, sobre desenvolvimento, na qual não seja considerado sinônimo de crescimento. Na verdade, ele está ligado a questões qualitativas mais que quantitativas, possibilitando a ideia de desenvolvimento sustentável, que não é aceita por muitos pelo argumento de que ou há sustentabilidade ou há desenvolvimento, porque a união entre os dois não se sustenta. Entretanto, como propõe Molina, isso só não é possível na perspectiva em que desenvolvimento seja visto como crescimento. À medida que houver uma mudança de paradigma a respeito do seu conceito, essa união se torna não só real como benéfica.

No discurso de Sachs (2008, p.13), já é possível inferir uma referência a outro sentido no conceito de desenvolvimento. Ao mencionar a necessidade de reaproximar economia e ética, sem esquecer a política, ele assim discorre:

O desenvolvimento, distinto do crescimento econômico, cumpre esse requisito, na medida em que os objetivos do desenvolvimento vão bem além da mera multiplicação da riqueza material. O crescimento é uma condição necessária, mas de forma alguma suficiente (muito menos é um objetivo em si mesmo), para se alcançar a meta de uma vida melhor, mais feliz e mais completa para todos.

Ele não separa desenvolvimento de crescimento, mas distingue um do outro. Assim como Molina, este autor percebe a característica qualitativa como intrínseca

ao termo desenvolvimento. E, ao incluir um breve histórico do surgimento desse conceito, Sachs (2008, p.13) mostra que, inicialmente, e, pelo menos, ideologicamente, ele carrega uma proposta que não tem como foco nem o crescimento nem o mercado.

No contexto em que surgiu, a ideia de desenvolvimento implica a expiação e a reparação de desigualdades passadas, criando uma conexão capaz de preencher o abismo civilizatório entre as antigas nações metropolitanas e a sua antiga periferia colonial, entre as minorias ricas e modernizadas e a maioria ainda atrasada e exausta dos trabalhadores pobres. O desenvolvimento traz consigo a promessa de tudo – a modernidade inclusiva propiciada pela mudança estrutural.

Ocorre, infelizmente, que o termo ficou cada vez mais ligado à ideia de crescimento e perdeu seu cunho inicial. De certa forma, ele já trazia em si uma proposta, dita hoje sustentável, mais relacionada ao sentido social. Seguindo o raciocínio, inclui-se:

Igualdade, equidade e solidariedade estão, por assim dizer, embutidas no conceito de desenvolvimento, com consequências de longo alcance para que o pensamento econômico sobre o desenvolvimento se diferencie de economicismo redutor. (SACHS, 2008, p.14).

Assim, se o desenvolvimento não tivesse adquirido, com o passar do tempo, um cunho economicista, inserido numa visão míope do mercado, ele não necessitaria da sustentabilidade como agregador, pois já carregaria em si essa característica. Entretanto, com a inclusão da sustentabilidade no pensamento desenvolvimentista, evidenciou-se o meio ambiente, que, de fato, não estava muito presente na ideia inicial de desenvolvimento, tanto menos na visão do mercado sobre o termo.

Sachs (2008, p.15) mostra isso claramente: “O conceito de desenvolvimento sustentável acrescenta outra dimensão – a sustentabilidade ambiental – à dimensão da sustentabilidade social.” Explicitando que o conceito de desenvolvimento realmente já carregava em si o de sustentabilidade social, todavia carecia de atenção quanto ao de ambiental.

Nesse sentido, a mudança conceitual e paradigmática sobre desenvolvimento ocorre não por uma nova visão do termo isolado, mas por meio da inserção do conceito de desenvolvimento sustentável, como menciona Sachs (2008, p.36):

Dois avanços conceituais importantes devem ser enfatizados: a. Desde os anos 70, a atenção dada à problemática ambiental levou a uma ampla reconceitualização do desenvolvimento, em termos de ecodesenvolvimento,

recentemente renomeado desenvolvimento sustentável. [...] b. A segunda e talvez mais importante reconceituação foi fortemente influenciada pelos trabalhos de A. K. Sen (1999). O desenvolvimento pode ser redefinido em termos da universalização e do exercício efetivo de todos os direitos humanos: políticos, civis e cívicos; econômicos, sociais e culturais; bem como direitos coletivos ao desenvolvimento, ao ambiente etc. Embora os direitos sejam indivisíveis, deve ser dado um *status* especial ao direito ao trabalho, visto o seu duplo valor, intrínseco, mas também instrumental, já que o trabalho decente abre o caminho para o exercício de vários outros direitos.

Com isso, entende-se que, para alcançar um desenvolvimento realmente sustentável, não é possível separar os critérios ambientais, econômicos e sociais. Eles devem permanecer ligados inclusive para o exercício dos direitos humanos mencionados por Sachs.

É possível ter a prática turística como forte aliada na busca pelo desenvolvimento sustentável e pela sustentabilidade como uma proposta que vai além de uma nova visão ou de novas formas produtivas, chegando a ser uma proposta de novo estilo de vida. Assim, Molina (2001, p.62) discorre: “Hoje em dia, na dura luta contra as diversas formas de poluição, o turismo se encontra em condições ideais de assumir uma posição de vanguarda que a combata efetivamente para, mediante seu exemplo, abrir caminho para o futuro.”

Isso não significa que o turismo não possua potenciais contributivos para a degradação, tanto do meio ambiente, como da sociedade. Certamente, essa também é uma atividade que não só pode como provoca poluição, degradação e uma série de impactos negativos. Entretanto, se bem planejada, de acordo com as propostas sustentáveis e com uma visão ampla de tudo o que essa prática envolve, sendo influenciada por vários setores e influenciando-os mutuamente, ela apresenta plenas condições de assumir essa posição de vanguarda. No mesmo sentido, ainda segundo Molina (2001, p.63):

As características que o turismo reúne (preponderância do homem sobre as máquinas, menor dano à ecologia, menor nível de investimentos para a criação de empregos, etc.), colocam-no em um patamar insuperável para o começo de uma virada decisiva e histórica, suscetível de ser transmitida aos demais setores econômicos.

O turismo como processo humano é contraditório. Todavia, possui características favoráveis a um desenvolvimento consciente e positivo, por suas possibilidades de causar menores danos ao meio ambiente e à sociedade quando revisto em sua concepção reducionista, apenas como atividade econômica.

Para prosseguir com a ideia de turismo sustentável é importante acrescentar um conceito fundamental à prática turística. O conceito de turista. Assim, Molina (2001, p.69) discorre:

Quem é o turista? Da perspectiva que nos interessa, alguém que visita um lugar que não é o de sua residência habitual, com a convicção de abandoná-lo e que, de acordo com sua procedência, pode ter maior ou menor predisposição, consciente ou inconsciente, a deteriorar o meio ambiente natural.

Se levarmos em consideração apenas a convicção do turista de abandono do lugar visitado e da efemeridade da viagem e de suas ações durante este período, seria possível supor que o turista é um sujeito com alta predisposição a deteriorar o meio natural, levando malefícios tanto ao ambiente visitado como aos residentes do local. Contudo, felizmente esse não é um fator determinante para o comportamento do turista, é apenas um fator influente, dentre vários outros, que juntos, sim, determinarão as formas de atuação desse sujeito no meio visitado.

Por esse motivo, ainda que o turista apresente predisposição em levar prejuízos ao destino de sua permanência temporária, essa disposição pode ser mudada, pois, como o próprio nome diz, ela é breve, não é uma determinação definitiva. Ela geralmente ocorre porque o turista não se dá conta de que o comportamento mantido no local visitado possui repercussões em longo prazo, já que ele não permanece para acompanhar as consequências futuras de seus atos.

E essa é a razão pela qual se faz necessária a sensibilização do turista, com o objetivo de mostrar-lhe o quão mais interessante é ser um sujeito engajado, inclusive enquanto sujeito-turista, do que alienado, no sentido de desconhecedor das características do local visitado (conhecer as características do destino contribui para diminuição de impactos negativos que ele possa causar) e de ser inconsciente das consequências de seus atos, já que a falta de consciência não o isenta de responsabilidades.

Com esse tipo de influência na mudança de mentalidade do sujeito enquanto turista, é que pode ser alterada a sua predisposição de degradador para uma postura positiva diante dos lugares escolhidos para viajar.

Nesse contexto, Molina (2001, p.98) menciona que: “O turismo convencional demanda uma transformação radical dos ecossistemas e um grande consumo de recursos naturais”. Dessa forma, traz mais uma razão para o aproveitamento do potencial de ser essa atividade desenvolvida de maneira menos prejudicial que

outras atividades econômicas não capazes de perdurar sem altos custos ao meio ambiente e à sociedade. O turismo convencional também apresenta muitos impactos negativos, motivo por que o potencial que facilita sua ocorrência de forma sustentável pode agregar-lhe valor, inclusive de mercado, pois essa é uma preocupação vigente e predominante na contemporaneidade.

Dessa maneira, o mesmo autor propõe:

Por fim, e com o objetivo de evitar que a interferência do homem, fundamentalmente, altere de maneira negativa o desenvolvimento dos ecossistemas, será necessário assentar as bases para garantir que ambos – homem e ecossistema – alcancem seus próprios objetivos, organizando sua participação. Por isso, a administração de um empreendimento turístico deve integrar-se a administração do ecossistema. (MOLINA, 2001, p.104).

Aqui, exalta-se a importância da integração entre o homem e o que ele produz (empreendimento turístico, no referido exemplo) e o ecossistema. E sendo integrados, naturalmente os prejuízos causados a um geram impactos negativos ao outro, mas infelizmente nem sempre são percebidos assim. Se a administração – empreendimento turístico e ecossistema – for conjunta, serão mais bem aproveitadas as características favoráveis ao desenvolvimento do turismo sustentável, alcançando esse segmento a positiva posição de vanguarda entre as demais atividades econômicas.

3 A TRAJETÓRIA DO TURISMO DE ÁGUAS TERMAIS EM CALDAS NOVAS

O presente capítulo expõe o percurso metodológico desse estudo, evidenciado as características do trabalho que levaram a autora a escolher a pesquisa qualitativa de nível descritivo-explicativo e a dialética histórico-materialista como quadro interpretativo. Além da descrição do objeto de estudo, a cidade de Caldas Novas, a partir da chegada dos primeiros bandeirantes na região, antes habitada apenas por índios, e seu povoamento motivado pela fama curativa das águas termais, assim como seu desenvolvimento turístico que se baseia nessas fontes como principal atrativo. Salienta-se que a descrição do objeto de estudo é parte integrante da pesquisa, uma vez que, por meio do levantamento de fatos históricos da cidade, a partir da pesquisa bibliográfica, contextualizou-se a pesquisa no processo histórico de desenvolvimento do município, etapa indispensável à pesquisa descritivo-explicativa interpretada sob o prisma da dialética histórico-materialista.

3.1 CAMINHO METODOLÓGICO

Para desenvolver a pesquisa do presente trabalho, o caminho metodológico percorrido baseou-se em uma pesquisa qualitativa de nível descritivo-explicativo e contou com um estudo de caso, como modelo de investigação, em Caldas Novas, município do estado de Goiás. Escolheu-se a pesquisa qualitativa por ela ser considerada a mais adequada para algumas situações, por exemplo, quando o objetivo é analisar processos ou fenômenos complexos (POUPART et al., 2008, p. 129). Ademais, pelo desejo da pesquisadora de aprofundar a análise num contexto histórico, elegeu-se o método dialético histórico-materialista e a complexidade, a partir de Morin, como quadro interpretativo no percurso de desvelamento do objeto de estudo.

No mesmo sentido, o nível descritivo-explicativo justifica-se, por ser necessária a seleção rigorosa das informações de forma temporal, abarcando-se o

processo histórico em que se desenvolveu o turismo de saúde em balneário, em Caldas Novas, para, em seguida, explicar esse fenômeno e as concepções que o determinaram, suas mudanças ao longo da implantação dos primeiros hotéis-balneários e o surgimento dos parques aquáticos de entretenimento, como forma de recuperação da atratividade local. O recorte temporal abrange os anos de 1920 até os dias atuais, 2012.

O nível descritivo refere-se ao processo histórico de Caldas Novas, considerando-se a motivação para sua descoberta, que foi a busca pelo ouro, a descoberta das fontes termais e seu uso para cura de enfermos, a divulgação da fama curativa das termas de Caldas Novas no País, o aumento da procura pelas fontes, resultando numa justificativa para atrair investimentos para a cidade, o surgimento do estigma de que as propriedades curativas da água atraíam doentes com males contagiosos, contribuindo para a mudança do foco da saúde para o turismo de lazer, ocasionada também pelo surgimento de um novo público, e o consequente crescimento urbano acelerado e sem planejamento.

A explicação compreende o entendimento dos motivos que levaram à mudança do turismo de saúde para o turismo de lazer, em um município que tem a água mineral termal, com propriedades terapêuticas, como principal atrativo turístico. Além da compreensão das razões que levaram o valor simbólico dessas águas a permanecer em segundo plano, presente apenas como cenário dos parques aquáticos e nos meios de divulgação da cidade, sem que seus vínculos com a história do município sejam apresentados e valorizados na cidade.

Portanto, partindo da concepção de sociedade-natureza presente nas formas de planejamento turístico de Caldas Novas, buscou-se explicar as razões que ocasionaram o esquecimento desse valor simbólico na práxis turística, voltando o foco para o turismo de lazer em uma lógica mercantil predominante.

As informações quantitativas serão utilizadas a partir de dados já sistematizados, com o objetivo de evidenciar a relação oferta-demanda, pois o foco da análise proposta recai sobre o fenômeno social o qual é resistente à mensuração (POUPART et al., 2008, p. 130) e, portanto, à medida que o turismo é entendido como tal, ele se inscreve no mesmo contexto. Ademais, os mesmos autores discorrem que:

Uma pesquisa descritiva colocará a questão dos mecanismos e dos atores (o 'como' e 'o quê' dos fenômenos); por meio da precisão dos detalhes, ela

fornecerá informações contextuais que poderão servir de base para pesquisas explicativas mais desenvolvidas. (POUPART et al., 2008, p. 130).

Nesse contexto, coube a opção pelo método qualitativo dialético histórico-materialista, que significa um esforço para a apreensão do singular em seus limites/possibilidades e contradições/mediações articulados à totalidade mais ampla, tornando produtiva a associação de ideias antagônicas, que são, também, complementares.

A Dialética torna-se a totalidade do processo de iluminação, educando o filósofo de modo a atingir o conhecimento do bem supremo. Mas, uma Dialética, que pensa as contradições da realidade, o modo de compreendê-la, como essencialmente, contraditória e em permanente contradição, teria sido encontrada em Heráclito, de Efeso (540-480 a.C.) (MOESCH, 1999, p. 116).

A investigação compreende, em um movimento reflexivo, sistemático e crítico, objetivando estudar aspectos da realidade como fonte de conhecimento, numa atitude de busca de constante superação das próprias impressões, incluindo elementos discursivos implícitos e explícitos que demarcaram o campo turístico de Caldas Novas, o estudo de caso proposto.

Afinal, como expõem Masson (2007) e Konder (1997), Engels, apoiado por Marx, propôs reflexões sobre as leis gerais da Dialética:

- a) Lei da passagem da quantidade à qualidade: as transformações acontecem em diferentes ritmos. Passam por períodos lentos (de pequenas alterações quantitativas). E ocorrem períodos de intensificação das contradições (mudanças qualitativas), conseqüentemente uma modificação brusca (“saltos”).
- b) Lei da interpenetração dos contrários: os diferentes aspectos da realidade se entrelaçam, resultando na inclusão dos aspectos contraditórios.
- c) Lei da negação da negação: o movimento geral da realidade não se restringe às contradições permanentes. A negação da negação leva à superação, síntese.

Os elementos discursivos utilizados na análise foram coletados por meio de entrevistas com pessoas-fontes, uma das fontes de evidências utilizadas em estudos de caso (YIN, 2005), assim como elementos de textos, vídeos e imagens que integram estratégias de divulgação do destino turístico Caldas Novas e de alguns de seus meios de hospedagem e entretenimento, como se expõe adiante.

As etapas da pesquisa realizada foram:

1ª) Pesquisa documental para aquisição de informações sobre a história de Caldas Novas e como se desenrolou o processo turístico na cidade, apresentada na Descrição do Objeto de Estudo. Essa etapa, que corresponde à descrição, contribuiu para a observação das mudanças ocorridas nos paradigmas que conduzem à prática turística no município, buscando entender como se chegou à concepção que predomina na atualidade. Esta etapa também permitiu estabelecer recortes espacial e temporal mais precisos, pertinentes ao objetivo da pesquisa, de acordo com as informações históricas da cidade adquiridas em dissertações de mestrado, livros, artigos e sítios eletrônicos.

Dessa forma, o recorte espacial considerado para a coleta de dados e para suas análises refere-se estritamente ao município de Caldas Novas, portanto não inclui o município Rio Quente, que aparece apenas na fase da pesquisa bibliográfica sobre a história da região onde se localiza Caldas Novas. O motivo para essa decisão relaciona-se ao fato de o município Rio Quente ter pertencido a Caldas Novas até 1988, sendo parte da história do objeto deste estudo. Todavia, pela necessidade de se determinar um recorte espacial viável ao prazo e à amplitude da pesquisa, decidiu-se por não incluí-lo nas análises, uma vez que esse município não pertence mais a Caldas Novas e deve ser considerada a possibilidade de haver concepções que diferem das existentes na cidade aqui pesquisada sobre turismo-sociedade-natureza.

2ª) Análise do discurso presente nos seguintes documentos:

a) O Plano Diretor de Caldas Novas, que “[...] é um instrumento básico do processo de planejamento e da política de desenvolvimento urbano e ambiental do Município [...]” (CALDAS NOVAS, 2011, p. 10), além de ser:

[...] o conjunto normativo e estratégico da política de ordenamento territorial e ambiental, balizador das ações dos agentes públicos e privados na produção e gestão do território, de modo a promover uma cidade: [...] II – mais saudável, harmoniosa e bela para a satisfação dos seus habitantes e que seja atrativa aos visitantes e aos investimentos produtivos. (CALDAS NOVAS, 2011, p. 10)

Portanto, o turismo em Caldas Novas submete-se ao disposto no Plano Diretor Municipal. Tornando suas diretrizes urbanas e ambientais as bases de desenvolvimento do turismo na cidade. A partir do Plano, buscou-se analisar as concepções referentes ao turismo apresentadas por meio das diretrizes construídas para esse setor no Título III, Capítulo II, Da estruturação espacial, Seção V, Das

Diretrizes para o turismo, visando compará-las às informações concedidas pelos entrevistados e àquelas observadas nos materiais de divulgação desse destino turístico. A partir disso, é possível apreender as contradições/mediações existentes entre teoria e prática sobre a relação turismo-sociedade-natureza em Caldas Novas.

- b) Materiais de divulgação da cidade, entre eles: vídeos promocionais disponibilizados na internet pelo Grupo Di Roma, que possui em Caldas Novas sete meios de hospedagem com clube, um parque aquático e o Jardim Japonês, que é um dos atrativos da cidade; propagandas existentes no *site* do mesmo Grupo; e imagens e textos do sítio eletrônico da Agência de Turismo Goiás (Agetur-GO) e da Fundação Convention & Visitors Bureau de Caldas Novas, que acrescentam informações referentes à construção da imagem do município como destino turístico, revelando, por meio do discurso presente nesses materiais, a concepção de turismo transmitida à demanda.

- 3ª) Pesquisa de campo com entrevistas individuais, guiadas, técnica em que

O pesquisador conhece previamente os aspectos que deseja pesquisar e, com base neles, formula alguns pontos a tratar na entrevista. As perguntas dependem do entrevistador, e o entrevistado tem a liberdade de expressar-se como ele quiser, guiado pelo entrevistador. (RICHARDSON, 1985, p. 165).

Dessa forma, as entrevistas foram elaboradas a partir de um tópico-guia específico para cada entrevistado, que são as seguintes pessoas-fontes:

- a) Senhor Aparecido Sparapani, que será denominado Entrevistado 1. O senhor Sparapani é presidente da Agência de Turismo Goiás (Agetur-GO), é presidente do Conselho Curador da Fundação Convention & Visitors Bureau de Caldas Novas e é superintendente do Grupo Di Roma, possuindo forte representatividade no turismo de Caldas Novas. Dessa forma, seu discurso é expressivo para a análise da concepção de turismo-sociedade-natureza, que é um dos componentes da base ideológica do planejamento turístico da cidade. A entrevista foi realizada no dia 31 de maio de 2013, às 9h25, de forma direta.
- b) Senhor Ivan Garcia Pires, que será denominado Entrevistado 2. O senhor Pires foi secretário de turismo de Caldas Novas no último mandato, de 2008 a 2012, é integrante do Conselho Fiscal da Fundação Convention &

Visitors Bureau de Caldas Novas, bacharel em Turismo, atuou e atua profissionalmente no ramo hoteleiro da cidade.

Dá-se importância ao seu discurso por ter representado o turismo na cidade, no setor público, considerando-se sua relação direta com as políticas de turismo em Caldas Novas e sua interferência no turismo da cidade por meio das funções atribuídas à Secretaria Municipal de Turismo, que são: Representar e prestar assistência nas funções políticas do turismo; atender aos interesses dos municípios nos assuntos de turismo; manter relações públicas e de contato com os demais órgãos; promover a execução de projetos turísticos que tenham como finalidade a integração da comunidade local com a comunidade turística; promover a articulação com entidades públicas ou privadas, internas ou externas, objetivando executar projetos para desenvolver o turismo; [...] promover a proteção do patrimônio turístico, artístico e histórico do município. (CALDAS NOVAS, 2012). A entrevista foi realizada no dia 31 de maio de 2013, às 14h40, de forma direta.

- c) Intencionou-se ainda entrevistar a senhora Magda Mofatto Hon, uma vez que a senhora Hon é a presidente e a fundadora do Grupo Di Roma – que teve seu início em 1972 e atualmente é composto por oito meios de hospedagem com clubes (sete em Caldas Novas e um no Rio Quente), um parque aquático e outros empreendimentos, como o Jardim Japonês, um dos atrativos da cidade.

Já ocupou os cargos de vereadora em Caldas Novas, por três vezes não consecutivas; de prefeita de Caldas Novas, cargo que assumiu em 2004, tendo seu mandato interrompido em 2007; atualmente é deputada federal, representando o estado de Goiás, é titular na Comissão de Turismo e Desporto.

Portanto, considerou-se que seu discurso traria elementos enriquecedores à pesquisa, pensando-se na representatividade, no poder de fala e no conhecimento vivencial do turismo em Caldas Novas que a senhora Hon possui. Entretanto, após diversas tentativas de contato para marcação da entrevista, a pesquisadora não obteve resposta; por isso, foi necessário abdicar da participação da senhora Magda, devido ao prazo final para o término da pesquisa.

d) Além das pessoas-fontes mencionadas acima, entrevistadas pelo poder de fala e decisão no planejamento turístico de Caldas Novas, foi realizada uma entrevista não diretiva com a senhora Rosi Rodrigues da Cunha. Essa entrevista ocorreu pela percepção da pesquisadora, durante conversa informal com a entrevistada, de que ela poderia contribuir com elementos importantes para a análise das concepções presentes no planejamento turístico de Caldas Novas. Por atuar profissionalmente em uma agência de turismo de Caldas Novas, a Agetur, ser instrutora do Senac em cursos de qualificação voltados para o turismo na cidade, por ter se formado bacharel em turismo em Caldas Novas e morar no município há 14 anos, a senhora Rosi trouxe em seu discurso interessantes aspectos – sobre o planejamento turístico da cidade, sobre a relação entre o poder público e o poder privado em relação ao turismo e à própria comunidade, parte desse contexto, e sobre a cultura e a história de Caldas Novas –, que complementam o discurso dos outros entrevistados com pontos de contradição e mediação.

Dessa forma, a pesquisadora solicitou à senhora Rosi uma entrevista, que foi realizada de forma direta, no dia 31 de maio de 2013, às 15h40. A senhora Rosi será denominada Entrevistada 3.

Nesse sentido, inclui-se que “A entrevista não diretiva permite ao entrevistado desenvolver suas opiniões e informações da maneira que ele estimar conveniente. O entrevistador desempenha apenas funções de orientação e estimulação.” (1985, p. 163). Portanto, essa entrevista não contou com um tópico-guia que a direcionasse, contou apenas com os estímulos da pesquisadora para que a entrevistada discorresse mais sobre os assuntos de interesse deste trabalho.

Para a análise interpretativa das entrevistas e dos materiais referidos, utilizou-se da técnica de análise do discurso, que se opõe à noção de que a linguagem é um meio neutro de refletir ou descrever o mundo. Dessa forma, a análise do discurso é uma técnica que considera o discurso como aspecto de importância central na construção da vida social. (BAUER; GASKELL, 2008). Entre suas principais características, estão: o reconhecimento de que as formas de compreensão do mundo são histórica e culturalmente específicas e relativas; o entendimento de que o conhecimento é socialmente construído; a verificação de que

a construção social de pessoas, fenômenos e problemas se relacionam a ações/práticas. (BAUER; GASKELL, 2008).

A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. (ORLANDI, 2007, p. 15).

Destarte, a análise foi feita a partir da transcrição das entrevistas para a sistematização das falas dos entrevistados, assim como dos materiais de divulgação do destino Caldas Novas e do Plano Diretor da cidade, buscando a expressão de ideias, paradigmas, concepções e ideologias neles presentes e que determinaram a forma de conceber e implantar o turismo em Caldas Novas, uma vez que,

[...] na Análise do Discurso, consideramos que a ideologia se materializa na linguagem. Ela faz parte do funcionamento da linguagem. É assim que a Análise de Discurso permite compreender a ideologia – e o seu funcionamento imaginário e materialmente articulado ao inconsciente – pelo fato mesmo de pensá-la fazendo intervir a noção de discurso. (ORLANDI, 2007, p. 96).

Possibilita, portanto, o desvelamento dos paradigmas ou ideologias presentes na concepção de sociedade-natureza em Caldas Novas, que afetam as formas do planejamento turístico da cidade.

Nesse sentido, considerando o que Poupart et al. (2008, p. 147) mencionam como característica da pesquisa qualitativa, acrescenta-se:

Essa articulação pesquisador-meio-praticantes concilia, geralmente, a prática dos pesquisadores com o que ela comporta de contradições, e de disputas de poder ou de influência. No entanto, o reconhecimento dos cidadãos como fonte de conhecimentos e depositários de um poder tem repercussões no desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa.

Dessa forma, as contradições presentes nos discursos dos entrevistados servem como elementos para o desvelamento da concepção de sociedade-natureza em que se baseiam os rumos do turismo em Caldas Novas, já que os entrevistados possuem poder de fala e decisão sobre as diretrizes do turismo desse município efetuadas na prática.

Para o processo de redução/desvelamento da temática deste discurso procedeu-se a etapas do quadro abaixo:

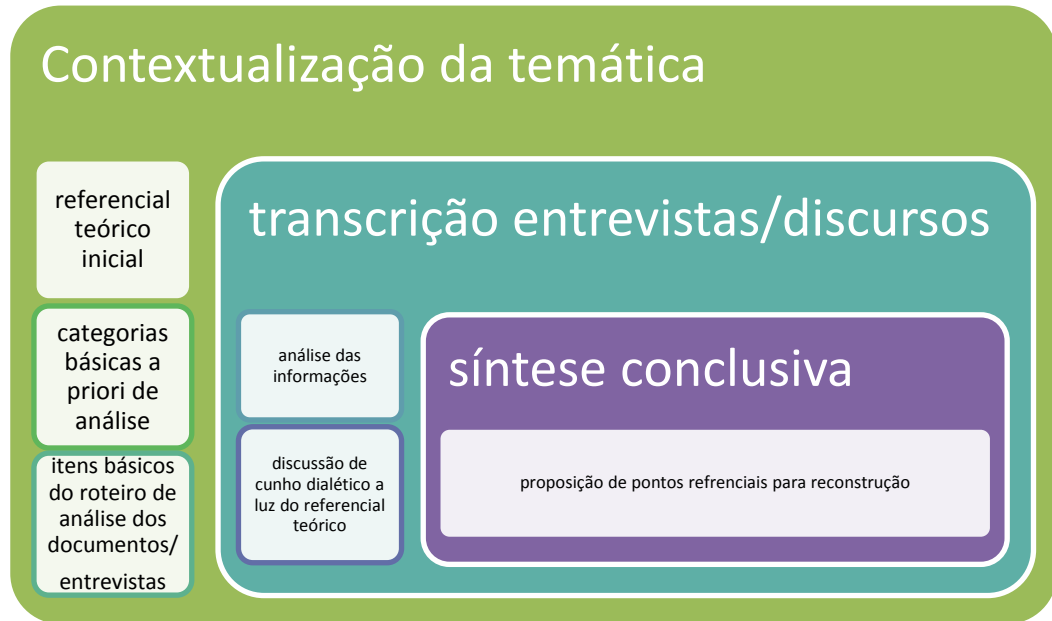


Figura 1 Fonte: Moesch (2010)

E, para a análise das informações de acordo com as categorias da dialética, considerando-se as categorias *a priori* e *a posteriori*, utilizou-se o seguinte quadro:

Quadro 1 – Quadro de Análise do Discurso

Temas	Rubricas			Sub-rubricas/Contradições				
	Concepção	Dificuldades	Avanços	Totalidade/Fragmen- tação	Teoria/Prát ica	Autonomia/De pendencia	Contradições/ Mediações	Ideologia/Mat éria
Concepção de Sociedade-natureza	Separação homem-natureza: a natureza "está a serviço" do homem para ser explorada. (percepção cartesiana)							
	Valor simbólico da água							
	Valor mercantil da água							
	Atrativo natural							
	Turismo de águas termais							
	Natureza como artifício							
	Sustentabilidade e Turismo Sustentável							
Concepção de Turismo	O turismo é percebido como Indústria (visão reducionista, que evidencia apenas seu aspecto econômico). Os aspectos quantitativos recebem destaque em detrimento de aspectos qualitativos.							
	Modelo do Ciclo de vida do destino turístico (o destino é percebido e tratado como produto a ser comercializado)							
	Poder público x poder privado							
Turismo de saúde	Imaginário (Cura - Saúde X Doença)							

No intuito de analisar as informações obtidas partir da dialética como quadro referencial, observando-se as contradições e mediações presentes nos discursos dos entrevistados em relação ao discurso presente também nos materiais de divulgação e no Plano Diretor de Caldas Novas, acrescenta-se:

O segundo tipo de argumento é de ordem ética e política: a entrevista de tipo qualitativo parece necessária, porque ela abriria a possibilidade de compreender e conhecer internamente os dilemas e questões enfrentados pelos atores sociais. (Poupart et al., 2008, p. 216).

Considerando-se também que:

O uso dos métodos qualitativos e da entrevista, em particular, foi e ainda hoje é tido como um meio de dar conta do ponto de vista dos atores sociais e de considerá-lo para compreender e interpretar as suas realidades. As condutas sociais não poderiam ser compreendidas, nem explicadas, fora das perspectivas dos atores sociais. A entrevista seria, assim, indispensável, não somente como método para apreender a experiência dos outros, mas, igualmente, como instrumento que permite elucidar suas condutas, na medida em que estas só podem ser interpretadas, considerando-se a própria perspectiva dos atores, ou seja, o sentido que eles mesmos conferem às suas ações. (POUPART et al., 2008, p. 216).

A análise de discurso, que teve como objeto as falas e os materiais analisados, percorreu a seguinte trajetória, segundo as categorias do método dialético:

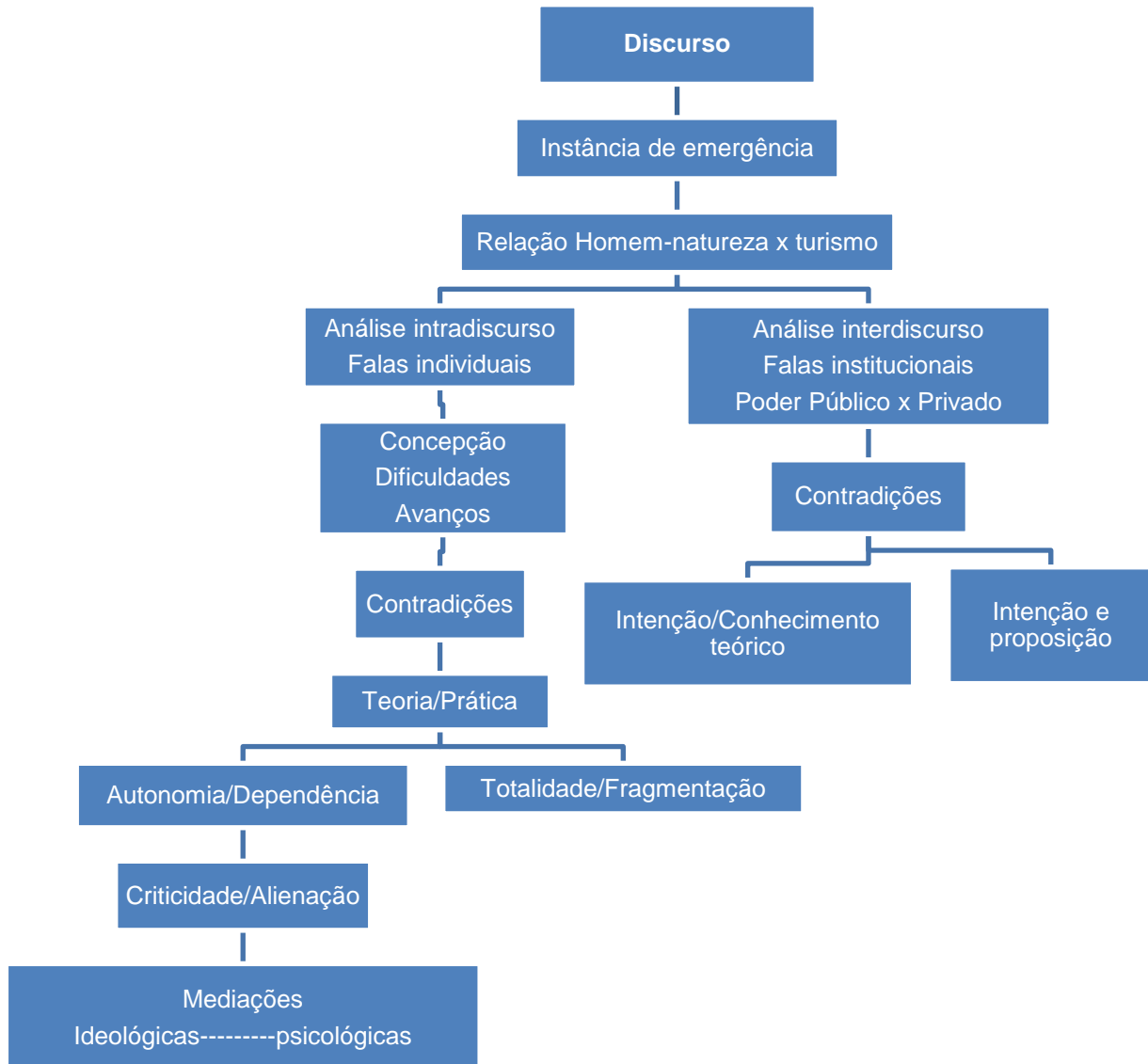


Figura 2 Elaboração Machado e Moesch (2012)

3.2 DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO – CALDAS NOVAS, TURISMO EM BALNEÁRIO (SAÚDE X LAZER)

O início da história da região onde se localiza Caldas Novas é marcado pelo ano 1722, quando o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva chegou ao local em

busca de ouro. Antes, o lugar era habitado por índios Caiapós e Xavantes, que praticavam atividades de caça e pesca, fabricação de armas, cerâmicas e instrumentos musicais confeccionados com fibras vegetais e apresentavam “senso religioso apurado”, conforme expõe Andrade (2009).

Godoy (1978, p.24) narra a chegada do bandeirante ao local:

Pesquisando pela encosta ocidental da Serra, encontraram as fontes, tão abundantes que, em pequeno círculo, formavam caudaloso e encachoeirado ribeirão. Foi aí estabelecido o seu primeiro arranchamento, atraídos pelo convite a um banho na tepidez de suas águas, ou porque a estranha configuração da região acordasse as adormecidas lendas, que a Mãe-Preta tinha contado quando meninos.

A menção de Godoy sobre a Mãe-Preta e as lendas contadas por ela mostra uma relação estabelecida pelos componentes da bandeira chefiada por Bartolomeu Bueno entre as características daquele local e essas lendas. Conseqüentemente, evidencia-se o início da criação de um imaginário a respeito da região, agregando-se-lhe simbolismos.

Ao apresentar o histórico da região, Teixeira Neto (1981) a divide em Caldas Velhas, Caldas Novas e Lagoa Pirapetinga. Dessa forma, o local descoberto por Bartolomeu Bueno, também conhecido como Anhanguera, corresponde a Caldas Velhas, atual município de Rio Quente. Ele e sua comitiva notaram a alta temperatura das águas e, com a descoberta de outras fontes, a notícia se espalhou pela colônia e pela metrópole.

Com a relação que se fazia entre a cura de banhistas e as fontes do local, doentes oriundos de outras partes da colônia, em destaque os de São Paulo e de Minas, predominantemente aqueles com doenças de pele, viajavam para lá, acreditando na cura de suas enfermidades. (TEIXEIRA NETO, 1981).

Ao especificar a descoberta de Caldas Novas, Teixeira Neto (1981) e Oriente (1982) atribuem o feito a Martinho Coelho de Siqueira, que chegou ao local em 1777. Assim, o nome Caldas Novas seria uma referência à localidade de Caldas Velhas, onde se localizavam as primeiras fontes encontradas. Acontecimento que aparece na narrativa de Godoy (1978, p. 24) da seguinte forma:

Do arranchamento, continuaram as pesquisas cavando as encostas da serra, pelo lado norte, explorando os grotões e os vertedouros que desciam do alto da montanha, encontrando sempre o pó amarelo entre as areias e as formas que acompanhavam os minérios. Atingiram o flanco oriental do maciço que se alentava altaneiro (mil metros acima do nível do mar); explorando o leito dos córregos, foram encontrar, na planície, outras fontes

termais, de menor caudal, porém de temperatura mais alta; para diferenciá-las das primeiras encontradas no outro lado, resolveram denominá-las: CALDAS VELHAS e CALDAS NOVAS.

Ademais, Godoy (1978) explica a distância de tempo entre a descoberta de Caldas Velhas e Caldas Novas ao mencionar que, apesar de terem achado ouro em pó, os bandeirantes, que acompanhavam Bartolomeu Bueno da Silva, esperavam encontrar grandes pepitas de ouro. Por essa razão, eles abandonaram os arranchamentos e, apenas cinquenta e cinco anos mais tarde, chegou ao garimpeiro Martinho Coelho de Siqueira a notícia da descoberta de ricas jazidas de ouro nas vertentes da Serra de Caldas. Martinho, acompanhado de parentes, escravos e agregados, dirigiu-se à região, aonde chegou em 1777.

Tão logo chegando ao local onde estavam situadas as fontes termais, na margem direita do Córrego de Caldas, Martinho Coelho e seu filho Antônio Coelho, apossaram-se das terras adjacentes. Martinho ficou do lado esquerdo do Córrego de Caldas e mais toda a parte do lado direito, acima das nascentes da 'água morna' – local onde hoje está construído o C.T.C. (Caldas Termas Clube). (GODOY, 1978, p. 25).

Apesar de descoberta em 1777, Caldas Novas só passou a ser conhecida depois das viagens do capitão-general Fernando Delgado Freire de Castilho, Governador de Goiás, que, em 1818, após curar-se de artrismo, preocupa-se em divulgar as fontes de águas termais. A partir da ordem de Fernando Delgado sobre a divulgação de Caldas Novas, algumas pessoas começaram a frequentá-la, como relata Saint-Hilaire, mencionando ter observado, durante sua visita ao local, a presença de uma dúzia de doentes oriundos de diferentes províncias do País. No Brasil, atribuía-se às fontes de Caldas Novas a propriedade de curar doenças da pele, dores reumáticas e afecções venéreas. (Oriente, 1982).

Caldas Novas e suas proximidades, como Caldas Velhas e Pirapetinga, eram visitadas pela fama das propriedades curativas da água, todavia, a busca por ouro também era uma característica marcante na história da região. Os terrenos próximos aos banhos eram todos auríferos e o proprietário da Fazenda das Caldas ocupava-se em mandar seus escravos procurarem ouro. (Oriente, 1982).

Considerando as duas principais características que contribuíram para o povoamento daquele local, Godoy (1978, p. 30) acrescenta, ao longo de sua narrativa sobre a história da região, mais detalhes do imaginário que envolvia aquelas águas quentes e as riquezas minerais:

O espírito crédulo dos aventureiros que constituíram este Brasil enorme criou uma lenda cheia de fantasia sobre as riquezas guardadas no âmago da serra, deixando-nos, pela tradição, um conto que a muitos tem impressionado. Contavam que, além das águas escaldantes da encosta do oeste, que forma bacia de cinquenta metros de raio um caudaloso ribeirão nascido ali mesmo de diversas fontes, não muito longe, havia uma gruta cujas paredes eram forradas com matizes de pedras preciosas, rutilantes e faiscantes; o chão era coberto de ouro em pó em grossa camada; porém, havia dificuldades acima das forças humanas para se alcançar a entrada da desejada gruta; colocada em lugar íngreme e fortemente guardada por vedetas sobrenaturais; logo à entrada se achava uma negra de aspecto gigantesco, coroada de ouro e pedrarias, vestes de cores variadas e marchetadas com ricos brocados, tendo na destra um rutilante alfanje que, aos raios solares, se inflamava como archote, fazendo reverberar toda a caverna.

Assim, havia a imagem de um lugar mágico, por suas riquezas e por ser inalcançável, intocável, devido a proteções sobrenaturais. Infere-se daí, portanto, a fantasia de que o ser humano que resolvesse interferir naquela natureza corria sérios riscos de vida. Nesse sentido, reflete-se sobre a visão da natureza do local sendo superior ao homem, uma vez que ela é protegida por forças sobrenaturais; por conseguinte, o próprio imaginário humano restringia suas ações naquela região.

O imaginário sobre as fontes termais também aparece quando Godoy (1978, p. 40) menciona a intenção da família de dona Bárbara Parreira de se mudar do sul de Minas para Goiás, comentando, mais uma vez, a sobrenaturalidade atribuída àquelas águas.

Feitas as posses e escolhido o local onde deveria ser implantada a sede da fazenda, foram fazer uma visita cordial ao futuro vizinho Antônio Coelho de Siqueira, o pioneiro da imigração nestes descampados sertões, e conhecer de perto as afamadas Fontes Quentes, cujas virtudes eram contadas, como se fossem contos de fadas, ou de bruxas.

Godoy (1978) também conta que os principais visitantes que iam à região em busca de cura para suas moléstias eram recebidos cordial e amigavelmente pelos primeiros habitantes do local, entre eles Bartolomeu Bueno da Silva, Martinho Coelho e Antônio Coelho de Siqueira. Ele ressalta a generosidade com que esses visitantes eram recebidos e menciona que Martinho Coelho não fez tentativa de produzir renda a partir das fontes em sua propriedade.

No dia seguinte, depois de novo banho e um tira-jejum reforçado, ao perguntarem em quanto montavam as suas despesas, foram surpreendidos com a resposta de que não costumavam cobrar de suas visitas. E, que para aqueles que vinham procurar alívio às suas dores, seriam facilitadas, na medida de suas posses, todas as oportunidades. Herança recebida do seu pai, o velho Martinho Coelho, que nunca fez fonte de renda desta dádiva de Deus. (GODOY, 1978, p. 41).

Por outro lado, Oriente (1982) expõe um momento em que Martinho Coelho decidiu cobrar uma pequena quantia dos banhistas que se utilizavam das fontes termais de sua propriedade. Pelo aumento dos frequentadores, Martinho construiu banheiras de pau-a-pique com bicas de madeira para facilitar o uso das fontes. Contudo, começaram a chegar também pessoas com doenças contagiosas. Isso ocasionou o afastamento de outros visitantes, levando Martinho Coelho a interditar o arraial, incinerar os ranchos infectados e proibir a permanência daqueles que tinham doenças contagiosas.

Observa-se que o afastamento de doentes com males contagiosos ocorreu mais de uma vez na história da região das águas quentes. Oriente (1982) apresenta a repetição desse fato narrando a venda das terras pertencentes a Antônio Coelho, após sua morte, a Domingos José Ribeiro. Por sua vez, Luís Gonzaga de Meneses, membro dos Meneses, que dominaram política e administrativamente a província de Goiás durante anos, interessado em explorar as fontes termais, adquiriu terras a 15 km de distância da propriedade de Domingos Ribeiro. Entretanto, ao perceber que a maioria dos banhistas buscava as fontes no intuito de curar o mal de Hansen, Luís Meneses decidiu desfazer-se de sua aquisição.

Dessa forma, Luís Meneses reuniu-se com Domingos Ribeiro e outros condôminos e, juntos, decidiram doar as terras para formar o patrimônio de uma capela. A escritura foi lavrada em 1850 e, com o início das construções, não era mais permitida a entrada de doentes com “males pegajosos”, e os ranchos, antes frequentados por eles, foram queimados. (Oriente, 1982).

No mesmo ano, iniciou-se um movimento para a criação do distrito Caldas Novas, visando serviços de Justiça a seus habitantes e, em 1851, o distrito foi criado pelo Conselho Municipal de Santa Cruz. Em 1857, o distrito foi subordinado ao município de Morrinhos e, em 1911, elevou-se Caldas Novas à categoria de município, chegando à condição de cidade em 1923, pela Lei estadual nº 724, de 21 de junho de 1923. (IBGE, 2012; Oriente, 1982).

Apesar das tentativas de afastar os visitantes com doenças contagiosas das fontes termais, pessoas com outros tipos de doenças continuaram a procurar aquelas águas para fazer tratamentos. Nesse sentido, um obstáculo enfrentado para receber esses viajantes era a inexistência de um balneário até 1920. Havia apenas as chamadas “casas de banho” para o uso dos enfermos. Até que, em 1920, os herdeiros de Vitor Ozêda Ala construíram o primeiro balneário, formando uma

sociedade entre os membros da família para explorá-lo. (TEIXEIRA NETO et al., 1981).

Outro obstáculo para o seu desenvolvimento foi a falta de estradas de acesso a ela. O trajeto para os viajantes chegarem a Caldas Novas era percorrido a cavalo ou em carros de boi. Até que, em 1921, dois anos antes de sua elevação à categoria de cidade, foi inaugurada uma rodovia que a ligava a Ipameri (linha final da Estrada de Ferro), facilitando a ida dos doentes que buscavam a cura nas fontes termais. A conquista foi resultado da luta do Dr. Olegário Pinto, representante goiano no Senado Federal. (TEIXEIRA NETO, 1981).

Entre os argumentos utilizados pelo Dr. Olegário Pinto para conseguir auxílio do Congresso Nacional para a construção da estrada de rodagem estão algumas estatísticas da quantidade de doentes que foram à região em busca de tratamento. Ele menciona que, de acordo com o Dr. Foggia, de 1835 a 1838, um sífilítico e um leproso, assim como nove morféticos, conquistaram considerável melhora no estado de saúde, dezessete morféticos não apresentaram reação alguma e quatro deles faleceram. Dr. Olegário menciona também que, em julho de 1839, havia sessenta pessoas em Caldas Novas, nove em Caldas Velhas e sete em Pirapetinga, totalizando 76 pessoas, e que, em março do mesmo ano, havia aproximadamente oitenta doentes com problemas cutâneos, tendo a maioria se restabelecido. (Oriente, 1982).

Teixeira Neto (1981) relata, ainda, a iniciativa do prefeito Sr. Armando de Miranda Storni, que governou a cidade entre 1935 e 1939, de construir uma estância balneária na cidade, por compreender o “incalculável valor” daquelas fontes termais. A estância foi inaugurada na gestão do Coronel Luiz José Pereira, dois anos após o início das ações para sua construção, que ocorreram em 1939.

Apesar de a construção da estância hidrotermal ter sido inaugurada aproximadamente em 1941, será considerada, neste trabalho, a década de 1960 como marco inicial do turismo na cidade, tendo em conta não o fluxo de visitantes, que já era perceptível e crescente desde a década de 1920, mas a estrutura turística, que surge efetivamente a partir dos anos 60. Vê-se que a primeira casa de banho, construída em 1910 pelo major Victor de Ozeda Alla, era privada, com a clara intenção de se receber familiares e amigos e o primeiro balneário público, construído em 1920 pelos herdeiros do major e o médico Ciro Palmerston, não apresentava fins turísticos explícitos. Ademais, é em 1964 que surge a Estância

Thermas do Rio Quente, onde ficava a fazenda do médico Ciro Palmerston, que adquiriu aquelas terras em 1922. Atualmente, o mesmo local abriga o Complexo Turístico Rio Quente Resorts (DI ROMA, 2012; LAGOA TERMAS PARQUE, 2013; PORTAL RIO QUENTE, 2013), no município do Rio Quente, que foi distrito de Caldas Novas até 1988. (IBGE, 2012). Em seguida, foi fundado o Caldas Termas Clube Hotel – CTC por frequentadores das termas da cidade, no ano 1965 (CALDAS TERMAS CLUBE, 2013).

Godoy (1978, p. 24) comenta o surgimento da Pousada do Rio Quente, também envolta no imaginário que agregava beleza à região.

Hoje, no horroroso daquela beleza, ergueram um castelo encantado, cercado de um florido jardim das Mil e Uma Noites, onde as Naiades, cobertas pelos imaginários biquines, mostram a plástica de seus físicos, de que Fídias somente sabia avaliar e transferir para a alvura do Mármore. Chama lá de Pousada do Rio Quente. Os filhos do Dr. Ciro Palmerston Ribeiro Guimarães homenagearam a memória do seu progenitor, realizando os sonhos da juventude, que não teve, naquela remota época, ensejo, nem o tempo permitia por falta de comunicação, escassez de população (e tudo tão pobre!!). E o idealista se arrefecia até com o calor caricioso daquela dádiva de Deus.

Quando se iniciou o turismo em Caldas Novas, essa relação natureza-homem foi recebendo novos formatos, distanciando-se das concepções iniciais e agregando, ao longo tempo, uma concepção de mercancia para com o uso das águas termais e seus benefícios. Essa ressignificação certamente afetou a concepção de sociedade-natureza presente até então e estabeleceu o tipo de concepção do turismo a ser praticado na cidade. Nesse sentido, acrescenta-se que um dos aspectos presentes no turismo é a apropriação de elementos da natureza e sua transformação em mercadorias, que, em Caldas Novas, caracteriza-se pelas águas termais. (SOUSA; PERES; MARTINS, 200-?).

Nesse sentido, observa-se que, pela forma como ocorre a prática turística em Caldas Novas, a concepção de turismo presente na cidade é a que aborda o destino turístico a partir do seu ciclo de vida, sob o aspecto da oferta e da demanda. Concepção de caráter economicista e que trata, entre outras coisas, da mercantilização dos recursos naturais, por serem estes a base do seu atrativo turístico.

A cidade possui uma infraestrutura hoteleira que dispõe de mais de 45.000 leitos e seu fluxo turístico anual alcança o número de 3.200.000 pessoas, segundo dados da Secretaria Municipal de Turismo de Caldas Novas (2012). O que marcou o

crescimento do fluxo de visitantes da cidade, do início a meados do século XX, foi a procura pelas fontes termais para tratamento de saúde, pela crença em seus princípios curativos, atualmente comentados em meios de divulgação da cidade, por exemplo, em sítios eletrônicos, panfletos e vídeos promocionais, com indicações benéficas, associando-se as águas termais à saúde e ao bem-estar.

Entre as principais propriedades das águas de Caldas Novas estão a diminuição da pressão arterial na arteriosclerose, a ação eliminadora de depósitos gotosos, a melhora na digestão gástrica e duodenal, a ação antialérgica e a ação antirreumática. E, ainda, aumenta a diurese e excreção do ácido úrico, funciona como estimulante do metabolismo das glândulas endócrinas e produz efeito sedativo sobre o sistema nervoso. (LAGOA TERMAS PARQUE, 2013; SILVA e BARREIRA, 1994). Todavia, a procura pelas termas para tratamento de saúde deixou de ser o principal foco do turismo na cidade. Com a construção da Pousada do Rio Quente e do Caldas Termas Clube – CTC, a utilização das águas termais “tomou outra vertente, a do turismo de lazer.” (PAULO, 2005, p. 24).

Sobre a demanda, Silva e Barreira (1994) acrescentam que, conquanto a cidade receba turistas do mundo inteiro, Brasília é o seu maior polo emissor. O período de permanência dura de quatro a cinco dias e a organização de 50% das viagens é feita por agências. Além disso, outra característica do fluxo turístico de Caldas Novas é que, nos meses de alta temporada, ele aumenta em até sete vezes e 20% dos turistas a procuram pelas propriedades benéficas das águas medicinais.

As mesmas autoras observam que, com o crescimento do turismo ao longo do tempo, surgiram novos empreendimentos na cidade, entre eles, hotéis que fazem parte de redes internacionais, como o Best Western Suítes Le Jardin. Dessa forma, o parque hoteleiro do município abrange desde hotéis luxuosos e clubes de lazer sofisticados até estabelecimentos economicamente mais acessíveis. Afluindo os turistas principalmente aos parques aquáticos, que contam com piscinas e saunas naturais e são localizados em grandes clubes e hotéis.

Em relação ao crescimento turístico em Caldas Novas, Belisário (2006, p. 124) comenta:

A partir do início da década de 70, inicia-se um processo de investimentos que fortalece, qualifica e profissionaliza a atividade turística da cidade, processo que se manifesta principalmente através da ampliação da rede hoteleira, de clubes e parques aquáticos.

A ampliação hoteleira não se restringe à década de 1970, como expõe Andrade (2009) com base em dados não publicados da Fundação Caldas Novas Convention & Visitors Bureau; entre 1998 e 2008, houve um aumento de 13.288 leitos, abrangendo hotéis, pousadas, apart-hotéis e *flats*.

Além das opções de hospedagem mencionadas acima, Caldas Novas também possui o que é conhecido como CondoHotel, um condomínio com serviços de hotelaria direcionados para locação de turistas. Andrade (2009) mostra que, ao incluí-los na soma de leitos da cidade, Caldas Novas oferece 112.586 leitos e que estavam previstos para 2011 o lançamento de mais 19.698 leitos.

A respeito do novo formato da concepção sociedade-natureza e da relação com as águas termais que se estabeleceu com o crescimento do turismo em Caldas Novas, cita-se:

Conforme Barreira (2003), somente o II Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico - PND, que teve como diretrizes o desenvolvimento agropecuário, agro-mineral e agroindustrial, incluiu a promoção de centros turísticos como uma das diretrizes a serem perseguidas na região centro-oeste. A promoção de centros turísticos deveu-se em grande medida ao interesse em atender à demanda por lazer que crescia com o mercado de Brasília, cuja população, formada por servidores públicos de classe média/alta, descobria os atrativos naturais do estado de Goiás. (BELISÁRIO, 2006, p. 125).

Nesse sentido, a demanda mencionada por Belisário busca, por meio do turismo, formas de lazer, servindo de incentivo a investimentos do Estado na promoção de centros turísticos do centro-oeste. Por conseguinte, o turismo de saúde em Caldas Novas perdeu espaço para a procura pelo lazer como principal objetivo (COSTA, 2008), contribuindo para a mudança nas concepções dessa prática no município.

Costa (2008) comenta o crescimento urbano de Caldas Novas relacionando-o ao turismo. Ele menciona que o crescimento urbano da cidade se evidenciou a partir da década de 1980, como ilustra a Figura 3, e ocorreu

sem uma legislação consistente que monitorasse a sua expansão, o que, entre outros fatores, fez com que hoje, no perímetro urbano, haja falta de áreas verdes, áreas de lazer públicas e, ainda, problemas de circulação de pessoas e veículos, em determinados setores, principalmente na alta temporada. Os recursos hídricos sofrem todos os colapsos decorrentes da falta de manejo sócio-ambiental. (COSTA, 2008, p. 93).

O aspecto que leva ao crescimento urbano é o aumento da população que Costa (2008) apresenta (vide Tabela 1) dos anos 1960 a 2007, a partir de dados do IBGE. Ele menciona que esse crescimento se relaciona ao turismo, principal

impulsor do crescimento econômico, atraindo migrantes em busca de emprego, que, pela grande quantidade em que chegaram, contribuíram para a formação de bairros periféricos,

causando pressão sobre as áreas de preservação permanentes, como a ocupação irregular das margens dos córregos que atravessam a malha urbana, tendo o Lago Corumbá como destino final de todos os dejetos. Grande parte dos empreendimentos de turismo e lazer também se formou em zonas de preservação permanente, e isso tudo diminuiu a oferta de espaços verdes públicos, na cidade. (COSTA, 2008, p. 107).

O autor também expõe dados da Secretaria de Planejamento de Caldas Novas, evidenciando o número crescente de migrantes a partir de 1980 (vide Tabela 2).

Tabela 1- Caldas Novas: Evolução da população, 1960 – 2007

Ano	Número de habitantes
1960	5.200
1970	7.200
1980	9.800
1991	24.900
2001	49.652
2007	62.204

Fonte: Costa, 2008, p. 95

Tabela 2 - Caldas Novas: Índice de migração de outras localidades

Ano	Maior % (oriundos)	Pessoas/Ano
1980	Brasília e São Paulo	120
1985	Brasília, São Paulo e Uberlândia	285
1990	Brasília e Nordeste (Bahia, Paraíba e Piauí)	1.320
1995	Nordeste (Maranhão)	2.136
2000	Nordeste (Maranhão)	4.356
2005	Nordeste (Maranhão e Bahia) e Brasília	5.975
2007	Nordeste (Maranhão e Bahia) e Brasília	6.532

Fonte: Costa, 2008, p. 96

Além dos dados expostos nas Tabelas 1 e 2, a figura abaixo ilustra o crescimento urbano da cidade entre os anos de 1980 e 2002.

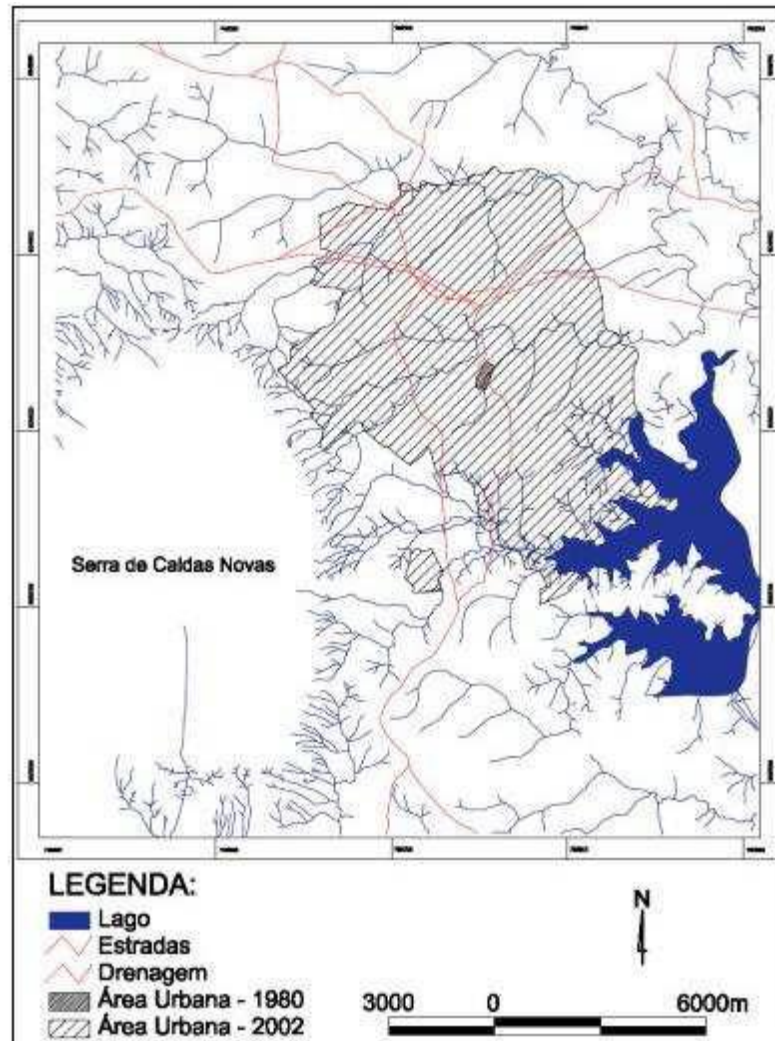


Figura 3 – Caldas Novas: Expansão da área urbana de 1980 a 2002.
Fonte: Costa, 2008, p. 94

Os dados mostram que, em um intervalo de onze anos (1980-1991), a população aumentou em 15.100 habitantes. O número de migrantes é mais expressivo na década de 90 (1.320 pessoas/ano) se comparado à década anterior (285 pessoas/ano). A relação entre o crescimento urbano do município e o turismo é intrínseca, pois esse crescimento foi dinamizado a partir da implantação de serviços e de maiores investimentos na atividade turística na região de Caldas Novas. (PAULO, 2005).

Paralelo ao crescimento urbano, Costa (2008) comenta a existência de 50 loteamentos irregulares em Caldas Novas e a ausência de saneamento básico nessas áreas, onde o esgoto corre a céu aberto. Ele destaca que, na malha urbana, apenas 30% do esgoto é coletado, não a diferenciando muito dos loteamentos irregulares. A partir disso, o autor observa o desrespeito à cidadania e às políticas


públicas legais, além da degradação ambiental, principalmente nos bairros periféricos.

Outra questão que Costa (2008) destaca é a especulação imobiliária, que resulta na criação, muitas vezes repentina, de loteamentos, provocando a falta de parâmetros legais para a urbanização e a ausência de integração entre os espaços naturais e antropogênicos.

A partir do exposto, percebe-se Caldas Novas como uma cidade que teve seu crescimento baseado na atividade turística, a partir da exploração das águas termais para o desenvolvimento do turismo, isolada de um planejamento urbano que integrasse suas atividades econômicas aos seus recursos naturais e à sua expansão.

Portanto, diversos problemas sociais, resultantes da falta de infraestrutura suficiente para atender a população e os turistas – consequência da exploração focada no mercado e descontextualizada de seu todo (cidade, sociedade que a compõem e espaço natural) –, evidenciam que entre os principais responsáveis pelo desenvolvimento de uma cidade, incluindo a atuação do poder público e privado, está a forma de se conceber a sociedade-natureza, que, no caso, foi percebida de maneira fragmentada e mercantilista. A concepção do valor simbólico das águas termais foi empregado de forma superficial, em que se desconsiderou, em nível mais profundo, sua importância para a história e para a cultura da cidade, reduzindo-se, assim, esse valor simbólico a um cenário criado para o lazer, visto somente como produto/mercadoria a ser comercializado para obtenção de receita.

1722	1777	1818	1818-1850	1850	1920	1921	1941
Chegada de Bartolomeu Bueno da Silva a Caldas Velhas (atual Rio Quente)	Chegada de Martinho Coelho de Siqueira a Caldas Novas	O capitão-general Fernando Delgado Freire de Castilho, Governador de Goiás, cura-se de artrismo e autoriza a divulgação das termas.	Visitantes com lepra buscavam as águas quentes para se curar	Proibição da entrada de doentes com enfermidades contagiosas. Os ranchos freqüentados por eles foram queimados.	Os herdeiros de Vitor Ozêda Ala construiram o primeiro balneário	Inauguração da rodovia que ligava Ipameri a Caldas Novas, facilitando a ida dos doentes que buscavam sua cura nas fontes termais	Inaugurada a Estância Balneária da cidade



1964	1965	1970	1980-2002	1996	2002	2012
Surge a Estância Thermas do Rio Quente	Fundação do Caldas Termas Clube Hotel -CTC	Intensificam-se os investimentos na qualificação e profissionalização do turismo da cidade. Ampliação da rede hoteleira, clubes e parques aquáticos.	Período em que o crescimento populacional de Caldas é mais expressivo	Aquífero termal Araxá atinge seu nível mais baixo no período de 1979 a 2012. A perfuração de novos poços é proibida (AMAT, 2013)	AMAT inicia estudos de viabilidade do Projeto de Recarga Artificial dos Aquíferos Termas (AMAT, 2013)	Versão final do PDTIS para o Pólo de Águas Termas é concluída.

Figura 4 – Linha do Tempo: Marcos Históricos. Elaboração Isabela Machado

3.3 SOBRE O MÉTODO DA DIALÉTICA HISTÓRICO-MATERIALISTA

A dialética foi eleita como método por ser, como colocam Bruynee, Herman e Schoutheete (1977, p. 66)

[...] uma abordagem imanente a um conteúdo, que busca as causas internas de seu desenvolvimento, suas contradições; essas causas internas são a razão das mudanças, enquanto as causas externas constituem apenas condições acidentais das mudanças.

Portanto, esse método contribuiu para a busca pelo desvelamento da concepção de sociedade-natureza presente nas formas de planejamento, implementação e desenvolvimento do turismo de Caldas Novas. Entende-se que essa concepção é uma causa interna às formas de desenvolvimento e às contradições presentes no turismo da cidade.

Além disso, uma hipótese levantada desde o início da pesquisa era de que o destino turístico de Caldas Novas segue um planejamento baseado no modelo do ciclo de vida do destino turístico, modelo apresentado por Butler (1980 *apud* BUTLER, 2011) que, assim como o método dialético histórico-materialista, considera o tempo um aspecto fundamental à análise, uma vez que as mudanças e as fases do ciclo de vida do destino turístico acontecem em um período temporal, inscrevendo-se no processo histórico, e podem evidenciar as concepções que propiciaram as mudanças ocorridas.

Ao mesmo tempo, a historicidade alega que a história não só expressa a trajetória do fenômeno, mas contém também sua explicação, como ocorre também na evolução. [...] a historicidade não dilui a ideia de estrutura, pois acredita em 'estruturas históricas', que, ao final das contas, permitem análises históricas. Por certo, quando analisamos a história e sacamos dela

alguma conclusão, descobrindo tendências, relevos recorrentes, todos e partes. Se fosse dinâmica completamente caótica, nada teríamos a analisar. (DEMO, 2000, p. 110).

Dessa forma, a análise do percurso do desenvolvimento turístico de Caldas Novas contextualizado historicamente é imprescindível para o entendimento das mudanças ocorridas durante esse processo e que levaram ao modelo atual, assim como a percepção das contradições/mediações internas a esse processo, que resultaram na concepção de turismo-sociedade-natureza atual e que foram observadas a partir do discurso dos entrevistados e do discurso presente nas formas de divulgação da cidade como destino (produto) turístico, além do observado nas diretrizes para o turismo no Plano Diretor de Caldas Novas, em relação ao seu contexto histórico.

Morin (1994, p. 28) menciona “A vida é sempre uma dialética do presente com o seu passado e com o seu futuro”. Portanto, a vida, a realidade inscrevem-se num contexto temporal, em que, passado, presente e futuro estão sempre vinculados, não se separam totalmente. As diretrizes futuras do turismo de Caldas Novas dependem das concepções que o regem no presente, assim como a situação do presente encontra no passado os caminhos que a moldaram.

No mesmo sentido, igualmente importante para esta análise é mencionar a totalidade, categoria da dialética que admite que:

A realidade é sempre mais rica do que o conhecimento que a gente tem dela. Há sempre algo que escapa às nossas sínteses; isso, porém, não nos dispensa do esforço de elaborar sínteses, se quisermos entender melhor a nossa realidade. (KONDER, 1997, p. 37).

O desafio em apreender a realidade na sua completude deve-se ao fato de que a totalidade é sempre maior que a soma das partes. Dessa forma, “no pensamento dialético, o exercício totalizador busca a complexidade na ação que será sempre parcial, particular e historicamente condicionada.” (LOUREIRO, 2005, p. 1488). Ao mesmo tempo, por ser

um todo integrado, no qual as partes (o econômico, o social, o político, o cultural, o individual, o local, o nacional, o internacional, o objetivo e o subjetivo, etc...) não podem ser entendidas separadamente, senão numa relação com o conjunto.” (MOESCH, 1999, p. 119).

Essa mesma reflexão é encontrada no pensamento complexo, que busca

romper com o raciocínio linear e reducionista, que esquarteja o real para que caiba em seus esquemas de análise; admite a contradição, o acaso e a

contingência como definidores da dinâmica do mundo real, busca uma compreensão dialógica da relação entre todo e parte, fugindo do parcelamento, mas também de um holismo vulgar e vazio; lança sobre a realidade um olhar visando captar sua multidimensionalidade; e aventurar-se, enfim, pelas incertezas do mundo do conhecimento. (PIMENTEL, 2010, p. 17).

Defende-se que, pelos objetivos pretendidos neste trabalho, as categorias próprias da dialética são as que mais contribuem para a análise dos dados a serem obtidos com a pesquisa.

A dialética, pretendendo-se captação do movimento concreto, natural e sócio-histórico, integra em sua abordagem a própria lógica do pensamento reflexivo e científico. A dialética como reflexão subjetiva articula-se com a dialética como movimento objetivo, o racional é o real (Hegel), é a história. Assim, o método dialético, só se realiza plena e rigorosamente na captação total do movimento histórico em suas contradições constituintes (Lukacs). (BRUYNEE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1977, p. 67).

Evitando, a partir da escolha da Dialética como método, o pensamento reducionista e separatista, assim como a visão metafísica, que, de acordo com Hegel, investiga as coisas como algo dado e fixo, conseqüentemente, a análise dialética busca a superação do pensamento metafísico, que define sujeito e objeto de formas separadas. (MASSON, 2007).

A dialética não separa o objetivo do subjetivo, uma vez que eles se complementam. Por meio do que é constatado no movimento histórico (objetivo) e nas contradições presentes nele é possível analisar reflexivamente (subjetivo) as causas internas que levaram à determinada construção, nesse contexto, referentes ao turismo de Caldas Novas e o seu impacto no modelo de desenvolvimento da cidade.

Partindo dessa análise subjetiva sobre o evidenciado objetivamente, a dialética – pelo confronto de contrários, que são, ao mesmo tempo, complementares (mediato/imediato, teoria/prática, ideologia/matéria, criticidade/alienação, entre outros) – busca a superação das impressões pré-existentes da realidade estudada.

Para Hegel, a dialética como modo de conhecimento ontológico, no confronto do idêntico com o contrário, do imediato com o mediato, realiza um ultrapassamento dessas antinomias. O movimento do real identifica-se então com o do pensamento, a realidade é o Espírito absoluto tomando, progressivamente, a consciência de si mesmo. O modelo hegeliano da dialética está centrado em torno de uma unidade originária simples, de um 'Sujeito', que se diferenciam em seu próprio seio, mas que recupera suas diferenciações, suas contradições, sob uma mesma forma idêntica, (tese, antítese, síntese). (BRUYNEE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1977, p. 67).

A dialética é o método que mais se aplica à busca pelo entendimento de uma realidade social, pois procura aproximar-se da realidade sem negar a dinâmica pertencente aos processos que os tornam complexos em si mesmos. É a tentativa de alcançar

a dimensão intrinsecamente dinâmica da realidade objetiva e subjetiva [...]. Capta as dissonâncias no esforço de compreender a realidade complexa, tentando formalizar de maneira mais flexível, na expectativa de que ordenamento menos rígido é mais justo com a realidade, ainda que seja bem mais difícil conviver com a incerteza. Sabe que a própria mente humana, em sua racionalidade e emoção, complexíssima por natureza, não dá conta da realidade toda, também porque sequer dá conta de si mesma. (DEMO, 2000, p. 107).

Nesse sentido, Morin (1993, p. 24) discorre:

[...] há vinte anos, havia certeza e segurança de que o progresso era uma máquina [...] se baseava numa trindade: a técnica, a ciência e a razão, as quais forneciam a luz para esclarecer os caminhos do futuro. Nesta concepção, a ciência sempre produz o bem, sempre produz o conhecimento verdadeiro, sempre ajuda a razão. A técnica dá, aos humanos, a possibilidade de controlar, de submeter a matéria e as energias.

O pensamento cartesiano, que fragmenta, o pensamento metafísico, que paralisa (é estático), a racionalidade e a técnica asseguram a ilusão da segurança, da certeza, porém esbarram na incompletude do reducionismo, diferente da dialética e do pensamento complexo, que lidam com a incerteza. Contudo, ao considerá-la e ao assumir os limites/possibilidades de apreensão da realidade, assumem melhores condições de lidar como o novo, o dinâmico e o inesperado, que são características intrínsecas à realidade e não podem ser ignoradas, excluídas ou dominadas.

Por considerar a dinamicidade e a incompletude presentes na realidade social estudada, a dialética se aproxima dessa realidade, contribuindo para seu melhor entendimento, como explica Demo (2000, p.108)

Por isso, é menos erro do que incompletude. O erro como tal – por exemplo, incidência em contradições lógicas, formulação de argumentos precários, contradições performativas – precisa ser evitado, superado. Já a incompletude era intrínseca, sobretudo para que o pensamento possa ser dinâmico. Nesse sentido, a dialética liga-se à dinâmica da realidade e do pensamento – planos ontológico e lógico –, considerando a estática intervenção estranha.

Nesse sentido, a dialética, como método eleito neste trabalho, não pretende abarcar a totalidade em sua completude, mas sim em sua incompletude, que busca conclusões menos para findar um assunto que para incitar novas questões.

4 OS CAMINHOS DA CONTRADIÇÃO ENTRE O DISCURSO E AS PRÁTICAS DO TURISMO EM CALDAS NOVAS: O VALOR SIMBÓLICO E MERCANTIL DA ÁGUA

Este capítulo apresenta as análises do discurso desenvolvidas pela autora a partir das entrevistas e dos outros materiais selecionados para o desenvolvimento dessa pesquisa, conforme descritos na metodologia. Apenas alguns trechos das entrevistas são colocados de forma direta, no intuito de ilustrar os elementos que levaram às interpretações e conclusões discorridas. Contudo, no final do capítulo, estão os quadros de análise do discurso de cada entrevistado elaborados pela autora, que complementam as reflexões formuladas. E, com o objetivo de expor todos os detalhes das entrevistas, evitando omitir partes importantes de cada relato, assim como tornar o texto interpretativo demasiado longo, incluiu-se as entrevista na íntegra no apêndice da dissertação.

4.1 RECONSTRUÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE A POSTERIORI

As categorias de análise *a posteriori* são as que se inserem no tema do trabalho para serem analisadas e reconstruídas a partir do quadro dialético histórico-materialista. Elas compõem as grandes temáticas desenvolvidas, de acordo com o quadro a seguir:

Quadro 2 – Categorias *a posteriori*

Temas	Categorias <i>a posteriori</i>
Concepção de sociedade-natureza	Separação homem-natureza: a natureza "está a serviço" do homem para ser explorada (percepção cartesiana).
	Valor simbólico da água
	Valor mercantil da água
	Atrativo natural
	Turismo de águas termais
	Natureza como artifício
	Sustentabilidade e Turismo Sustentável
Concepção de turismo	O turismo é percebido como indústria (visão reducionista, que evidencia apenas seu aspecto econômico). Os aspectos quantitativos recebem destaque em detrimento de aspectos qualitativos.
	Modelo do ciclo de vida do destino turístico (o destino é percebido e tratado como produto a ser comercializado)
	Poder Público x Poder Privado
Turismo de saúde (TS)	Imaginário (cura e saúde X doença)

Dessa forma, serão analisadas com base nas categorias *a priori*, que pertencem à dialética: totalidade/fragmentação, teoria/prática, autonomia/dependência, contradições/mediações e ideologia/matéria. A partir da construção teórica dessas categorias (tese), interpretam-se os dados e informações obtidos com a pesquisa de campo e, por meio dos materiais selecionados para a pesquisa, evidencia-se a prática (antítese), possibilitando a reconstrução das categorias *a posteriori*, na busca pela constante superação interpretativa dos resultados obtidos (síntese).

4.1.1 Valor Simbólico da Água (Teoria X Prática) em Relação ao Turismo de Saúde

A água, entre os diversos simbolismos que possui, encontra-se, em Caldas Novas, vinculada à cura, logo, à contradição saúde X doença. A fama das fontes termais existentes nesse município espalhou-se como resultado dessa associação, e tanto a origem das fontes termais como suas propriedades terapêuticas envolviam

um imaginário representado por estórias que afetavam a relação sociedade-natureza estabelecida pelos primeiros habitantes e visitantes do local.

Aquelas fontes termais foram denominadas de 'milagrosas', quando vários doentes dos mais longínquos rincões para lá se dirigiam em busca da cura. Este tipo de mito, das águas quentes, talvez esteja relacionado ao mito de origem das fontes termais. No mito de cura das águas quentes deve-se ressaltar a relação entre mito e rito. (BARBOSA; PARANHOS, 2010, p. 8).

O imaginário sobre o surgimento dessas fontes envolve a presença de um vulcão extinto, responsável pelo aquecimento das termas. M. Silva (2009), Barbosa e Paranhos (2010) exemplificam essa crença ao incluir trechos de obras de diferentes autores relatando a presença do vulcão.

Se, para muitas pessoas, a Serra de Caldas é um vulcão adormecido que, em suas entranhas, aquece as águas pelo calor da lava emanada em seu interior torna-se pré-posto que em enredos populares também reside uma parcela das 'verdades de um povo'. Em 'Os Sertões', de Euclides da Cunha, por exemplo, após uma longa descrição sobre os processos geológicos de formação das Américas, figura colocações 'científicas' sobre um 'vulcão das Caldas', existente no centro do Brasil, de modo que, há muito, são instigadas inúmeras reflexões sobre os reais motivos de aquecimento das águas que residem em várias fontes termais localizadas naquela região. (SILVA, M. 2009, p. 159)

No mesmo sentido, Campos et al. (2009, p.2) acrescenta:

Apesar da grande importância local e regional das águas quentes, os mecanismos do aquecimento das águas ainda não são conhecidos do grande público e muitos acreditam que as águas são aquecidas em função da presença de um vulcão [...].

Na realidade, o aquecimento das águas ocorre pela penetração da chuva na terra, que atingem a profundidade aproximada de 1500 metros, atravessando fraturamentos do solo. Elas são mineralizadas pelo contato com a rocha e aquecidas por um fenômeno chamado gradiente geotérmico, que é o aquecimento de 1°C da água a cada 33 metros de profundidade atingidos. (SOUSA; PERES; MARTINS, 200-?) A real explicação científica, contudo, não favorece uma imagem simbólica que expresse o motivo do aquecimento das águas.

E o imaginário é necessário à humanidade. "O mistério é aquilo que se partilha com alguns e que conseqüentemente serve de cimento, reforça o sentimento de pertença e favorece uma nova relação com o ambiente social e com o ambiente natural." (MAFFESOLI, 1995, p. 17).

Doravante, Bachelard (1999, p.7) associa simbolicamente a água ao fogo: "A água é realmente o elemento transitório. É a metamorfose ontológica essencial entre

o fogo e a terra.” E acrescenta: “A água e o calor são nossos dois bens vitais.” (1999, p.133), podendo ser essas as justificativas para a relação da origem das águas com a suposta existência de um vulcão extinto onde se localiza a Serra de Caldas.

Barbosa e Paranhos (2010, p. 8) incluem:

O rito realiza o mito e permite sua vivência. [...] Nas águas quentes tem-se o rito de passagem do estado de enfermidade ao estado de cura através de imersões nas águas termais. A mãe natureza aquece as águas por meio das lavas (o mito do vulcão), dando-lhe o caráter de ‘milagrosa’, pois da terra emergem as águas com o poder de cura. A partir desse momento, pessoas doentes, dos mais distantes locais, dirigem-se para a Serra de Caldas para imersão nas águas quentes. Após os banhos, normalmente em banheiras, encerra-se o ritual da cura.

Belisário (2006, p. 125) também relata a ida de visitantes a Caldas Novas atraídos pela possibilidade da cura.

Caldas Novas, desde o século XIX, foi se desenvolvendo lentamente tendo paralelamente à agropecuária, uma atividade turística incipiente e amadora na qual os visitantes buscavam os banhos nas águas quentes como forma de tratamento para alguns tipos de doenças. Deste modo, a cidade foi ganhando conotação de balneário de saúde que acolhia os visitantes em suas pequenas pensões familiares. O primeiro balneário público de Caldas Novas foi construído somente em 1920, período no qual já existiam alguns hotéis como o Hotel Avenida.

Entretanto, relacionada à cura e à saúde, está o seu contrário, a doença. E havia leprosos entre os viajantes que chegavam à cidade. Por esse motivo, a característica que marca o município ainda hoje é a associação da água, enquanto curativa, às doenças contagiosas. Dessa forma, como se verá a seguir nas falas dos entrevistados, existe no imaginário que envolve as propriedades curativas da água uma ligação à ideia de doença mais que à ideia de saúde e a tentativa de evitar essa associação.

Nesse contexto, faz-se um paralelo entre os opostos saúde/doença, presentes em Caldas Novas, e pureza/impureza, por Bachelard:

Sobre o tema dialético da pureza e da impureza da água, pode-se ver essa lei fundamental da imaginação material agir nos dois sentidos, o que constitui uma garantia do caráter eminentemente ativo da substância: uma gota de água pura basta para purificar um oceano; uma gota de água impura basta para macular o universo. Tudo depende do sentido moral da ação escolhida pela imaginação material: se ela sonha o mal, saberá propagar a impureza, saberá fazer eclodir o germe diabólico; se ela sonha o bem, terá confiança numa gota da substância pura, saberá fazer irradiar sua pureza benfazeja. (BACHELARD, 1999, p. 149).

Assim como uma gota de água pura pode purificar o oceano e seu inverso também é considerado, a mesma água que cura pode contagiar. O simbolismo da cura é interessante para a imagem do destino turístico de Caldas Novas, mas os de doença e contaminação são negativos, ocasionando a hesitação em manter o imaginário da cura evidente na memória da cidade, uma vez que ele não se dissocia da doença. Essa é uma das causas encontradas para a mudança de foco da saúde para o lazer e para a consequente superficialidade legada aos valores simbólicos das termas de Caldas.

[...] ao longo do tempo esse público [que demanda por saúde] foi se modificando, já que os empreendedores não queriam que suas terras tivessem fama de fonte de cura para leprosos e outros tipos de doença. Inicia-se então uma considerável mudança na percepção da região pela influência do complexo de Caldas, que deixa de ser medicinal para se tornar um complexo turístico [direcionado ao lazer]. (ANDRADE, 2009, p.25).

Em contradição à questão da saúde e mediação à doença, a autora pôde observar, durante diferentes estadas em Caldas Novas, tanto para pesquisa de campo (uma vez durante a graduação, em 2010; e outra para o mestrado, em 2013), como a passeio (carnaval de 2012), a falta de cuidados relativos à saúde dos banhistas nos empreendimentos da cidade, quanto à utilização das piscinas, para se evitar possíveis contágios por contaminação da água. Isso, em comparação a outras experiências de visitas a clubes em Brasília, onde pôde notar a exigência de um exame médico, a fim de se comprovar a ausência de micoses ou outras doenças, como pré-requisito para utilização das piscinas. Destaca-se a contradição teoria/prática, em que há rejeição ao estigma das doenças contagiosas, ao mesmo tempo em que faltam ações para evitá-las.

A mudança de foco da saúde para o lazer, tendo o estigma das doenças contagiosas como motivo, é explicitado pela Entrevistada 3: “É, o foco na realidade foi mudado, porque Caldas Novas passou realmente a se ver como polo turístico, a partir do desenvolvimento do Rio Quente, na época, Pousada, hoje, Rio Quente Resorts e ele que **teve primeiro a ideia de transformar o uso das águas termais que, até então, era pra exploração terapêutica, pro turismo de lazer.** Baseado no sucesso do Rio Quente Resorts, que Caldas Novas começou a afastar as pessoas que vinham principalmente com problemas de pele, hoje chamada de hanseníase, na época, lepra. É, então, tinha, havia um grande preconceito com relação a essas pessoas, era considerada uma doença sem cura, altamente contagiosa, então vendo

o exemplo do Rio Quente Resorts, **Caldas começou a afastar essas pessoas e começou a investir no turismo de lazer.**”

O Entrevistado 1 também expressa, em seu discurso, o receio da associação do turismo de saúde e da água curativa a males contagiosos, quando questionado sobre isso, porém de maneira implícita. Ele revela: “as propriedades termais, medicinais das águas é que fizeram com que as pessoas viessem pra cá, ou que também, os médicos indicassem pra que as pessoas viessem pra cá, justamente pra buscar esse tratamento. **Mais tratamentos assim, vamos dizer assim de enfermidades musculares, reumáticas de tratamento mesmo de pessoas com esse tipo de dificuldade de locomoção, pós-cirurgia, esse tipo de coisa, terapia na água pra melhorar os movimentos.** Isso aí não se perdeu até hoje. Tem as pessoas que ainda vêm na busca justamente dessa, desse benefício, porque são as propriedades das águas é que fazem esse tratamento.”

Ele evita mencionar o mal de Hansen, comum entre os primeiros viajantes atraídos pelas propriedades das termas, e atribui a procura a problemas musculares, à dificuldade de locomoção e à necessidade de recuperação pós-cirúrgica, evitando a ideia de doença, embora utilize o termo “enfermidade” e cite, entre os exemplos, o reumatismo. Dessa forma, tenta afastar o aspecto negativo, pejorativo, de doença, assim como a possibilidade de contágio.

Por sua vez, o Entrevistado 2 exalta o turismo de saúde no início de sua fala, ao defender que ele ainda acontece em Caldas Novas. Entretanto, seu discurso logo revela a ausência da cura de doenças como aspecto desse turismo, enfatizando o bem-estar como sua principal característica. Essa análise sobre o que diz o Entrevistado 2 não intenciona expressar que o bem-estar esteja fora do turismo de saúde, mas sim mostrar que esse termo aparece no discurso, ainda que vinculado explicitamente ao turismo de saúde, de maneira, pode-se interpretar, generalista, uma vez que bem-estar também se relaciona a lazer, favorecendo a saúde, sem que ela seja necessariamente seu objetivo. No mesmo sentido, nota-se a ausência da concepção explicitada de doença e de seus consequentes tratamentos como componentes do turismo de saúde.

Expõe-se o trecho da entrevista em que baseou essa análise: Entrevistado 2: “Eu discordo, primeiramente, que hoje não se tem o turismo de saúde em Caldas. Ainda existe, até porque esse pessoal que muda pra cá, principalmente a terceira idade, é uma porcentagem grande dessa decisão é o uso das águas termais.”

Pesquisadora: “Com o foco da saúde?” Entrevistado 2: “É, da saúde. **Bem viver, bem-estar e tal.**”

Nota-se ainda a valorização do turismo de saúde pelo discurso, mas a falta de ações e investimentos que possam direcionar parte do turismo de Caldas Novas a esse segmento. O Entrevistado 1 expressa algumas contradições sobre isso ao mencionar que a demanda por turismo em Caldas Novas não foi espontânea, foi “trabalhada”, criada. Isso significa que havia a possibilidade de se ter focado essa demanda para o turismo de saúde, o que atribui ao setor privado, em Caldas Novas, grande parcela de responsabilidade sobre a predominância do segmento lazer no município.

Ademais, ele revela que não há orientação para os turistas de como utilizar os benefícios terapêuticos das termas nos empreendimentos. Outra contradição está no comentário: (E1) “Na, na realidade **foi mesmo uma necessidade pra acompanhar o crescimento da cidade. Não deveria ter abandonado né a parte da balneoterapia. [...] apesar de não ter sido abandonado esse tratamento, mas hoje ele é disperso né.**” Revelando que um dos aspectos motivadores da mudança de foco era acompanhar o **crescimento** da cidade. As declarações “não deveria ter abandonado” e “apesar de não ter sido abandonado” apresentam uma tentativa de demonstrar valorização desse segmento pela fala. Todavia, comparando discurso e prática, lê-se: “Sabemos das propriedades das águas, portanto não podemos ignorá-las, contudo, não há interesse em investir no turismo de saúde.”

Característica que se repete no comentário do Entrevistado 2: “É, o turismo de saúde ele acontece naturalmente né, praticamente sem divulgação, com pouca divulgação, vamos dizer assim.” (P): “De maneira mais espontânea?” (E2) “É, exato.” Com isso, admite-se o desinteresse tanto do poder privado como do poder público no turismo de saúde. Faz-se presente a contradição ideologia/matéria na exaltação das propriedades terapêuticas das fontes, por um lado, e na ausência de investimentos, divulgação, orientação e aproveitamento dessas propriedades no turismo, por outro.

Doravante, o Entrevistado 1 relata a desativação do Balneário Municipal (de responsabilidade do governo), onde existia um foco nos tratamentos de saúde a partir das águas quentes. O lugar está desativado há 25 anos. A Entrevistada 3 acrescenta que todo prefeito menciona a recuperação do Balneário em seu discurso

de campanha, entretanto ele continua desativado. O que reforça a interpretação da pesquisadora da contradição ideologia/matéria.

Cita-se o artigo 75, XVII, do Plano Diretor (2011): “Resgatar o Turismo de Saúde com a instalação do Museu das Águas Quentes para a divulgação das propriedades terapêuticas das Águas de Caldas Novas [...]”, que demonstra a desvalorização do turismo de saúde ao longo do tempo e evidencia-se a superficialidade dessa recuperação, considerando-se que a implantação do museu não implica a prática do turismo de saúde.

No raciocínio das contradições teoria/prática, ideologia/matéria, totalidade/fragmentação, atenta-se para o artigo 75, XVIII: “Incentivar o surgimento de SPAS, clínicas de repouso, clínicas de recuperação de alcoólicos e dependentes químicos.” O inciso XVII menciona o resgate do turismo de saúde por meio da implantação de um museu das águas quentes, enquanto o inciso XVIII menciona o incentivo ao surgimento de SPAs e clínicas de reabilitação que não se relacionam às termas.

Destarte, observa-se a fragmentação do turismo de saúde na proposta de clínicas para alcoólicos e dependentes químicos que não aproveitam as benesses das fontes termais, por sua vez, parte indissociável da totalidade de Caldas Novas; o afastamento entre a ideologia da recuperação do turismo de saúde e a matéria que não é utilizada para esse objetivo; e a teoria desse resgate oposta ao lazer das massas, conforme destaca o Entrevistado 1: “Tem que voltar a ter o Balneário funcionando e tal pra esses casos é específicos né, pras pessoas que querem a tranquilidade de estar ali dentro de uma banheira, tal, sob os cuidados, acompanhando ali os batimentos cardíacos, essas coisas todas, **do que ela estar numa piscina com mais 50, 100, 200 pessoas** né. Então, apesar de não ter sido abandonado esse tratamento, mas hoje ele é disperso né.”

A pesquisadora observou ainda, em suas diferentes estadas no município, a presença de animadores em clubes e hotéis, que iniciam danças, brincadeiras e exercícios nas piscinas, mencionando em seus discursos a importância de “mexer o corpo”, “movimentar-se”, “queimar calorias”, “mandar a fadiga embora”, aludindo ao bem-estar e à saúde.

A autora também presenciou, em sua viagem em 2010, uma palestra, à beira das piscinas, sobre cuidados com a saúde e dicas de alimentos anti-inflamatórios, digestivos, que melhoram a circulação e ativam o metabolismo.

Entretanto, as propriedades terapêuticas das fontes não eram o foco da palestra, eram citadas sem destaque e aconselhava-se apenas sobre o cuidado de não ir para as piscinas logo após as refeições e não permanecer por períodos muito prolongados nas águas quentes.

Adverte-se que essas palestras sobre bem-estar e dicas de alimentação, assim como atividades aquáticas motivadas por animadores em hotéis, não são exclusivas de Caldas Novas ou de destinos com recursos naturais terapêuticos. Podem ser encontrados em hotéis de praia e *resorts* diversos.

Com isso, entende-se que o estigma da doença somado ao interesse de transformar Caldas Novas em um destino voltado para a importância quantitativa de turistas, de arrecadação e de crescimento ilimitado da demanda e da exploração da cidade e das termas como produto turístico de sol, praia e aglomeração, provocou a perda do valor simbólico das “milagrosas águas curativas”.

Desse simbolismo restaram algumas imagens, que mantêm na memória, de modo superficial, o mito do vulcão, que aquece as águas, e algumas das propriedades das fontes que favorecem o bem-estar. Imagens que servem mais de cenário para as brincadeiras aquáticas, que prometem fazer bem à saúde, elaboradas pelos animadores dos clubes e hotéis e para o conjunto de toboáguas que integram a diversão, e menos para um resgate e valorização da história e da cultura de Caldas Novas, assim como para o real aproveitamento desse simbolismo como componente do turismo de saúde.

A exemplo dessa reflexão, o anúncio do Grupo Di Roma abaixo. Ele serve para ilustrar a superficialidade legada aos mitos e ao imaginário das águas, sobrando-lhes o papel de cenário para o turismo de sol e praia praticado no município.

**CALDAS NOVAS TEM
O VULCÃO DAS ÁGUAS QUENTES**

A sua maior aventura começa aqui no
diRoma Splash.

Rio lento, Free Fall, Super race e muito mais!

:: PREPARE SEU FÔLEGO!



Figura 5 - Fonte: <http://www.d روما.com.br/> (2012)

O valor simbólico da água deixou de predominar em detrimento do seu valor mercantil, uma vez que é em torno desse atrativo que milhares de pessoas se reúnem, em busca da convivência e da diversão, transformando-a em simples produto a ser consumido.

4.1.2 O valor mercantil da água e o ciclo de vida do destino Caldas Novas

Pelo desejo de afastar da cidade o estigma de atrair leprosos pela fama curativa das águas e, ao mesmo tempo, explorar as termas como fonte de renda, o valor simbólico da água foi abafado, destacando-se apenas seu valor mercantil, conforme exposto pela fala dos entrevistados, por trechos do Plano Diretor e pelo foco da divulgação do destino mostrados na seção anterior e reforçados adiante nessa seção.

As fontes do município, como fontes de cura, carregavam, não somente o imaginário do sobrenatural, por serem muitas vezes descritas como milagrosas, mas também, despertavam a esperança nos doentes desacreditados. O seu simbolismo de renovação e cura motivava viagens marcadas pela dificuldade de acesso a Caldas Novas, das quais se infere um valor inestimável legado àquelas águas, pois, além de elemento vital, eram também a possibilidade de “renascimento” conquistado pela cura de doenças que poderiam ser consideradas quase uma sentença de morte, como a lepra.

Entretanto, com a transformação das termas em simples mercadoria, afastadas de seu valor simbólico, elas passaram a ser procuradas puramente como forma de lazer. Subentende-se, a partir dos dados analisados, que a procura é mais pela facilidade de acesso para os estados e cidades próximos e pela ideia de diversão associada às características de um turismo de sol e praia, que por seu diferencial de temperatura e propriedades terapêuticas.

Acrescenta-se a fala do entrevistado 2, que discorre sobre esses aspectos: “Naquela época, isso foi quando, no início né, há 60 anos atrás. Isso aí era o que **motivava as pessoas a andar aí 500, 300 Km de estrada de chão, na maior**

dificuldade do mundo pra poder vir em busca da cura. Naquela época a medicina era muito atrasada. **A pessoa que tinha lepra, por exemplo, ela tava condenada a morrer num canto qualquer.** Então, aqui era a única saída. **Aí com o advento de Brasília,** a construção de Brasília, **o crescimento de Goiânia, de toda a nossa região, a melhora da malha rodoviária, isso aí tornou Caldas Novas o que é o, vamos dizer assim, o local de turismo mais fácil de chegar pra esse pessoal aqui. É muito mais perto do que praia, muito mais barato também. Caldas Novas hoje, talvez seja o município que tem diária e comida mais barata do Brasil. E isso aí foi naturalmente, mudando o foco.**

A fala do entrevistado explicita como qualidades do destino o baixo preço e a facilidade de acesso, revelando a preocupação em atrair o visitante, não por um valor subjetivo, histórico-cultural e simbólico, que o torna especial e único, merecedor de conhecimento. Contudo, um destino que vale a frequência por ser barato e acessível. Essas características postas em evidência expressam uma concepção reducionista do valor mercantil das águas em Caldas Novas que está desvinculado do aspecto mais profundo e intrínseco dessas fontes no contexto de sua história e de sua relação natureza-cultura para o ser humano.

Embora as termas sejam consideradas o principal atrativo da cidade, a autora infere, a partir dos dados analisados que ela é antes um cenário, um pano de fundo que ajuda a contextualizar o principal produto divulgado pela cidade, que é o lazer em grupo, a convivência, a aglomeração de pessoas como imagem de diversão, que, por sua vez, é transmitida simultaneamente à ideia de sossego do interior, oposta à prática presente em uma cidade agitada pelo grande número de turistas que recebe nas altas temporadas (feriados e finais de semana).

O entrevistado 2 menciona essa intenção no seguinte trecho: “E é um atrativo, principalmente a água termal, **a convivência com o pessoal de Caldas também, serestas**, enfim, isso faz com que as pessoas acabem vindo pra cá.” Ademais, como apresenta o Plano de Desenvolvimento Integrado de Turismo Sustentável do Pólo das Águas Termais (PDTIS, 2012): “segundo uma pesquisa feita na rodoviária de Caldas Novas, apenas 8% dos turistas viajam motivados pela saúde, 8% por negócios, 1% pelo ecoturismo e 83% procuram lazer.” Demonstrando que a demanda corresponde a oferta de lazer, propiciando a continuidade do atual modelo de turismo de Caldas Novas.

A mesma intenção é percebida em divulgações do Grupo Di Roma que busca atrair a família, como um de seus públicos-alvo, enfatizando o lazer e o descanso:

NO DIROMA A FAMÍLIA SE DIVERTE MUITO!

A estrutura do grupo diRoma foi feita para proporcionar muito conforto, lazer e descanso.

São 7 opções de hospedagem a sua escolha.

:: VENHA PARA OS HOTÉIS DO GRUPO DIROMA!

Figura 6 - Fonte: <http://www.diroma.com.br/> (2012)

Sobre o lazer vinculado à convivência e o estar-junto, seja com a família, os amigos ou pessoas desconhecidas, a seguinte reflexão de Maffesoli (1995, p.62) faz-se pertinente ao contexto do turismo em Caldas Novas:

No que nos concerne, uma tal comparação permite, sobretudo, integrar, como elementos estruturantes, o hedonismo e o prazer de estar-junto. Estes podem assumir as mais diversas formas: esporte, música, religião, turismo, lazer, consumo, e não remetem menos a uma cultura que, queira-se ou não, parece afirmar-se com força neste fim de século.

E não se limitou ao fim do século XX, alcançando o século XXI, essa cultura ainda mostra-se latente entre muitos sujeitos. Aparentemente, nesse recorte, o prazer de estar-junto dispensa, ainda que só em um primeiro momento, o prazer e a necessidade do mistério, do simbólico, que permitem o sentimento de pertença e de (re)ligação com as origens (a natureza).

O entrevistado 1 reforça o lazer como principal busca dos turistas: “Mas, hoje **a grande maioria busca justamente o lazer. É estar com a família, estar com os amigos e tudo mais, e curtir mais como lazer e não como saúde.**” A água é transformada em produto para o lazer. Em oposição ao se vê em algumas divulgações do destino exaltando as qualidades da água para a saúde, na prática não é possível observar o seu direcionamento para essa finalidade.

O site da Fundação Convention & Visitors Bureau de Caldas Novas (2013), por exemplo, traz em seu vídeo de divulgação, assim como no texto do site os benefícios da água para a saúde, mas não se encontra nos hotéis e nos clubes nenhuma orientação para esse tipo de uso das termas. No vídeo de divulgação do

Grupo Di Roma (2010), também é possível observar uma rápida menção às “propriedades revigorantes das águas termais, mas nada que aprofunde o valor das propriedades terapêuticas das fontes.

Apoiando-se nas imagens e no trecho abaixo, presentes no sítio eletrônico do Di Roma (2012), interpreta-se que a foto de uma família de aparência atlética não remete à necessidade de renovação das energias ou do uso das propriedades terapêuticas das fontes. Atenta-se ainda para os termos “maior” e “melhor” que evidenciam a presença da abundância, presente também em discursos de outros textos do Grupo, assim como em outras fontes de divulgação da cidade, para citar algumas: o sítio eletrônico da fundação Convention e Visitors Bureau de Caldas Novas, vídeos de divulgação dos clubes e hotéis do município, documentos da Secretaria de Turismo de Caldas Novas e de Goiás (AGETUR). Essa abundância alude à importância da quantidade, característica central no desenvolvimento turístico de Caldas Novas e na visão puramente mercantil de utilização dos atrativos.



Figura 7 – Fonte: <http://www.diroma.com.br/> (2012)

“Venha viver o melhor de Caldas Novas no Grupo diRoma, o maior e melhor grupo hoteleiro da região centro oeste. São opções infinitas de lazer e diversão para toda família. Muito lazer nas incríveis piscinas de águas termais onde você vai poder relaxar e renovar suas energias.[...] Para quem procura descanso, os hotéis do nosso grupo tem muito espaço e uma natureza maravilhosa, cheia de vida e verde. Aqui você vai poder renovar sua energias e descansar. Aqui no Grupo diRoma o seu único compromisso é não ter compromisso com nada, tudo foi feito para que você e sua família tenha uma estada inesquecível e cheia de boas recordações. Hospede-se em um dos nossos hotéis e comprove o que milhares de hóspedes já sentiram em nossas águas termais, uma vida de saúde, alegria e muita felicidade.” (DI ROMA, 2012)

**O MAIOR E O MELHOR
GRUPO HOTELEIRO DE GOIÁS**

Venha viver dias inesquecíveis
em meio a muita natureza e água quente.

Lazer, descanso, conforto, diversão e muito mais!

:: UM MUNDO DE ÁGUA QUENTE TE ESPERANDO!

Figura 8 - Fonte: <http://www.diroma.com.br/> (2012)

Destaca-se que a saúde é citada, todavia é contextualizada como parte do lazer, do descanso e da alegria encontrados em Caldas Novas. Não há opções disponíveis para o uso da água com finalidades terapêuticas.

Sobre a natureza, percebeu-se no discurso do vídeo do Di Roma (2010) que a presença aparece como característica do município que possibilita o relaxamento, o sossego, pois ela é mencionada como aspecto integrante do lugar adequado para a despreocupação. Destaca-se, contudo, a sua artificialização, percebida nos parques e hotéis e evidenciada no atrativo Jardim Japonês, descrito pelo sítio eletrônico do Grupo Di Roma (2012) e da Fundação Convention & Visitors Bureau de Caldas Novas (2012) e no vídeo do Di Roma (2010).

O Jardim Japonês é um local que possui forte energia espiritual. É um passeio pelas tradições dos monges budistas que, desde o século XII, utilizam jardins, como este, para fazerem suas meditações e orações. Há toda uma simbologia oriental aplicada a cada detalhe. O chafariz da tartaruga, por exemplo, conota longevidade e tranquilidade. O local foi construído na área da sede de uma antiga fazenda goiana, da qual foram preservados objetos e instalações, características da colonização da região. As antigas moendas de cana-de-açúcar, as rodas d'água, os carros de boi, entre outros, estabelecem um interessante contraste com a suavidade da cultura oriental. (FUNDAÇÃO CONVETION & VISITORS BUREAU, 2012)

A pesquisadora pôde observar durante sua visita a esse atrativo que ele possui sua paisagem montada com pinheiros e algumas árvores, as quais, segundo os guias do próprio atrativo, possuem significados simbólicos para os japoneses, como a tamareira e o cacto, que representariam o verdadeiro e o falso amigo respectivamente. Há também uma pequena ponte que termina em uma encruzilhada, ilustrando as escolhas da vida, em que o lado direito seria a escolha correta. Os guias do atrativo passam rápidas explicações, estimulando os turistas a

fazerem esses pequenos rituais de escolha dos caminhos e um desejo no alto de uma cascata.

Após a apresentação sobre o jardim, os guias deixam os visitantes livres para olharem com mais calma aquilo que desejarem e informam que de um lado do jardim há criação de avestruzes, caracterizadas pela guia que acompanhou o grupo da autora como animal do cerrado, e ao fundo uma casa goiana tradicional, pois aquele lugar onde está o jardim japonês é originalmente uma fazenda.

É possível formular diversas análises nesse contexto. A primeira, sobre a presença de simbolismos da cultura japonesa em uma cidade onde não se percebe tradição nem colônias dessa sociedade, diferente de outras cidades do país como São Paulo, em oposição à ausência dos mitos e simbolismos de Caldas Novas e das fontes termais. Além disso, observa-se que a explicação dos guias restringe-se aos elementos do jardim, eles comentam a existência dos elementos da antiga fazenda, mas não descrevem nem explicam nada sobre a casa tradicional goiana e os objetos dentro dela como fogão a lenha, máquinas de costura e piano antigos, para mencionar alguns.

Nesse sentido acrescenta-se: “Um espaço icônico reproduz a aparência de um mundo real. Os lugares rodeados dessa iconicidade tentam representar um outro lugar, mas ele só existe na aparência, é na realidade um simulacro.” (BARBOSA, 2001, p.55). A partir disso, assume-se o jardim japonês como um simulacro, pois a natureza, os simbolismos, os rituais e a arquitetura que o compõem não são compatíveis à história e às raízes da cidade, que, por sua vez, tem sua cultura pouco valorizada. Essas análises estendem-se aos parques e hotéis, por exemplo, quando se observa, ao assistir o vídeo do Grupo Di Roma (2010), a referência ao “estilo americanizado” de um dos hotéis do Grupo.

Esses aspectos sugerem a preocupação em construir, no sentido de artificializar, parques, e ambientes que sirvam para atrair os turistas sem importar como. O foco não é na qualidade do atrativo como um todo (contexto histórico-cultural e paisagístico, que considere a integração das construções com o bioma da região e sua história), mas como forma de chamar a atenção dos turistas.

Krippendorf (2001, p.20) reflete:

Isso porque o sistema econômico, que se baseia na rotação entre produção/consumo e consumo/produção, desenvolveu há algum tempo, uma dinâmica própria muito perigosa. Não se trata mais de cobrir as necessidades humanas que realmente se fazem sentir. Elas já foram satisfeitas em sua maior parte. Também não se trata mais de criar novos

valores. A economia distanciou-se do ser humano, colocou-se acima deste e, de certa forma, apoderou-se de sua liberdade. Ela trabalha para manter seu próprio aparato, sua própria existência.

É válido esclarecer que se insere a exposição de Krippendorf como pertinente ao discurso predominante em Caldas Novas no sentido do distanciamento entre a economia e o ser humano em seus aspectos subjetivos. Considerando que esse discurso sugere o crescimento (de leitos, rodovias, parques) pelo crescimento, a quantidade (água, turistas, oferta) pela quantidade, o dinheiro (arrecadação, lucro) pelo dinheiro. Em vez de valorizar o crescimento versus o desenvolvimento (aspectos qualitativos), a quantidade versus a qualidade (aspectos simbólicos, culturais, naturais a serem resgatados), o dinheiro versus o investimento (balneário público, serviços de informação ao turista, limpeza urbana, entre outros).

Contudo, a economia não “apodera-se” do ser humano ou de sua liberdade a menos que ele permita/deseje isso. Partindo do que Morin (1994, p. 25) defende: “a técnica não é unicamente a dominação do homem sobre a máquina; ela é também a dominação do modo de organização da máquina sobre os humanos.”, assume-se a mesma relação para o homem e o sistema econômico, em que um domina e é dominado pelo outro. Portanto, não é uma relação linear de apenas a economia apoderar-se dos seres humanos ou o seu contrário, mas sim uma interação dialética.

Destarte, “na maior estância hidrotermal do mundo”, autodenominação da cidade presente nas divulgações formuladas tanto pelo setor público como pelo setor privado do município, quanto mais gente melhor. Uma vez que, observou-se a exaltação da quantidade e do superlativo a partir das palavras e expressões “crescimento”, “maior fluxo de turistas”, “segunda maior quantidade de leitos do país”, “maior estância hidrotermal do mundo”, “hospedagem e alimentação mais baratas da região ou do país”, observadas tanto nas falas dos entrevistados, como nos textos e vídeos sobre a cidade.

A seguir expõem-se mais alguns trechos dos discursos dos entrevistados que revelam essa ideologia do “quanto mais, melhor”:

- a. **Entrevistado 1** – “os padrões cobravam justamente da gente essa melhora na ocupação e tentar **acompanhar o crescimento** da cidade, que a cada ano **surgia novos empreendimentos e novos apartamentos** entravam no mercado. [...] e aí hoje **a cidade está com**

esse potencial todo. Hoje nós temos é, em Caldas Novas, uma **capacidade de leitos de 110 mil leitos** pra poder atender os turistas. [...] nós temos uma **capacidade de leitos** aqui hoje que **só é menor que a da cidade São Paulo.**”

- b. **Entrevistado 2** – “É, Caldas Novas ela tem se desenvolvido, é **crescido**, tendo **maior fluxo de visitantes a cada ano.** [...] Caldas Novas ela, ela teve um **crescimento muito grande em construção civil**, é construção de apartamentos, de flats, justamente pra atender essa segunda residência do pessoal que tava vindo pra cá. E a gente estima que hoje esses flats, eles são de 75 a 80%, representam 75 a 80% dos meios de hospedagem na cidade.”

Pesquisadora – “No Artigo 75, inciso II está o objetivo de monitorar os índices ambientais com a garantia de nível desejável de sustentabilidade e a harmonia do ecossistema. E, em outro inciso, o **inciso XI, está ampliar o fluxo, o perfil e a taxa de permanência dos turistas.** E, fazendo uma relação desses dois: um, a preocupação com a sustentabilidade e outro, ampliar o fluxo de turistas, como o senhor acredita que essas duas diretrizes, elas possam ser conciliadas? Porque aumentando o fluxo de turistas pode resultar numa sobrecarga pra cidade.”

Entrevistado 2 – “Sim, sim, mas é **aumentando o número de turistas, aumenta o faturamento**, a renda, que pode ser reinvestido né em tanto aqui, como em toda a região.”

Entrevistado 2 – “Caldas Novas preocupa mais em divulgar a questão do lazer mesmo, porque nós ainda **temos condição de receber muito mais turista** ainda. Aumentar a permanência, então isso aí dá um retorno mais imediato. Você tem que gastar menos com isso pra poder dar o resultado que você teria que gastar pra desenvolver outras atividades, por exemplo, essa questão ligada ao ecoturismo, que é outro perfil de turista. [...] por enquanto, nós ainda não esgotamos a nossa capacidade de receber turistas pra questão do lazer, até mesmo da saúde, a esgotar a nossa limitação de uso da água. [...] **Acho que Caldas Novas ainda pode dobrar o consumo de água, certo.**”

Pelo exposto, pondera-se sobre a seguinte menção de Morin (1994, p. 26), que à primeira vista talvez pareça radical, mas ilustra de forma contundente o discurso sobre o turismo em Caldas Novas:

Há uma predição de Marx que era muito pertinente, a predição de que quando acontece o mercantilismo destroem-se as relações humanas, pessoais, as relações gratuitas, as relações das coisas que se fazem por prazer. O mundo tornou-se o universo do mercantilismo, que antigamente era limitado. Atualmente, o Sol é uma coisa que se vende, porque as organizações de turismo e de férias são as proprietárias dos lugares onde se pode gozar o Sol.

Doravante, destaca-se, na ideologia voltada para o crescimento em uma perspectiva mercadológica fragmentada, a visão de uso do atrativo natural até seu esgotamento, para uma possível mudança de segmento turístico posterior, necessária à renovação do ciclo de vida do destino. Outro aspecto é o incentivo ao contínuo aumento do fluxo de turistas, ocasionando o turismo de massa.

O ciclo de vida do destino turístico formulado por Butler busca retratar um padrão comum de desenvolvimento de resorts turísticos. (BUTLER, 2011)

As origens do modelo se baseiam na crença de que, ainda que não totalmente apreciados em muitos destinos, os resorts são essencialmente, produtos, ou seja, eles normalmente têm sido desenvolvidos e modificados para atender necessidades de mercados específicos de forma semelhante à produção de outras mercadorias e serviços. Como tal, portanto, parece ser razoável a suposição de que resorts que seguem um padrão geral de desenvolvimento, semelhante ao da maioria dos outros produtos, para ter um ciclo de vida de aceitação e rejeição como produto desejado pela primeira vez no mercado e depois fora de moda. (BUTLER, 2011, p. 4, tradução nossa)

Estende-se que a aplicação desse modelo não se restringe a resorts, dependendo da ideologia presente no tipo de planejamento turístico de um destino em sua totalidade. Em Caldas Novas, por exemplo, a pesquisadora identificou como ideologia motriz do desenvolvimento do turismo na cidade a concepção dos atrativos como mercadorias, fonte de arrecadação de dinheiro.

A figura abaixo, que

[...] surgiu a partir de trabalhos que lidam com o processo de localização de destino e desenvolvimento, em que o foco foi sobre como o novo desenvolvimento não estaria centrado no resort em declínio, mas em vez disso, em locais próximos que compartilham características físicas semelhantes ao recurso original. (BUTLER, 2011, p. 5, tradução nossa)

ilustra as possíveis fases do ciclo de vida de um destino.

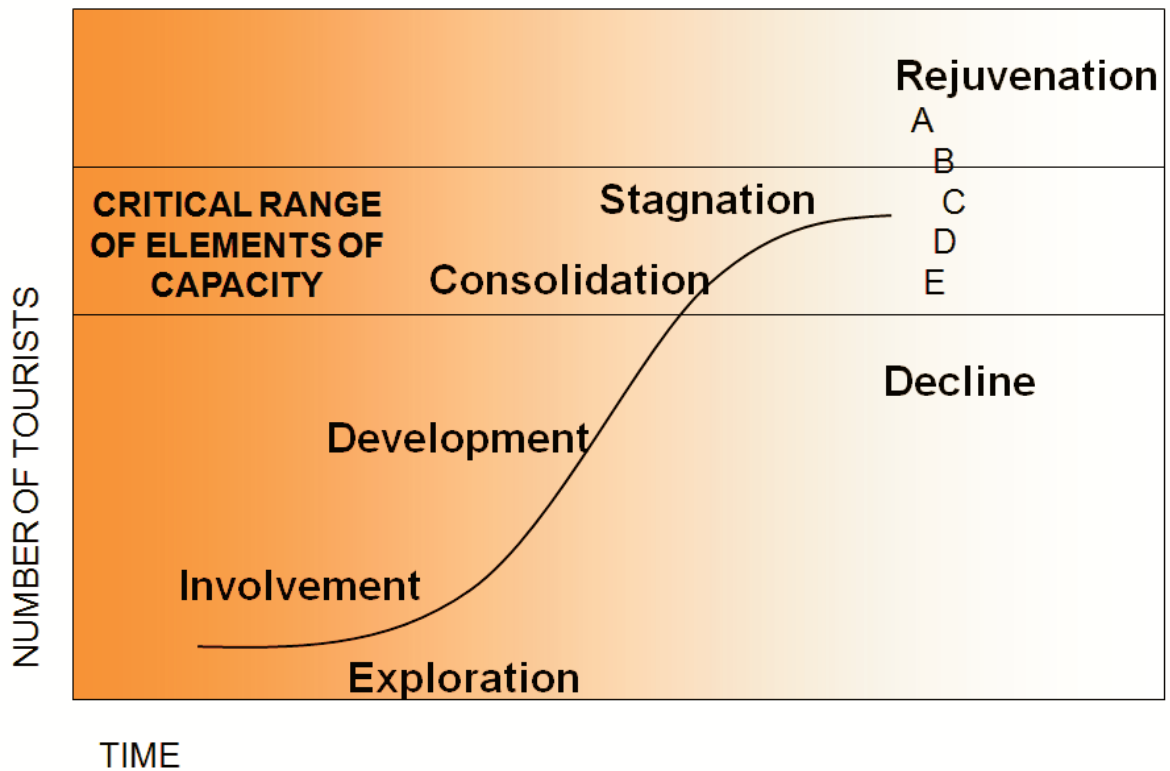


Figura 9 - Hypothetical evolution of a tourist area (Butler 1980). Fonte: Butler (2011, p. 6)

Dessa forma, as etapas apresentadas por Butler (2011) são:

- a) Exploração;
- b) Envolvimento;
- c) Desenvolvimento;
- d) Consolidação;
- e) Estagnação;
- f) Declínio e;
- g) Renovação.

Em que a renovação são as alternativas para evitar o declínio, possibilitadas pelo planejamento, gerenciamento e desenvolvimento adequados do destino. Outro autor que discorre sobre o turismo a partir do ciclo de vida é Fuster (1971), que divide as etapas em:

- a) Sem turismo;
- b) Em nascimento;
- c) Em crescimento;
- d) Em saturação e;
- e) Em dissolução.

As principais diferenças entre as fases apresentadas pelos dois autores, além da nomenclatura, estão na presença das de consolidação e de renovação mencionadas por Butler.

Fuster (1971) caracteriza os diferentes momentos listados da seguinte maneira: a fase de nascimento é percebida pela chegada dos primeiros turistas, a fase de crescimento é quando começa a se estabelecer a estrutura (hotelaria, comunicação, atrações e propaganda), a fase de saturação é uma possível sequência da fase de crescimento em que se espera um equilíbrio ou uma estabilização, que, pode ser seguida pela fase de dissolução, entendida como uma decadência, caso o núcleo turístico não consiga adaptar-se às mudanças das preferências dos turistas.

Ao considerar o turismo de Caldas Novas a partir do modelo do ciclo de vida do destino turístico, é possível observar seu estágio inicial com a chegada dos primeiros visitantes, amigos do Major Victor Ozêda Alla, que construiu a primeira casa de banho da cidade, em 1910, com o intuito de receber seus familiares e amigos. Esse estágio que se evidenciou em 1920, com a construção do primeiro balneário público realizada pelos herdeiros do major e o médico Dr. Ciro Palmerston. Sua fase de crescimento pode ser determinada com o início do estabelecimento de uma infraestrutura com foco propriamente turístico, marcada pelo primeiro clube de Caldas Novas em 1964, o Caldas Termas Clube. E considera-se sua fase atual ainda em crescimento na perspectiva de Fuster ou entre as fases de desenvolvimento e estagnação no modelo de Butler.

A cidade apresenta um processo turístico em constante expansão, que passou por diferentes fases marcadas por mudanças de concepções. Percebendo-se um reducionismo utilitário das águas termais de Caldas Novas, voltado para o lazer e, o turismo de saúde e a presença das lendas, que marcaram a sua história, apenas como formas superficiais de reforçar e agregar elementos às marcas turísticas da cidade, entretanto, não mais como constituintes das crenças e valores que estabelecem a relação sociedade-natureza no município.

Butler (2011) defende que a chave para evitar o declínio está na capacidade de carga, que seriam os limites econômicos, culturais, sociais e ambientais do local para receber turistas. Ele argumenta que se essa capacidade for excedida, o apelo relativo do destino turístico tende a cair, refletindo em menor visitação e

investimento. Portanto, esses limites devem ser respeitados e ampliados quando possível.

Contudo, o turismo em Caldas Novas é classificado por Costa (2008, p. 107) como turismo de massa:

O tipo de turismo praticado é o de lazer/massas. A cidade pode receber quase três vezes mais o número da sua população fixa. Uma rede de 95 meios de hospedagem, além do mercado informal, foi criada nas últimas décadas para, atender à demanda pelo turismo.

Nesse sentido, Deprest (1997, p. 9) esclarece: “‘Massa’ evoca em primeiro lugar o número, a quantidade. É o que nos ensinam todos os dicionários. Diz-se que um fenômeno é de ‘massa’ quando uma grande parte da sociedade é envolvida.” Com isso, o alto número de pessoas tende a gerar sobrecargas ambientais, sociais e econômicas, entre outras, se opondo a sustentabilidade (sustentação, manutenção) do destino. Ademais, contribui para a maior probabilidade de seu declínio, como um produto que perece no mercado.

A respeito do turismo de massa, Krippendorf (2001, p. 13) comenta:

Quase todos participam do movimento, acreditando que o fazem de livre arbítrio, mas a aparência é de quem obedece a uma ordem. Alinham-se em filas de carro ou deixam-se despachar, como se fossem cargas, em ônibus, aviões ou trens. Amontoam-se em praias que se tornaram muito pequenas.

Não existe qualidade nem individualidade no turismo de massa. Perde-se a noção de sujeito, a qualidade da experiência, a tranquilidade, presente apenas no discurso e no imaginário das férias e da viagem. Os impactos negativos ao ambiente, à cultura local, à sociedade são negligenciados em detrimento do lucro imediato conquistado pela recepção da grande quantidade de turistas.

Essas características estão presentes em Caldas Novas, por exemplo, no seguinte trecho de uma das entrevistas:

Pesquisadora – “E o futuro do turismo em Caldas Novas, como que o senhor imagina esse futuro?”

Entrevistado 1 – “Olha, na realidade, isso preocupa bastante, porque nós temos uma capacidade de leitos aqui hoje que só é menor que a da cidade São Paulo. Então, cada vez mais nós temos que trabalhar a profissionalização, a qualificação, a diversificação desses produtos que nós temos hoje a oferecer pro cliente. Nós temos a necessidade hoje de ter em Caldas Novas um grande parque temático, tipo um Beto Carreiro, enfim, alguma coisa voltada pra um parque seco. Até pra que a gente possa diversificar um pouco mais o nosso turismo e também pra

que a gente possa fazer com que o turista permaneça um tempo maior na cidade, que hoje é uma permanência muito curta de final de semana basicamente e durante a semana, é claro, um público de terceira idade que fica um período maior. Mas então, hoje a gente tem discutido muito isso, o quê que a cidade precisa criar pra que o turista possa permanecer aqui um tempo maior. Porque o mercado imobiliário não para de crescer, enquanto tiver comprador, tem empreendimento sendo lançado. Então nós precisamos criar mecanismos pra que as pessoas possam permanecer mais na cidade.”

O entrevistado 1 declara a importância de diversificar a oferta para manter o interesse dos turistas e aumentar a permanência deles. Ele também relata, em outro trecho, o enfoque no turismo religioso como uma possibilidade de diversificação, entretanto, a cidade só possui um santuário e uma igreja, a igreja matriz da praça central de Caldas Novas. Por esse motivo, busca-se integrar Caldas Novas à Trindade para incluir o turismo religioso aos segmentos de Caldas Novas.

Contudo, localiza-se no município o Parque Estadual Serra de Caldas, que poderia ser aproveitado para o turismo ecológico, buscando respeitar as diretrizes da sustentabilidade. Uma vez que, “As preocupações do ecoturismo incluem a degradação ambiental, o impacto nas comunidades locais e a necessidade de um planejamento de alta qualidade do turismo para se alcançar o turismo sustentável.” (BARBOSA, 2001, p. 50). Todavia, esse aspecto não é considerado em Caldas Novas, no argumento do entrevistado 1, por existirem outros destinos com esse segmento em Goiás, provocando a falta de procura por ele em Caldas Novas.

A mesma falta de interesse por essa possibilidade aparece na fala do entrevistado 2:

Pesquisadora – “Bom, a gente tem aí também, no Plano Diretor, sobre a implantação de um programa de turismo ambiental com trilhas na área de proteção do manancial e no Parque Estadual Serra de Caldas, então eu gostaria de saber se já foram implementadas desde sua gestão, se isso foi possível, é, ações pra desenvolver esse tipo de turismo.”

Entrevistado 2 – “Somente no Parque Estadual.”

Pesquisadora – “E qual foi o objetivo?”

Entrevistado 2 – “Na verdade já tem muito tempo que é implantado isso né. Eu não me lembro não, mas tem muitos anos que esse Parque, ele é do Estado. Então, lá

tem, já foi implantado há muito tempo então tem as trilhas, tem as cachoeiras, e tal, tudo muito bem acompanhado, fiscalizado.”

Pesquisadora – “E tem muita procura?”

Entrevistado 2 – “Não representa 1% dos visitantes.”

Pesquisadora – “E qual a preocupação em divulgar então pra que os turistas saibam e desperte nesses turistas o interesse?”

Entrevistado 2 – “Hoje Caldas Novas preocupa mais em divulgar a questão do lazer mesmo, porque nós ainda temos condição de receber muito mais turista ainda. Aumentar a permanência, então isso aí dá um retorno mais imediato. Você tem que gastar menos com isso pra poder dar o resultado que você teria que gastar pra desenvolver outras atividades, por exemplo, essa questão ligada ao ecoturismo, que é outro perfil de turista.”

Evidencia-se a importância legada ao retorno financeiro rápido e fácil relacionado à quantidade de turistas na fala do entrevistado 2. Nesse contexto, a reflexão Hall (2001, p. 41) faz-se pertinente:

[...] até recentemente a pesquisa de turismo e, notadamente, a análise da política pública e planejamento turístico (HALL E JENKINS, 1995) não tem sido consideradas prioritárias, sendo que o setor e os governos em todos os níveis têm-se mostrado mais preocupados com a divulgação e os retornos de curto prazo do que com o investimento estratégico e a sustentabilidade.

Além disso, em contradição ao exposto pelo entrevistado 2 sobre as trilhas, o acompanhamento e a fiscalização no parque estadual, está o relato da entrevistada 3 que menciona a presença de usuários de drogas e falta de segurança no parque. Há também falta de informações e de guias para acompanhar os turistas que desejarem conhecê-lo.

Entrevistada 3 – “Não tem aqui. Potencial tem demais. Só no Parque, só catalogadas, aqui nós temos mais de duzentas cachoeiras. Então no Parque Estadual Serra de Caldas, que é maravilhoso, mas é aquela coisa. Se o turista quiser ele tem que ligar pra agendar o horário.”

Pesquisadora – “Não atende viu Rose.”

Entrevistada 3 – “Todo mundo me fala isso.” (risos)

Pesquisadora – “Infelizmente eu já fiz essa tentativa.”

Entrevistada 3 – “É, não consegue com facilidade. Se você vai lá sem agendar nada cê chega lá vai tá lá, todo dia cê vai encontrar isso, sem exagero nenhum, três a quatro ou cinco pessoas é utilizando o espaço pra utilização de produtos

entorpecentes, maconha, cocaína, esse tipo de coisa. Então até os guias, quando você marca já pede pra você chegar com cautela lá devido a isso. Porque se eles tiverem sem dinheiro pra usar o produto deles pode pegar celular, alguma coisa.

Entrevistada 3 – Não tem fiscalização. E assim tá muito abandonado.”

Outra questão preocupante é a expansão imobiliária ocasionada pelo turismo em Caldas Novas comentados tanto pela entrevistada 3 como por Borges (2005, p. 81), a partir da pesquisa em campo que realizou no município:

O setor imobiliário transforma várias esferas da produção do espaço e da vida em Caldas Novas. O crescimento urbano desconsidera o futuro. Assim, em uma cidade turística que se apóia no bem água termal, criaram-se loteamentos sem infraestrutura básica, condomínios sem água tratada e sem esgoto. É mais preocupante ainda, a existência de loteamentos em locais de recarga do aquífero, como exemplo o bairro Itaguaí 2.

Entre os problemas ambientais resultantes da ausência de planejamento adequado e visão do turismo em sua totalidade em Caldas Novas, estão os listados pelo PDITS do Pólo de Águas Termais (2012, p. 161):

Os impactos ambientais observados na região de Caldas Novas e Rio Quente podem ser classificados em três grupos com origem específica: bombeamento demasiado dos aquíferos termais, problemas de insuficiência de infraestrutura e problemas de ordem socioeconômicos relacionados. Os principais problemas ambientais observados que têm interferência direta ou indireta com o desenvolvimento e consolidação do turismo são a seguir enumerados e comentados. Merecem destaque os seguintes impactos: sobrexploração do sistema aquífero termal, contaminação das águas superficiais e subterrâneas, privatização e degradação das áreas de preservação permanentes – APP, especialmente ao longo dos leitos dos rios. Observando-se ainda a impermeabilização da superfície urbana, pressão do trânsito urbano, aumento de particulados na atmosfera, aumento de produção de resíduos sólidos, desenvolvimento de processos erosivos e aumento de demanda de materiais de construção.

Ao relacionar o modelo do ciclo de vida e os impactos negativos provocados pelo turismo de massa, Deprest (1997, p. 40) afirma:

Se o local apresenta problemas é porque há turistas em excesso; se há turistas em excesso é porque existe um limite para lá do qual surgem os problemas. Assim, é a superação deste limite que induz o declínio do destino, assinalado por uma redução da frequência ou, pelo menos, uma crise grave [...]

Acrescenta-se que o excesso de turistas ocorre em conjunto ao planejamento inadequado ou ausência dele, por isso os problemas são gerados também pela falta de diretrizes que guiem esse desenvolvimento de forma correta.

Entre os aspectos negligenciados pelo planejamento turístico em Caldas Novas, além dos ambientais e da qualidade da experiência do visitante, ocasionados pelo turismo de massa conforme exposto, estão os aspectos culturais. A

entrevistada 3 menciona a ausência de valorização dos aspectos histórico-culturais da cidade e despreocupação com a sociedade local, alegando que os moradores do município não tem acesso às águas termais como opção de lazer pela desativação o balneário público e pelo baixo poder aquisitivo dos habitantes que dificultam seu acesso a esse tipo de diversão.

Entrevistada 3 – “Nunca existiu um museu. Tem o Casarão, que foi desativado por oito anos, agora que voltou a funcionar. Então lá serve tipo como um abrigo pros artesões da cidade. E também tá servindo um espaço de palhoça que eles tem lá pra realização de bailes de terceira idade. Então esses artesões expõem o trabalho deles lá e tem algumas fotos do início da cidade e alguns tipo estilo prata contando um pouquinho da história da cidade, mas pouquíssima coisa. Inclusive a preocupação aqui com a preservação do patrimônio estrutural é nenhuma. Você pode ver que aqui você não vê uma casa antiga, a igreja, 80% dela foi destruída, só sobrou esse pedacinho. Fizeram o pigmeu do lado. Essa praça aqui gente, essa praça era símbolo da praça de interior, com coreto, bastante arborizada. Sabe, queria colocar o chafariz, não impedia de colocar o chafariz nela na forma como era. Podia manter o coreto. A questão da absorção de água, essa praça aqui não absorve água. A pedra é ecológica, mas aí veio um inteligente e tacou concreto na pedra cê acredita.”

Pesquisadora – “E já teve algum museu falando das águas termais?”

Entrevistada 3 – “Não.”

Pesquisadora – “Nem da história e nem das águas?”

A autora tentou visitar o Casarão dos Gonzaga, mas ele estava fechado para visitas, impossibilitando que turistas conhecessem um dos poucos elementos da história do município.

Barbosa (2001, p. 71) adverte que: “Determinar o que é digno de preservação é uma decisão político-ideológica que reflete os valores e as opiniões sobre que símbolos devem permanecer para retratar uma sociedade ou um momento”. Destarte, defende-se que em Caldas Novas a opção foi por deixar esmorecer os símbolos da cura, da saúde e da renovação pelas termas e os símbolos da tradição goiana e das histórias e estórias sobre a natureza e às fontes da região. Assim, criou-se para a cidade a imagem do lazer e da despreocupação a baixos custos, buscando atrair inúmeros e cada vez mais turistas.

Essa imagem sustenta-se a partir da concepção da natureza como fonte de recursos a serviço do ser humano, que usufrui dela para produzir dinheiro por meio de sua exploração em formas diversas. Portanto, essa ideologia, do uso dos recursos até o limite de seu esgotamento em nome do lucro, desconsidera os demais aspectos da totalidade que envolve os elementos manipulados, desconsiderando o contexto histórico, social e ambiental do município.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, concluiu-se que a concepção de sociedade-natureza predominante em Caldas Novas é de que a natureza está a serviço do ser humano para ser explorada como fonte geradora de riquezas. Não existem ações de incentivo à integração entre os dois por meio do turismo, por exemplo, estimular o ecoturismo e o conhecimento da origem e das propriedades das águas termais, assim como seus simbolismos. Essa intenção aparece apenas em alguns discursos como o do Plano Diretor da cidade (CALDAS NOVAS, 2011) em contradição à prática na qual não se verificam ações nesse sentido.

Dessa forma, não há valorização dos simbolismos das termas como curativas e renovadoras. E, diferente do que expõe M. Silva (2009, p.152), não se verifica de fato a presença de um imaginário marcante sobre as fontes termais.

Então, no caso das Caldas, a linguagem do imaginário que se multiplica é, na verdade, a soma de parte dos enredos que circulam por aqueles espaços, como forma de evidenciar pela palavra – que é um meio para transpor e compor realidades – variadas concepções dos lugares com águas quentes, materializados como portadores de representações e elementos simbólicos. E esse exercício ‘da linguagem do imaginário’ tem desenvolvido um exotismo [...] na composição das representações de um povo, que estão justapostas aos múltiplos aspectos contemplativos locais (CERTEAU, 2005: 41). E, sendo o contemplativo e o imaginário dois suportes centrais da História, até mesmo “a figura presente do imaginário pode narrar uma ausência” (Ibidem: 44), atestando aquilo que já se foi, deixando, ou não, rastros de significados profundos.

Nesse sentido, assume-se que em uma cidade na qual não se percebe apego da população, em sua maioria de outras cidades e estados, com as raízes daquele lugar, o “contemplativo e o imaginário” construídos a partir de sua história perderam espaço para o imaginário do lazer e da despreocupação veiculados pelo turismo. Esse imaginário da diversão e do descompromisso narram a ausência dos simbolismos iniciais das águas de Caldas Novas, relacionados à saúde. Presentes apenas superficialmente em poucos elementos nos parques e nos meios de divulgação da cidade, que podem ser considerados os rastros desses significados profundos.

A água é percebida e tratada apenas como produto a partir de uma visão utilitarista e fragmentada, em um destino onde as ideias sobre turismo e seu planejamento revelam a percepção dele antes como indústria que como prática social. “O turismo constitui um fenômeno espacial, sendo, às vezes, confundido com

uma atividade [puramente] econômica, talvez por ser uma prática social coletiva geradora de várias atividades econômicas” (BARBOSA, 2001, p. 12)

Com isso, valoriza-se a massificação do turismo pela exaltação do crescimento imobiliário, do número de leitos, de turistas, de parques, entre outros. Esse foco revela que, a partir do modelo do ciclo de vida do destino, Caldas Novas encontra-se em expansão. Contudo, com seu planejamento baseado na atual concepção de turismo-sociedade-natureza, a cidade tende à saturação. Principalmente, porque foi verificado que as preocupações em renovar a oferta giram mais em torno da diversificação que das melhorias necessárias à infraestrutura e ao suporte de Caldas Novas.

Nesse contexto, de tendência à saturação, desvalorização dos aspectos histórico-culturais e simbólicos do município, exploração das águas quentes para geração de riquezas, que servem como instrumento de “venda do lazer e do descanso”, acredita-se não haver lugar para o turismo de saúde e o aproveitamento das propriedades terapêuticas das fontes termais. O turismo de saúde precisa de um conjunto de aspectos qualitativos para se desenvolver, que são ausentes em Caldas Novas, como a atenção personalizada aos turistas, menor quantidade de pessoas, valorização do ambiente natural, entre outros.

Talvez as férias e o lazer experimentados longe de casa possam transformar-se realmente em um campo de aprendizado e de experiências, não apenas para fugir do cotidiano e dos problemas, mas também para ter-se a oportunidade de enriquecimento interior, de exercer a liberdade, a compreensão mútua e a solidariedade, e de poder descobrir um pouco de tudo isso no cotidiano. (KRIPPENDORF, 2001, p. 22)

Entretanto, para isso é necessária uma nova compreensão sobre o turismo e sobre a relação sociedade-natureza por parte de todos os envolvidos nesse processo, mas em destaque, por parte dos principais responsáveis pelo planejamento turístico de um destino. Esse novo entendimento deve considerar o todo em sua complexidade, conforme já mencionado, como aquilo que é “tecido-junto” (MORIN, 2000), em vez de dar atenção a apenas uma de suas partes (mercantil) de forma fragmentada e disjunta.

Quadro de análise do discurso do entrevistado 1 – parte 1

Temas	Rubricas				Sub-rubricas/Contrações				Ideologia/Matéria
	Concepção	Dificuldades	Avanços	Totalidade/Fragmentação	Teoria/Prática	Autonomia/Dependência	Contrações/Medições		
Concepção de Sociedade-natureza	Separação homem-natureza: a natureza "está a serviço" do homem para ser explorada.	"o turismo ecológico [...] está em crescimento né, tá. Então a gente tem trabalhado com umas empresas, que é hoje fazem esse segmento [...], mas ainda é um turismo de muita pouca procura."		O turismo ecológico está em "crescimento". Existe o Parque Estadual Serra de Caldas. O principal atrativo da cidade é um elemento natural./ Não há muita procura, consequentemente não recebe investimentos.	Como o turismo ecológico está em "crescimento", "então a gente tem trabalhado"/ É difícil encontrar opções de turismo ecológico em Caldas Novas.	Capacidade de despertar o interesse na demanda, se isso for desejado./ Depende de uma boa gestão pública do Parque e da resposta da demanda.	Não há procura, mas se "tem trabalhado" por estar em crescimento, faz sentido investir	Só serve como produto/ despendício de outras possibilidades de aproveitamento e seu forma de conscientização ambiental e fonte de conhecimento	
	Valor simbólico da água	Não aparece no discurso do entrevistado							
Concepção de Sociedade-natureza	Valor mercantil da água	Em 1996, o lençol freático Araxá atinge seu menor nível (menos de 620m). Início da preocupação com o controle do nível dos dois lençóis freáticos, Araxá e Paranoá, que abastecem Caldas Novas e Rio Quente./ "Hoje, já existe já uma outra preocupação tá, que o lençol voltou a ter, a ter uma queda tá."		A água é recurso natural imprescindível à vida/ A água é imprescindível a vida econômica de Caldas Novas	Existe controle da manutenção do nível dos lençóis/ O nível do lençol Araxá voltou a cair	Existem mecanismos de controle do nível dos lençóis/ A água é recurso finito e o tempo da recarga natural do lençol independe do tempo de consumo	Menciona o controle da quantidade, mas não relata controle sobre a qualidade/ Precisa preservar o recurso do qual depende	Manter o recurso para exploração/ Água = recurso finito	
	Atrativo natural	Destaca outras alternativas de segmentos (turismo de eventos, turismo religioso) em detrimento dos recursos naturais como atrativos para o turismo		O principal atrativo da cidade é um recurso natural e há o Parque Estadual Serra de Caldas. Deveria aproveitar o contexto para estimular o turismo como instrumento de conscientização do uso dos recursos./ Não aproveita os outros recursos naturais para o turismo		Investe em outras segmentações turísticas/ O principal atrativo é natural	Atrativo natural apropriado e utilizado em clubes e hotéis (cenário artificial)		

Temas	Rubricas			Sub-rubricas/Contradições				
	Concepção	Dificuldades	Avanços	Totalidade/Fragmentação	Teoria/Prática	Autonomia/Dependencia	Contradições/Mediações	Ideologia/Matéria
Concepção de Sociedade-natureza	Turismo de águas termais	Atribui o turismo de águas termais à convivência social e ao lazer. "maioria busca justamente o lazer. É estar com a família, estar com os amigos e tudo mais, e curtir mais como lazer e não como saúde"		As águas possuem propriedades terapêuticas e atraem visitantes de diversas regiões do país por essa característica/ Passaram a ser utilizadas apenas com a função do lazer				
	Natureza como artifício	Não aparece no discurso do entrevistado						
	Sustentabilidade e Turismo Sustentável	A medição do lençol freático varia de acordo com a sazonalidade da demanda turística./ O lençol freático voltou a ter uma queda./ Há "um consumo desordenado". Parte da cidade ainda é abastecida com água termal para usos diários./ O turismo ecológico está em crescimento, mas há pouca procura, "porque Caldas Novas é basicamente família e terceira idade".	Há três anos foi feito um termo de ajustamento de conduta com o Ministério Público. Toda a água que sai da piscina deve ser recuperada e reutilizada em outras atividades.	O controle deveria abranger quantidade e qualidade. O controle da demanda turística também é necessário. Não há incentivo ao ecoturismo, importante à conscientização ambiental/ Preocupação restrita à quantidade de água e a sua reutilização				Sustentabilidade equivale a manter o recurso disponível para exploração/ a água é um elemento que depende de outros recursos, por exemplo o solo
	O turismo é percebido como Indústria (visão reductionista, que evidencia apenas seu aspecto econômico). Os aspectos quantitativos recebem destaque em detrimento de aspectos qualitativos.	Havia dificuldade em manter boa ocupação nos hotéis. Os gerentes eram cobrados por isso, pois deveriam acompanhar o crescimento da cidade e o surgimento de novos hotéis. Vincula o potencial turístico da cidade à quantidade de leitos e não aos atrativos.		A cidade baseia-se economicamente no turismo, que tem como principal atrativo as águas termais. Portanto, precisa ser considerado em sua totalidade de relações econômicas, ambientais e sociais (prática turística)/ É perdido por meio da quantificação da demanda e da oferta de leitos, não pela quantidade/qualidade do todo.			A oferta de leitos crescente/ Capacidade infraestrutural e ambiental da cidade em receber turistas	

Quadro de análise de discurso do entrevistado 1 – parte 3

Temas	Rubricas			Sub-rubricas/Contradições			Ideologia/Matéria	
	Concepção	Dificuldades	Avanços	Totalidade/Fragmentação	Teoria/Prática	Autonomia/Dependência		Contradições/Mediações
Concepção de Turismo	Modelo do Ciclo de vida do destino turístico (o destino é percebido e tratado como produto a ser comercializado)	A procura turística por Caldas Novas foi "trabalhada". / O foco no turismo de lazer deve-se à necessidade de "acompanhar o crescimento da cidade". / Sobre o futuro: É preocupante. A capacidade de leitos é apenas menor que a da cidade de São Paulo. / Necessidade de ter um parque temático seco.	Então, cada vez mais nós temos que trabalhar a profissionalização, a qualificação, a diversificação desses produtos que nós temos hoje a oferecer pro cliente.	É preciso cuidar da qualidade da oferta/ Demonstra preocupação exclusivamente com a diversificação da oferta	Menciona a qualificação e a diversificação/ Há pouca diversidade de atrativos divulgados e utilizados no turismo e baixa qualificação da mão-de-obra			
	Poder público x poder privado	Pouco envolvimento do poder público. O poder privado "fez a sua maneira".		Poder público e privado possuem funções diferentes e complementares/ Poder privado tornou-se responsável pelo desenvolvimento econômico da cidade.		Poder privado articula a "venda" dos atrativos e pode melhorar a infraestrutura turística da cidade/ o poder público é responsável pela estrutura básica também utilizada e observada pelos turistas		
Turismo de saúde	Imagário	As propriedades "medicinais" eram um atrativo. Havia tratamentos voltados para "enfermidades musculares, reumáticas [...] dificuldade de locomoção, pós-cirurgia [...] Isso aí não se perdeu até hoje." / A demanda atual é por lazer e convívio social. / Não há orientação específica nos clubes e hotéis de aproveitamento das águas para a saúde. / O Balneário Municipal, que era voltado para a finalidade saúde, está abandonado há aproximadamente, 25 anos. / Não menciona o poder privado no incentivo ao resgate do turismo de saúde.		Poderia conciliar turismo de saúde e lazer/ Foco todo para o turismo de lazer	Considera o turismo de saúde importante/Não oferece serviços para o turismo de saúde			

Quadro de análise do discurso do entrevistado 2 – parte 1

Temas	Rubricas			Sub-rubricas/Contradições				
	Concepção	Dificuldades	Avanços	Totalidade/Fragmentação	Teoria/Prática	Autonomia/Dependência	Contradições/Mecladições	Ideologia/Matéria
Concepção de Sociedade-natureza	<p>Separação homem-natureza: a natureza "está a serviço" do homem para ser explorada. (percepção cartesiana)</p>	<p>"Acho que Caldas Novas ainda pode dobrar o consumo, de água, certo."</p>		<p>Preocupação com o nível do lençol freático/ Possibilidade de dobrar o consumo de água</p>				<p>Aumentar o consumo exploratório da água/A água é um recurso finito</p>
	<p>Valor simbólico da água</p>	<p>Inexiste no discurso do entrevistado</p>						
	<p>Valor mercantil da água</p>	<p>Acredita não ter esgotado a limitação de uso da água, por isso o incentivo ao turismo ambiental nas trilhas não se faz igualmente importante. "Acho que Caldas Novas ainda pode dobrar o consumo, de água, certo."</p>		<p>As trilhas podem auxiliar na conscientização ambiental e no conhecimento sobre a origem e as propriedades das fontes termais, agregando valor às águas termais/ Não valoriza as alternativas de segmento turístico que possam favorecer a utilização das termas.</p>	<p>Não avalia a finitude da água nem a necessidade de complementar a atratividade turística com outras alternativas/ Explorar até atingir o esgotamento do atrativo, a água termal só serve como produto</p>			
	<p>Atrativo natural</p>	<p>Existem trilhas no Parque Estadual Serra de Caldas, onde há cachoeiras e outros atrativos naturais, porém a procura representa menos de 1% da demanda turística./ A cidade não se preocupa em investir na divulgação, pois Caldas Novas pode receber mais turistas focados no lazer, pelo qual o retorno é mais imediato.</p>		<p>As trilhas podem auxiliar...</p>	<p>Não avalia a finitude...</p>			
	<p>Turismo de águas termais</p>	<p>Relaciona o turismo de águas termais à convivência social, destacando a socialização como atrativo.</p>				<p>A demanda turística por socialização possui certa autonomia em relação a turismo de águas termais/ a água termal, ainda que como pano de fundo para essa convivência, continua a ser o produto vendido em Caldas Novas.</p>		

Quadro de análise do discurso entrevistado 2 – parte 2

Temas	Rubricas			Sub-rubricas/Contradições				
	Concepção	Dificuldades	Avanços	Totalidade/Fragmentação	Teoria/Prática	Autonomia/Dependência	Contradições /Mediações	Ideologia/Matéria
Concepção de Sociedade-natureza	Natureza como artifício	Não foi observada essa categoria no discurso do entrevistado						
	Sustentabilidade e Turismo Sustentável	Acredita que há um controle total das águas em Caldas Novas, baseando-se no controle quantitativo feito pelo DNPM	Observa que alguns mineradores já tratam e reaproveitam a água.			Menciona que ainda pode dobrar o consumo de água/ Revela a preocupação com a quantidade de água pela existência dos mecanismos de controle		Exploração ilimitada do recurso/ Necessidade de controlar a quantidade de uso
	O turismo é percebido como Indústria (visão reducionista, que evidencia apenas seu aspecto econômico). Os aspectos quantitativos recebem destaque em detrimento de aspectos qualitativos.	Convenceu o governado a reduzir o ICM sobre o querosene das aeronaves possibilitando vôos regulares para Caldas Novas. / Defende o aumento do fluxo de turistas para aumentar o faturamento.	Procurou investir em treinamento e qualificação profissional.					Foca sempre a quantidade de turistas e arrecadação e a importância de aumentar o fluxo/menciona a qualificação profissional

Quadro de análise do discurso entrevistado 2 – parte 3

Temas	Rubricas				Sub-rubricas/Contradições				Ideologia/Matéria
	Concepção	Dificuldades	Avanços	Totalidade/Fragmentação	Teoria/Prática	Autonomia/Dependência	Contradições/Mediações		
Concepção de Turismo	Modelo do Ciclo de vida do destino turístico (o destino é percebido e tratado como produto a ser comercializado)	A saúde era o foco quando o acesso à cidade era difícil e Caldas Novas era vista como única saída para os leprosos devido à medicina atrasada. Com a construção de Brasília e o público goiano somados à construção de rodovias de acesso e os baixos custos de hospedagem e alimentação, o foco se tornou o lazer.			O turismo de saúde não acabou e é um atrativo/ A saúde era interesse de doentes sem alternativas de tratamento. O turismo de lazer é mais interessante para os empreendedores				
	Poder público x poder privado	Quando fala como ex-secretário de turismo, comenta que a Secretaria de Turismo desenvolve "muita coisa". Quando fala como integrante do poder privado, menciona a falta de apoio do poder público para o turismo.				O poder privado é responsável pelo desenvolvimento turístico e econômico de Caldas Novas/ A falta de investimentos do setor público, não só no turismo, prejudica a sustentabilidade, a diversidade cultural e a imagem de Caldas Novas, prejudicando o setor turístico, sua principal fonte de arrecadação. A infraestrutura básica e turística é precária.			
Turismo de saúde (TS)	Imaginário (Cura - Saúde X Doença)	Discorda que o TS acabou na cidade. Justifica com o exemplo das pessoas que mudam para lá motivadas pelas termas, relacionando-as ao "bem-estar". Relata a ausência de divulgação voltada para o TS			As pessoas que mudam motivadas pelas propriedades das águas não são turistas, passam a ser moradoras. O "bem-estar" não necessariamente está ligado ao turismo de saúde./ A procura não é estimulada pela cidade, acontece de forma espontânea.				

Quadro de análise do discurso da entrevistada 3 – parte 1

Temas	Rubricas			Sub-rubricas/Contradições				
	Concepção	Dificuldades	Avanços	Totalidade/Fragmentação	Teoria/Prática	Autonomia/Dependência	Contradições/Mediações	Ideologia/Matéria
Concepção de Sociedade-natureza	<p>Separação homem-natureza: a natureza "está a serviço" do homem para ser explorada. (percepção cartesiana)</p>	<p>Há um discurso de preocupação com os recursos naturais, entretanto não existem ações que evitem a ocupação imobiliária inadequada e a contaminação do solo, por exemplo. A água é utilizada para gerar receita por meio do turismo</p>		<p>O ser humano também é parte da natureza e depende dela/ Utiliza-se a natureza para satisfação de suas necessidades imediatas como se seus recursos fossem infinitos</p>	<p>Há preocupação com os recursos naturais e em como mantê-los/ Exploração da natureza de forma reducionista ao utilitarismo e à mercantilização</p>			<p>Exploração da água para geração de riquezas/ A água é um recurso finito e essencial à vida</p>
	<p>Valor simbólico da água</p>	<p>Caldas Novas é uma cidade pobre em história. Formada por pessoas de outras cidades e estados, em sua maioria, a população não tem apego às raízes de Caldas Novas. A população, em geral, não sabe informar como surgem as águas quentes. Não há divulgação das propriedades das águas.</p>		<p>Historicamente, as águas de Caldas Novas possuem um simbolismo ligado à cura e à renovação/ Não há conhecimento histórico da população sobre as águas. Houve a mercantilização desse elemento para o lazer e a perda de seu valor simbólico</p>				

Quadro de análise do discurso da entrevistada 3 – parte 2

Temas	Concepção	Dificuldades	Avanços	Totalidade/Fragmentação	Teoria/Prática	Autonomia/Dependência	Contradições/Mediações	Ideologia/Matéria
	Valor mercantil da água	"a água quente, ela é muito monopolizada, tanto que pessoas que moram na cidade há 20 anos, há 30 anos, que nasceram na cidade, nunca frequentaram um clube. Não existe lazer social na cidade."	Sobre o Balneário Municipal: "É, ele poderia até mudar de foco. Só que eu acho assim, o balneário, por ele ser a única fonte de água termal pública, ele deveria ser voltado pra população local, não pra exploração pra ganhar dinheiro."	O valor das águas termais em Caldas Novas está além de seu valor mercantil. Ela possui propriedades terapêuticas, foi o principal propulsor do povoamento e, posteriormente, do desenvolvimento da cidade, é aspecto central da história de Caldas Novas, entre outros/Foi reduzida a produto para comercialização				
Concepção de Sociedade/natureza	Atrativo natural	Não há incentivo ao aproveitamento dos atrativos naturais para o turismo. Mas há potencial. "Só no Parque, só catalogadas, aqui nós temos mais de duzentas cachoeiras. Então no Parque Estadual Serra de Caldas, que é maravilhoso[...]. Entretanto o turista não consegue acessar facilmente. Não há fiscalização e usuários de drogas frequentam o local."		O Parque Estadual localiza-se na Serra de Caldas, local de captação e aquecimento das águas termais e possui outros atrativos naturais/ Não é aproveitado pelo turismo.				
	Turismo de águas termais	É vinculado ao lazer.		O turismo de águas termais pode relacionar-se à saúde e recuperação das energias, assim como ao lazer, à convivência social/ Vincula-se apenas ao lazer				

Quadro de análise da entrevistada 3 – parte 3

Temas	Rubricas			Sub-rubricas/Contradições			Ideologia/Matéria	
	Concepção	Dificuldades	Avanços	Totalidade/Fragmentação	Teoria/Prática	Autonomia/Dependência		Contradições/Mediações
	Natureza como artifício	Não menciona em seu discurso	"E também já tem algumas empresas [...] que já fazem o trabalho de tratamento das águas das piscinas e o reaproveitamento. Essa água da piscina, ao invés de ser jogada na rua, que acontecia muito e acontece ainda em muitos hotéis, ela passa por um processo de tratamento, ela fica 90% potável e ela é reutilizada pro trabalho de jardinagem dos hotéis, limpeza das áreas comuns e descarga"	A sustentabilidade abrange aspectos quantitativos e qualitativos sociais, econômicos e culturais./ A preocupação na cidade é apenas com a quantidade de água termal disponível para exploração turística	Existe preocupação com a sustentabilidade/ As ações para alcançá-la são muito incipientes. Não há valorização dos aspectos culturais da cidade, nem formas de concientização ambiental por meio de atividades práticas		Existe o discurso da sustentabilidade, mas ele revela na prática a preocupação com a quantidade de recurso turístico e o controle de quantidade predominante em detrimento ao controle de qualidade/ Existe em alguns hotéis o reaproveitamento e o tratamento das águas da piscina.	Sustentabilidade = quantidade/ Sustentabilidade das águas depende do todo (solo, saneamento básico, esgoto, para mencionar apenas alguns aspectos ambientais, sem citar os sociais e econômicos)
Concepção de Sociedade-natureza	O turismo é percebido como Indústria (visão reducionista, que evidencia apenas seu aspecto econômico). Os aspectos quantitativos recebem destaque em detrimento de aspectos qualitativos.	Toda a cidade era abastecida por água termal, até que percebeu-se, "por volta de 94", o alto rebaixamento do lençol freático. "Aí, quando começou a ameaçar o bolso né, porque se a água termal acabar, acaba a cidade, aí começaram a colocar métodos de controle."/ Outro problema é a especulação imobiliária. A expansão de loteamentos se aproxima da Serra, onde ocorre a captação das águas./ Outra preocupação é a contaminação do solo	Depende do turismo como fonte principal fonte de renda. Possui em sua história mitos e simbolismos em relação à água que enriquecem a história e a cultura da cidade. Era habitada por índios e posteriormente por bandeirantes, fazendo parte da história das bandeiras e da interiorização do país. Poderia aproveitar o turismo de forma mais qualitativa e enriquecedora./ Foco em aumentar a quantidade de turistas, não há qualificação da mão-de-obra. Os aspectos histórico-culturais não são aproveitados.	Desejo de ampliar fluxo e perfil dos turistas./ Não há investimento na mão-de-obra e na infraestrutura básica e turística.	Setor privado possui autonomia para investir na qualificação de seus funcionários e na infraestrutura turística./ A infraestrutura básica depende do poder público.			

Quadro de análise da entrevista 3 – parte 4

Temas	Rubricas			Sub-rubricas/Contradições			Ideologia/Matéria
	Concepção	Dificuldades	Avanços	Totalidade/Fragmentação	Teoria/Prática	Autonomia/Dependência	
Concepção de Turismo	Modelo do Ciclo de vida do destino turístico (o destino é percebido e tratado como produto a ser comercializado)	Organização de eventos como alternativa para manter boa ocupação na cidade		As alternativas para renovação da cidade como produto turístico poderiam aproveitar características próprias da cidade, estimulando o turismo de saúde, histórico-cultural e de eventos golianos. São incentivados somente eventos de negócios e shows descontextualizados da cidade.			
	Poder público x poder privado	Há influência do poder privado no poder público de acordo com o candidato eleito, beneficiando redes hoteleiras específicas		É de interesse do poder privado que sejam feitas melhorias na cidade/ O poder público não é atuante na infraestrutura básica da cidade, ainda precária.			
Turismo de saúde	Imaginário (Cura - Saúde X Doença)	"O foco foi mudado". Caldas Novas baseou-se no exemplo da Pousada do Rio Quente, que foi a precursora da transformação do uso terapêutico das termas para fins de lazer, afastando aqueles com problemas de pele, principalmente lepra.	"a questão do foco em saúde, os hotéis que estão perdendo, porque seria um diferencial, como Caldas Novas sofre com a sazonalidade [...] hoje como já não tem mais aquele tabu de que vai vir pra cá gente com doença contagiosa, seria a oportunidade de se retomando o turismo de saúde, porque é um público que tem condições de tá vindo pra cidade de domingo a quinta"	A medicina avançou e a ciência avançaram em diversos aspectos desde a descoberta da cidade. É possível desenvolver pesquisas para utilização das termas em prol da saúde e diversificar seu uso, aproveitando para incluir outros tratamentos estético-terapêuticos. Não é provável que leprosos procurem a cidade como alternativa de tratamento/ O estigma da lepra e o reducionismo do turismo ao segmento lazer desfavorecem o imaginário de cura e o turismo de saúde.	O tabu da lepra não existe mais/ As águas como possibilidade para o tratamento de saúde é evitado ou tratado de forma superficial		

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Maria Flávia Coelho; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. A relação sociedade-natureza e a desconfiguração da paisagem litorânea. In: CORIOLANO, Luiza Neide M. T.; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. **O Turismo e a Relação Sociedade-Natureza: realidades, conflitos e resistências**. Fortaleza: EdUECE, 2007.

ALEXANDRE, Margarida; MALCATA, Armando. **Termalismo nas doenças reumáticas: panacéia ou placebo?** Sociedade Portuguesa de Reumatologia: Acta Reuma Port, vol. XXV, nº 98, julho/setembro, 2000;98:44-50. Disponível em: <<http://rihuc.huc.min-saude.pt/bitstream/10400.4/1003/1/Termalismo.pdf>>. Acesso em 23 abr. 2013

ANDRADE, Shirley M. **Desenvolvimento turístico e condições de vida No município de caldas novas – GO**. 109 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - FACULDADES ALVES FARIA – ALFA, Goiânia, 2009. Disponível em <http://www.alfa.br/biblioteca/artigos/dissertacao_20100212.pdf>. Acesso em 10 jul. 2011.

AOUN, Sabáh. **A procura do paraíso no universo do turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2001 (Coleção Turismo).

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das viagens e do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2002 (Coleção ABC do Turismo).

----- **O despertar do turismo: um olhar crítico sobre os não lugares**. São Paulo: Aleph, 2001.

BARBOSA, Ycarim Melgaço; PARANHOS, Mayara Caiado. **Os mitos e a origem da cura das águas termais da Serra de Caldas**. VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), 20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP. Disponível em: <<http://eventos.univerciencia.org/turismo/index.php/seminANPTUR/2010/paper/view/529/211> 13.05.2012>. Acesso em 12 nov. 2012.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BELISÁRIO, Alessandro Magno Damasceno. **Fronteiras, frente pioneira e atividade turística em Caldas Novas – GO**. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15277/8578>>. Acesso em 03 nov. 2011.

BOFF, Leonardo. **Civilização planetária: desafios à sociedade e ao cristianismo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

-----. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BOULLÓN, Roberto. **Planejamento do espaço turístico**. Tradução de Josely Vianna Baptista. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz (português de Portugal) – 16ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRUYNE, Paul; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Mar. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**. Tradução de Ruth Joffily. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

BUTLER, Richard W. **Tourism área lyfe cycle**. Contemporary tourism reviews. Goodfellow Publishers Ltd, Woodeaton, Oxford, 2011.

CALDAS NOVAS. **Secretaria Municipal de Turismo**. Disponível em: <http://www.caldasnovas.go.gov.br/?page_id=705>. Acesso em 07 mai. 2012.

-----. Lei Municipal nº 1829 de 21 de novembro de 2011: anexo-volume I Política Urbana. In:-----. **Plano diretor**. Caldas Novas, 2011. Disponível em: <http://www.caldasnovas.go.gov.br/?page_id=725>. Acesso em 26 nov. 2011.

CALDAS TERMAS CLUBE. Disponível em < <http://www.hotelctc.com.br/#>>. Acesso em 15 jan. 2013.

CAMPOS, José Eloi Guimarães; TRÖGER, Uwe; HAESBAERT, Fábio Floriano. **Águas quente de Caldas Novas, GO: Notável ocorrência de águas termais sem associação com magmatismo**. Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil – SIGEP, 2005. Disponível em: <<http://www.unb.br/ig/sigep/sitio113/sitio113.pdf>>. Acesso em 16 ago. 2012.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Vera da Costa e Silva...[et al.]. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORRÊA, Dora Shellard. **A água no olhar da história**. São Paulo: Secretaria de Meio Ambiente, 1999.

COSTA, Rildo Aparecido. **Zoneamento Ambiental da Área de Expansão Urbana de Caldas Novas – GO: Procedimentos e Aplicações**. 204 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008. Disponível em: <http://www.ig.ufu.br/sites/ig.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/Anexos_Tese23Rildo.pdf>. Acesso em 31 out. 2012.

CUNHA, Licínio. **Economia e Política do Turismo**. Lisboa: Editora McGRAW-HILL, 1997.

CYRULNIK, Boris; MORIN, Edgar. **Diálogo sobre a natureza humana**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DEPREST, Florence. **Inquérito sobre o turismo de massa: a ecologia face ao território**. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Aspectos sócio-culturais e políticos do uso da água**. NUPAUB – Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – USP, p. 1-16. 2005. Disponível em: <<http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/agua.pdf>>. Acesso em 22 out. 2012.

----- **Água e cultura nas populações tradicionais brasileiras**. I Encontro Internacional: Governança da Água, São Paulo, novembro de 2007. Disponível em: <<http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/simbolagua.pdf>>. Acesso em 22 out. 2012.

----- **A imagem das águas**. São Paulo: Hucitec/USP, 2000.

DI ROMA. **Caldas Novas – Goiás**. Disponível em: <<http://www.diroma.com.br/index.php/-o-grupo/caldasnovas.html>>. Acesso em 13 abr. 2012.

----- **Todos os hotéis do Grupo Di Roma**. 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4jsEehjxZdA>>. Acesso em 01 jul. 2013.

DOUGLAS, Mary. **Símbolos Naturales: exploraciones em cosmologia**. Versión española de Carmen Criado. Madrid: Alianza Editorial, 1978.

DREW, David. **Processos interativos homem-meio ambiente**. Tradução de João Alves dos Santos. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

FELDMANN, Fábio. **Guia da Ecologia**. São Paulo: Guias Abril, 1992.

FLORIT, Luciano; DREHER, Marialva. **A construção social da natureza e suas implicações para a ética no turismo**. Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica, V. 11, nº 1. P63-75: jan./abr.2009. Disponível em: <WWW.univali.br/revistaturismo>. Acesso em: 14 nov. 2012.

FUNDAÇÃO CALDAS NOVAS CONVENTION & VISITORS BUREAU. **A fundação**. Disponível em: <<http://www.caldasnovasresortthermal.tur.br/Sobre.php>>. Acesso em 07 mai. 2012.

FUSTER, Luis Fernandez. **Teoria y técnica Del turismo**. San Agustín, Madrid: Editora Nacional, 1971.

GODOY, José Theóphilo de. **História e estórias de Caldas Novas**. Goiânia: Oriente, 1978.

GRAÇA, Isabel. **Marcial e os banhos em Roma**. Humanitas 56, p. 117-136, 2004. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas56/07_-_Isabel_Grac_a.pdf>. Acesso em 23 abr. 2013.

HALL, Colin Michael. **Planejamento Turístico: políticas, processos e relacionamentos**. Tradução de Edite Sciulli. São Paulo: Contexto, 2001.

IBGE. **Cidades**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 18 out. 2012.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 25ª ed. [S.I.]: Editora Brasiliense, 1997. Disponível em: <http://www.matematicauva.org/disciplinas/teorias_aprendizagem/Texto_02_Teorias.pdf>. Acesso em 10 maio 2013.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Tradução de Contexto Traduções. São Paulo: Aleph, 2001.

LAGOA TERMAS PARQUE. **Caldas Novas**. Disponível em: <<http://www.lagoaque.com.br/site/CaldasNovas.php>>. Acesso em 07 mai. 2012.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Complexidade e dialética: contribuições a práxis política emancipatória em educação ambiental**. Educ. Soc. Campinas, vol.26, n. 93, p. 1473-1494, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v26n93/27289.pdf>>. Acesso em 12 mar. 2013.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MASSON, Gisele. **Materialismo Histórico e Dialético: uma discussão sobre as categorias centrais**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, PR, v. 2, p. 105-114, jul-dez, 2007. Disponível em: <<http://www.eventos.uepg.br/ojs2/index.php/praxiseducativa/article/viewArticle/312>>. Acesso em 20 abr. 2013.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Programa Nacional de vigilância em saúde ambiental relacionada à Qualidade da água para consumo humano**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2005.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo de Saúde: orientações básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/dow>

nloads_publicacoes/Turismo_de_Saxde_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso em 07 de ago. 2012.

MOESCH, Marutschka Martini. **A construção metodológica Dialética: Por uma Epistemologia do Turismo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Rio Grande do Sul, 1999.

----- Para além das disciplinas: o desafio do próximo século. In: Gastal, Susana (Org.) et.al. **Turismo, Investigação e Prática**. São Paulo: Contexto, 2002. P. 25-44.

MOLINA E., Sérgio. **Turismo e ecologia**. Tradução de Josely Baptistas. Bauru, SP: EDUS, 2001 (Coleção Turismo).

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

----- **Para sair do século XX**. Revista do Geempa, Porto Alegre, n. 3, p. 244-33, mar. 1994.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Tradução de Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1995.

NECHAR, Marcelino Castillo; PANOSSO NETTO, Alexandre. **Epistemología Del turismo: estúdios críticos**. Editora Usp/Trillas, 2010.

ORIENTE, Taylor. **As fabulosas Águas quentes de Caldas Novas**. Goiânia: Oriente, 1982.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PAIXÃO, Dario Luiz Dias. **Thermae et ludus: o início do turismo de saúde no Brasil e no mundo**. Turismo em Análise, v. 18, n.2, p. 136-147, 2007. Disponível em: <<http://www.turismoemanalise.org.br/turismoemanalise/article/view/374/177>>. Acesso em 26 abr. 2013.

PAULO, Renata Ferreira Calado. **O turismo e a dinâmica intra-urbana de Caldas Novas: uma análise da expansão e reestruturação do complexo hoteleiro**. Dissertação de mestrado – Instituto de Geografia da Universidade de Uberlândia: Uberlândia, 2005. Disponível em: <<http://busca.ibict.br/SearchBDTD/search.do?command=search&q=+assunto:%22Vertical%20building%22>>. Acesso em 19 out 2012.

PIMENTEL, Maurício Ragagnin. **Cataratas do Iguaçu: experiências e registros de uma paisagem turística**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

PLANO de desenvolvimento integrado de turismo sustentável do pólo das águas termais. Goiás: 2012. Disponível em:

<<http://www.observatoriodoturismo.tur.br/?go=7&string=&categoria=34>>. Acesso em 4 jun. 2013.

PORTAL RIO QUENTE. **Histórico.** Disponível em: <<http://www.aguasquentes.com/pt/conteudo/historico-2.aspx>>. Acesso em 16 jan. 2013.

POUPART, Jean... [et al.]. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Sociologia)

QUINTELA, Maria Manuel. **Cura termal: entre as práticas “populares” e os saberes “científicos”.** VIII Congresso luso-afro-brasileiro de ciências sócias. Coimbra, Portugal: Universidade de Coimbra, 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel37/MariaManuelQuintela.pdf>>. Acesso em 23 abr. 2013.

----- **Banhos que curam: práticas termais em Portugal e no Brasil.** Etnográfica, vol. II (1), 2003 P. 171-185. Disponível em: <http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N1/Vol_vii_N1_171-186.pdf>. Acesso em 18 abr. 2013.

RÊGO, Cássio de Salgado; FERREIRA, Wanyr Romero; FORTES, Mauri; BAHIA, Eduardo Trindade. **O termalismo como segmento turístico.** Reuna, v. 13, n. 3, p. 11-25. Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <<http://revistas.una.br/index.php/reuna/article/download/240/244>>. Acesso em 26 abr. 2013.

RICHARDSON, Roberto Jarry . **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1985.

ROMANO, Paulo. **Recursos hídricos: uma questão de cidadania.** Brasília, DF: Secretaria de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente, 1998.

RUTKOWSKI, Emília. **Bacia hidrográfica e bacia ambiental: saneamento, meio ambiente e desenvolvimento sustentável.** São Paulo: Sabesp, 1999.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** Tradução de José Lins Albuquerque Filho. Rio de Janeiro: Garamound, 2002.

----- **Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado.** Rio de Janeiro: Garamound, 2008.

SANTOS, Maria Aparecida. **Histórias e “causos” do Barreiro e Termas do Araxá – MG: fantasmas, medo e relações de poder.** Mnemosine, Rio de Janeiro, vol. 4, nº 1, p. 88-111, 2008. Disponível em: <<http://www.mnemosine.com.br/mnemo/index.php/mnemo/article/viewFile/304/500>>. Acesso em 22 mar. 2013.

SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO, Caldas Novas/GO. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <turismo@caldasnovas.go.gov.br> em 16 abr. 2012.

SILVA, Ana Lúcia Golçalves; BARREIRA, Cristiane Antunes. **Turismo de Saúde**. São Paulo: Editora SENAC, 1994.

SILVA, Margarida do Amaral. **O complexo termal da Serra de Caldas: a linguagem do contemplativo e do imaginário sobre espaços de Goiás**. Revista eletrônica do curso de geografia. nº 13. Jataí: Universidade Federal de Goiás – UFG, 2009. Disponível em: <<http://revistas.jatai.ufg.br/index.php/geoambiente/article/view/971/534> >. Acesso em 31 out. 2012.

SOUSA, Suely Pereira; PERES, Verônica Nogueira; MARTINS, Rosimeire Pereira. **Turismo e o uso das águas termais Caldas Novas(GO) – Brasil**. Disponível em <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Procesosambientales/Usoderecursos/55.pdf>>. Acesso em 10 jul. 2011.

TEIXEIRA NETO, Antônio. **Complexo Termal de Caldas Novas**. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1981.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais(1500 – 1800)**. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TUNDISI, José G.; TUNDISI, Takako M. **A água**. 2ª Ed. São Paulo: Pubifolha, 2009.

UNESCO. **Fatos e dados do relatório mundial das Nações Unidas sobre o desenvolvimento dos recursos hídricos 4: o manejo dos recursos hídricos em condições de incerteza e risco**. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-view/news/facts_and_figures_from_the_united_nations_world_water_development_report_4_in_portuguese/>. Acesso em 24 out. 2012.

URRY, John. **O olhar do turista: lugar e viagens nas sociedades contemporâneas**. 3ª ed. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001 (Coleção Megalópolis)

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução de Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista 1

Entrevista com o Senhor Aparecido Sparapani, denominado entrevistado 1 (E1).

A entrevista foi realizada no Thermas Di Roma, no dia 31 de maio de 2013, às 9h25 de forma direta.

(P)¹ - Bom, o senhor já participou de várias formas no turismo, tanto em Caldas Novas, como no estado de Goiás né. E eu gostaria de saber, principalmente de Caldas Novas, como que foi essa participação, se o senhor puder falar um pouco dessa experiência, como que o senhor começou.

(E1)² - Bom, Isabela, na realidade eu tenho hoje 26 anos de Rio Quente e Caldas Novas. Quando eu vim de São Paulo para a Pousada do Rio Quente o município de Rio Quente ainda não era emancipado, fazia parte de Caldas Novas. Logo depois é que veio a emancipação [o município foi emancipado em 1988]. Mas, na época, Caldas Novas tinha, em torno de oito mil habitantes. Hoje, está berando já uns oitenta mil habitantes. Então, **houve um investimento particular de diversos empresários, que foi fazendo com que Caldas Novas fosse criando corpo e se transformando na, numa cidade com esse potencial turístico que tem hoje.** A própria Pousada do Rio Quente, depois de emancipada, emancipado o município de Rio Quente, também foi investindo e foi se transformando também nesse grande Resort que é hoje a Pousada do Rio Quente. E **Caldas Novas foi com a ajuda dos corretores de imóveis, que, na época viajavam o Brasil inteiro para vender os títulos dos clubes das águas termais, foram fazendo com que o município se tornasse conhecido a nível nacional.** Então, os corretores, que eram muitos, tinham vários clubes na época, o CTC, o Jalim, o Country, o Di Roma, enfim, todos esses **clubes tinham as suas equipes dos corretores que saíam Brasil a fora pra vender esses títulos** e aí as pessoas, obviamente, acabavam vindo pra conhecer e buscando hospedagem. **Na época a gente sentia uma, uma dificuldade muito grande em fazer com que os hotéis tivessem uma boa ocupação.** Aí nós resolvemos, podemos considerar assim, há uns 20 anos atrás, mais ou menos, nós formamos a Associação dos Gerentes de Hotéis, porque, na

realidade, a obrigação de dar ocupação pros hotéis são dos gerentes. E, automaticamente, **os patrões cobravam justamente da gente essa melhora na ocupação e tentar acompanhar o crescimento da cidade, que a cada ano surgia novos empreendimentos e novos apartamentos entravam no mercado** e tudo mais. E aí, nós começamos a trabalhar então essa pequena Associação, que na época eram apenas oito hotéis que trabalhavam conjuntamente. E a gente começou a fazer uma divulgação coletiva desses empreendimentos.

(P) – Isso foi mais ou menos em que data Seu Sparapani?

(E1) - Isso há 20 anos atrás.

(P) – 80 e... – 84 mais ou menos, 83, por aí. Isso quando nós começamos. **Depois da Associação de gerentes, aí, com o passar do tempo, com o crescimento da rede hoteleira, aí nós formamos o Convention Bureau**, que é a Fundação Caldas Novas Convention & Visitors Bureau. E aí, **fomos agregando outros parceiros**, outros hotéis, e aí, aumentando essa, esse trabalho, **porque nunca se conseguiu do município, independente de prefeito A, B, C ou D, nunca se conseguiu o apoio do município pra trabalhar a divulgação do destino turístico**. Então... (P) – Curioso né, Caldas Novas depende o que? 80% da economia do turismo? – 95, mais ou menos. E **a gente nunca teve esse apoio né, vamos dizer assim, de prefeitura, de Estado, mesmo do Ministério do Turismo pra trabalhar a divulgação do destino**. Então nós tínhamos que fazer da nossa maneira. E aí, nós fomos trabalhando justamente, e aí **hoje a cidade está com esse potencial todo. Hoje nós temos é, em Caldas Novas, uma capacidade de leitos de 110 mil leitos pra poder atender os turistas**.

(P) – A gente tem aí que na história de Caldas Novas, o povoamento da cidade foi muito motivado pela busca das fontes termais voltado pra saúde (E1) – Certo. (P) – pra cura de enfermidades. E, bom, com o crescimento do turismo, hoje a imagem de Caldas Novas, ela é muito vinculada ao lazer. As pessoas vêm nos feriados pra descansar (E1) – sim (P) – da rotina né. E como que o senhor analisa essa mudança de um turismo de saúde, que talvez nem pudesse ser chamado turismo né, nesse início, mas pra um foco do turismo de lazer.

(E1) – Certo. Bom, na realidade, **as propriedades termais, medicinais das águas é que fizeram com que as pessoas viessem pra cá, ou que também, os médicos indicassem pra que as pessoas viessem pra cá, justamente pra buscar esse tratamento**. Mais tratamentos assim, vamos dizer assim de

enfermidades musculares, reumáticas de tratamento mesmo de pessoas com esse tipo de dificuldade de locomoção, pós-cirurgia, esse tipo de coisa, terapia na água pra melhorar os movimentos. Isso aí não se perdeu até hoje. Tem as pessoas que ainda vêm na busca justamente dessa, desse benefício, porque são as propriedades das águas é que fazem esse tratamento. Mas, hoje a grande maioria busca justamente o lazer. É estar com a família, estar com os amigos e tudo mais, e curtir mais como lazer e não como saúde. Mas, o turismo de saúde ainda continua ainda dentro do, vamos dizer assim, dessas propriedades. Tanto que muitas pessoas se mudaram pra cá justamente porque vieram se sentirem bem, se curaram e aí resolveram ficar por aqui.

(P) – E essas pessoas que vem procurando uma melhora pra um problema muscular ou algo assim, existe alguma orientação nos empreendimentos de como utilizar essas águas pra esses tratamentos, ou elas vêm por conta própria?

(E1) – **Não, normalmente elas já vêm orientadas. O que a gente orienta é basicamente com relação, vamos dizer assim, pra que a pessoa possa aproveitar mais as águas sem que tenha um problema, vamos dizer assim, cardíaco ou alguma coisa nesse sentido né, porque as propriedades da água e a temperatura da água faz com que a viscosidade do sangue diminua e aumente a aceleração, quer dizer, se você permanecer muito tempo com a água acima da linha do coração, isso pode te dar um desconforto, te dar uma arritmia cardíaca, dar um, vamos dizer assim, uma aceleração né que você começa a se sentir assim um pouco sem fôlego. Então cê tem que sair da água, descansar um pouco e tal e depois voltar. Então existe um aconselhamento mais nesse sentido. Tanto que nenhuma piscina de água termal, ela tem acima de 1,10m de profundidade tá.** Justamente pra que a pessoa mesmo sentada na borda da piscina e tal, a água fique abaixo da linha do coração.

(P) – Bom, Caldas Novas se consolidou, principalmente, como destino turístico a partir das águas termais, e eu gostaria de saber como o senhor analisa essa motivação e a identificação do destino de águas termais de Caldas Novas, mais ou menos na década de 70 pra cá, porque o senhor colocou pra mim que o aumento do público veio mais a partir de 80 pela mobilização dos gerentes de hotéis, mas na década de 70 já havia alguns empreendimentos, já havia o CTC, já havia também pelo menos o primeiro empreendimento do Grupo Di Roma se não me engano.

(E1) – Já, já, já sim. Já havia alguns empreendimentos né Hotel Di Roma da praça, o CTC, O Jalim, o Parque das Primaveras. Já havia alguns empreendimentos né. **Mas o acesso era muito restrito né, porque as estradas não eram todas asfaltadas, você não tinha os vôos que hoje chegam em Caldas Novas, facilitando, não tinha é, linhas de ônibus pra que você chegasse aqui com facilidade. Então era tudo muito mais difícil né. Então não se conhecia tanto a cidade como, vamos dizer assim, um destino turístico** e as dificuldades pra chegar aqui também eram muito grandes. Então, não tinha aquele movimento que hoje nós temos em Caldas Novas.

(P) – Que é um dos aspectos que o senhor me colocou de falta de apoio do Estado e do próprio governo municipal.

(E1) – Sim.

(P) – E investir nessas formas de acesso.

(E1) – Sim, é. Aí, depois com o tempo, aí é claro, foram asfaltando as estradas, duplicando rodovias, é melhorando os acessos e depois com a vinda também dos vôos pra Caldas Novas, aí tudo isso então, na época a pista do aeroporto era de terra, quer dizer, não tinha a mínima infraestrutura pra, pra que pudesse também descer vôos, desciam vôos pequenos de particulares e tal, mas não é vôos fretados, vôos de linha comercial né.

(P) – E o senhor comentou que essa mobilização dos gerentes era muito pra atrair turistas, porque a ocupação dos hotéis era baixa. E, então, não foi tão espontânea a procura turística. Essa procura, foi, foi incentivada (E1) – foi trabalhada (P) – sim (E1) – foi trabalhada (P) – certo

(E1) – Hoje, só pra você ter uma ideia o Convention Bureau, ele participa em torno de 20 feiras de turismo todo ano (P) – certo (E1) – trabalhando justamente, além de anúncios em jornais, revistas, tal, todo esse trabalho, mas o foco nosso é sempre ta trabalhando as feiras de turismo pra poder divulgar o potencial que a cidade tem.

(P) – E nesse início da mobilização dos gerentes, havia um público alvo ou não, era qualquer pessoa, qualquer...

(E1) – Não. **O público sempre foi o mesmo que é até hoje. É trabalhar o agente de viagem em diversos municípios e é claro que na época nós tínhamos pouco recurso e aí nós tínhamos que trabalhar poucos estados.** Hoje a gente já trabalha em pelo menos 12 estados mais ou menos, com feiras de turismo,

divulgando. Então você buscando o agente de viagem. O agente de viagem é que tem o poder de negociar e de o produto ali na região dele.

(P) – Então, os senhores procuravam mais agências e as agências desenvolviam as formas de atrair o turista pro destino? (E1) – Certo.

(P) – É, bom, então o senhor já comentou que existem pessoas que procuram as águas pra tratamentos de saúde, mas que a orientação, elas já vem orientadas. E não existe nenhum tratamento específico como a gente vê, por exemplo, ou pelo menos há pouco, via em Araxá ou em outros destinos que eles são mais direcionados. Isso não se encontra?

(E1) – **Não. Há muitos anos, eu acredito que em torno de 25 anos atrás, quando existia o Balneário Municipal, existia ali um trabalho específico né, como existe em Araxá, em Águas de Lindóia e tal, Águas de São Pedro, de tratamento mesmo, específico pra aquela, pra aquele problema em si, com pessoas acompanhando e tudo mais. Depois, foi abandonado pelo Balneário Municipal, por duas ou três vezes já tentaram recomeçar, revitalizar ele e reformar e tudo mais, então não é uma obra que está paralisada ainda né.** Mas a intenção é tendo o Balneário pronto, reformado, voltar essa atividade também.

(P) – E o balneário é de responsabilidade do governo. (E1) – Municipal. (P) – E por isso ele ficou um pouco de lado? (E1) – É (P) – Acabou fechando (E1) – Uhum (P) – Porque não havia um investimento do governo. (E1) – Sim, é! (P) – Entendo.

(P) – Certo. Bom, as **propriedades continuam a ser divulgadas?** (E1) – **Sim!** (P) – As propriedades terapêuticas da água. (E1) – Uhum.

(P) – O senhor sabe informar porque que houve um desinteresse? Foi um desinteresse da demanda ou foi uma falta de oferta focada na saúde, nas propriedades termais da água que levou a esse foco mais pro lazer que pro, pras propriedades em si na ajuda a melhoras de saúde.

(E1) – Na, na **realidade foi mesmo uma necessidade pra acompanhar o crescimento da cidade. Não deveria ter abandonado né a parte da balneoterapia.** Tem que voltar a ter o Balneário funcionando e tal pra esses **casos é específicos né, pras pessoas que querem a tranquilidade de estar ali dentro de uma banheira, tal, sob os cuidados, acompanhando ali os batimentos cardíacos, essas coisas todas, do que ela estar numa piscina com mais 50, 100, 200 pessoas né. Então, apesar de não ter sido abandonado esse tratamento, mas hoje ele é disperso né.**

(P) – Então, o senhor acha que foi um conjunto (parte da oferta, parte da demanda) que levou a essa mudança de foco? (E1) – Sim, é. (P) – Não havia muito procura, e aí a cidade precisou se adaptar, é isso?

(E1) – **Sim, é. O lazer falou mais alto né**

(P) – Sim, entendo. Que pena né. Quem sabe não revitaliza e se mantém os dois.

(E1) – Não, sem dúvida, sem dúvida.

(P) – É, bom, a água a gente sabe é um recurso natural finito, isso é muito debatido e, bom, em Caldas Novas a gente vê água em abundância. Todo lugar que a gente anda tem água. Quais os cuidados pra conservação da água que o senhor percebe na cidade, que existe na cidade e nos empreendimentos que o senhor já trabalhou e trabalha agora no Di Roma?

(E1) – Certo, o que acontece... **No ano de 96, foi o período onde é o lençol freático, ele teve o maior rebaixamento** (P) – uhum (E1) – ta, esse aqui é o nível ta, que **nós tínhamos aqui em 79, nós tínhamos 670m ta, de superfície de água no lençol freático e ele foi perdendo. Nós temos dois lençóis freáticos.** Nós temos o Araxá e nós temos o Paranoá ta. **O Araxá que é o mais utilizado ta, ele foi tendo um rebaixamento muito sério, chegou ta a 600... menos de 620m ta. Então, a partir desse momento houve uma preocupação muito grande ta da Associação de Mineração de Caldas Novas, junto com o DNPM, que é o órgão** (P) – Departamento de Mineração né. (E1) – **Departamento de Mineração Nacional e, a partir desse momento, todos os poços foram é colocados hidrômetros tá.** E a partir desse momento, cada poço só poderia tirar uma quantidade de água ta. E aí, começou-se a recuperação novamente ta. E aí **existe é claro, uma, vamos dizer assim, uma medição, vamos dizer assim, que varia muito dependendo dos períodos do mês ta. Ah, tem feriado consome mais, tem férias consome mais, tudo mais ta. Hoje, já existe já uma outra preocupação ta, que o lençol voltou a ter, a ter uma queda ta.** Então, nós já estamos com essa preocupação ta. Hoje, **não se permite, a partir dessa data aqui, não se permite mais perfurar poços ta, mas existe ainda um consumo um pouco desordenado** né, e que precisa ser, tomar cuidado pra que ele possa voltar ta a ter esses níveis aqui de cima. Então hoje, já existe essa preocupação. **É, a cidade, ela não é abastecida ainda, na sua totalidade com água tratada. Nós temos em partes da cidade muitos condomínios que ainda utilizam água termal, tá, porque o município não levou água tratada ainda até lá.**

(P) – Hum... então eles utilizam água termal pros usos diários? Tomar banho, lavar louça...

(E1) – Lavar, lavar carro, lavar calçada, aguar jardim e tudo mais. Então hoje, já existe a preocupação do município em levar água tratada pra essas regiões pra fecharem esses poços, pra que possa haver essa recuperação aqui. Mas a preocupação maior chegou aqui em 96 tá, quando se colocou hidrômetro em todos os poços e determinou qual que era a vazão de cada um, tanto que teve uma recuperação muito grande.

(P) – Com certeza. Esses dois lençóis são de águas termais? E essa água tratada vem de onde?

(E1) – A água tratada é coletada dos rios ta, e aí vai pra uma estação de tratamento e depois pra, pra distribuição.

(P) – Hoje os hotéis todos já se utilizam de água tratada pra banho e torneira e alimentação?

(E1) – Sim, sim é. **Aqui, três anos atrás mais ou menos, foi feito um termo de ajustamento de conduta com o Ministério Público. Então, por exemplo, toda a água nossa que sai da piscina, nós temos que recuperá-la, nós temos que tratá-la e voltar como água fria ta.**

(P) – E essa água pode ser utilizada como uma água tratada nas outras (E1) – pode, pode, claro. **Ela pode inclusive ser até, até consumida. Ela tem que sair no nível de consumo. Se quiser beber, ela ta com essa qualidade. Tá, então toda água que é jogada fora das piscinas, ela vai pra um, pra um depósito, nesse depósito passa por um tratamento e ela volta pro chuveiro, pra descarga, pra aguar jardim, pra cozinha, pra lavanderia, pra tudo.** E os próprios hotéis, é, principalmente os maiores né, tiveram que se adaptar e fazer suas próprias estações de tratamento.

(P) – Então o Grupo Di Roma tem sua própria estação de tratamento? (E1) – Tem.

(P) – Bom, aqui a gente tem que Caldas Novas passa por um processo de expansão de segmentos turísticos, entre eles uma procura por atrair turismo de eventos e negócios. Bom, tem uma intenção também de incluir o turismo ecológico na cidade né, acho que, ainda vi pouco sobre isso, mas percebo essa intenção, e como que o senhor vê essa introdução do turismo ecológico em Caldas Novas?

(E1) – Olha, na realidade hoje, o turismo ecológico é um **turismo que está em crescimento** né, ta. **Então a gente tem trabalhado com umas empresas**, que é

hoje fazem esse segmento, trabalham nesse segmento, **mas ainda é um turismo de muita pouca procura, que são esses jovens, tal, essas pessoas, que hoje não tem muito ainda essa frequência, essa frequência de Caldas, porque Caldas Novas é basicamente família ou terceira idade** ta, então são esses dois públicos basicamente.

(P) – Os jovens procuram mais os períodos de eventos né? Carnaval, festivais?

(E1) – É, e como nós temos dentro do estado de Goiás outros destinos com um potencial muito maior, como Pirenópolis, Alto Paraíso né, enfim outros destinos focados basicamente no ecoturismo né, então não tem essa procura. **O que a gente tem trabalhado bastante em Caldas, é, aproveitando o crescimento do turismo religioso de Trindade**, nós tamos trabalhando isso em Caldas Novas, porque as pessoas vêm para Caldas Novas, vão até Trindade e voltam para Caldas Novas pra ficar mais dois, três dias e depois ir embora. Tá, então **é um turismo que tem crescido muito, não só Trindade, mas nós também aproveitando esse nicho de mercado.**

(P) – Então o senhor vê mais possibilidade pro turismo religioso e pro turismo de eventos e negócios que pro turismo ecológico na cidade?

(E1) – Sim, com certeza.

(P) – E o futuro do turismo em Caldas Novas, como que o senhor imagina esse futuro?

(E1) – Olha, na realidade, **isso preocupa bastante, porque nós temos uma capacidade de leitos aqui hoje que só é menor que a da cidade São Paulo. Então, cada vez mais nós temos que trabalhar a profissionalização, a qualificação, a diversificação desses produtos que nós temos hoje a oferecer pro cliente. Nós temos a necessidade hoje de ter em Caldas Novas um grande parque temático, tipo um Beto Carreiro, enfim, alguma coisa voltada pra um parque seco.** Até pra que a gente possa diversificar um pouco mais o nosso turismo e também **pra que a gente possa fazer com que o turista permaneça um tempo maior na cidade, que hoje é uma permanência muito curta de final de semana basicamente e durante a semana, é claro, um público de terceira idade que fica um período maior.** Mas então, hoje a gente tem discutido muito isso, o quê que a cidade precisa criar pra que o turista possa permanecer aqui um tempo maior. **Porque o mercado imobiliário não pára de crescer, enquanto tiver comprador,**

tem empreendimento sendo lançado. Então nós precisamos criar mecanismos pra que as pessoas possam permanecer mais na cidade.

(P) – Certo. E essa questão que o senhor me mostrou do lençol freático, a recarga desse lençol freático acontece de forma natural pelas chuvas, que penetram o solo e depois sobem aquecidas. (E1) – Correto. (P) – Então, o senhor acredita que mantendo esse controle dá pra manter o turismo baseado nas águas termais, contando com uma diversificação – Sim (P) – O senhor acha que isso dá pra levar aí durante muitos anos, por tempo indeterminado?

(E1) – Sim, sem dúvida nenhuma, **nós temos é que ser cada vez mais responsáveis com relação ao uso.** Que quando teve aquela queda, aquela queda lá embaixo, a cidade em si, aquelas casas, as residências todas eram abastecidas com água quente. Aí a prefeitura foi obrigada a montar a sua estação de tratamento e abastecer os municípios e a fechar os seus próprios poços. Então, daí pra cá é que começou essa conscientização e esse cuidado maior com o volume do lençol termal.

(P) – Agora, mesmo fazendo o tratamento dessas águas, durante o período de alta temporada existe uma sobrecarga muito grande do uso tanto das águas termais, quanto da própria água tratada e nas áreas em que essa água tratada ainda não chega sobrecarrega um pouco mais também o lençol freático. (E1) – Sim. (P) – Correto? (E1) – Uhum. (P) – Como que o senhor vê esse aumento tão grande do público que frequenta Caldas Novas, que a gente tem dados né, que mostram esse aumento, com a sobrecarga desse uso da água? É, eu ouvi comentários, eu cheguei a passar um período aqui no carnaval em que houve uma, uma queda de, queda não é bem a palavra, mas faltou água. Então, assim, isso é complicado né, numa cidade turística que se baseia na água como atrativo.

(E1) – É, na realidade, **o município tem dois problemas que estão sendo resolvidos.** Um com relação à **geração de energia elétrica**, que nós precisamos, nós temos energia aqui a cinco quilômetros de distância, aqui na Usina de Corumbá, que não é utilizada pra Caldas Novas. Ela vai pra outros destinos, vai pra Brasília, vai pro nordeste e tudo mais. Nós precisamos aproveitar essa energia que está aqui do lado pra atender o crescimento da demanda. **E também, ampliar a captação e tratamento de água tratada pra poder levar pra todos esses condomínios e esses bairros que estão sendo construídos né. Então, isso é um trabalho de**

investimento pesado que tem que acontecer, já deveria ter acontecido, mas tem que acontecer justamente pra não ter esse problema de falta.

APÊNDICE B – Entrevista 2

Entrevista com Senhor Ivan Garcia Pires, denominado entrevistado 2 (E2).

A entrevista foi realizada no escritório do Sr. Ivan Pires, no hotel Caldas Termas Clube, dia 31 de maio de 2013, às 14h40 de forma direta.

(P) – O senhor foi secretário na última (E2) – Sim! (P) – De turismo de Caldas Novas. Foi de 2008 a 2012?

(E2) – Foi 2000... exatamente, 2008 a 2012.

(P) – O senhor já havia sido secretário anteriormente?

(E2) – Não.

(P) – Mas o senhor já atuou em outras áreas de turismo aqui na cidade.

(E2) – É eu sempre atuei em, na área operacional de hotelaria na cidade. É no hotel Privê, no Hotel Bougaiville e também no CTC.

(P) – E o senhor está em Caldas Novas desde (E2) – Desde 1990.

- E eu também sou, sou bacharel em turismo né.

(P) – O senhor pode falar um pouquinho dessas suas experiências nesses hotéis, a sua percepção do turismo em Caldas Novas.

(E2) – É, Caldas Novas ela tem se desenvolvido, é **crescido, tendo maior fluxo de visitantes a cada ano**. Então quando eu mudei pra cá, em 1990/91, é, Caldas Novas devia ter uns, é uns 50, 45 mil habitantes né, hoje nós já estamos com 70 mil.

(P) – É, uma evolução muito alta. Isso em função do turismo?

(E2) – É, porque, é, o turismo, isso no nosso caso em Caldas Novas que é, **nós temos atrativos o ano todo** né, **então aqui não tem época de frio, de calor, de chuva**. O atrativo ele é o mesmo. **E é um atrativo, principalmente a água termal, a convivência com o pessoal de Caldas também, serestas, enfim, isso faz com que as pessoas acabem vindo pra cá**. As pessoas acabam adquirindo algum imóvel aqui, uma casa, um apartamento e acaba mudando, principalmente o pessoal que já tá aposentado.

(P) – E existe muito esse hábito de segunda residência (E2) – Sim. (P) – em Caldas Novas?

(P) – Bom, o senhor pode falar um pouco da sua experiência como secretário de turismo de Caldas Novas?

(E2) – Posso. Pra mim foi, como, como eu sempre trabalhava nas empresas privadas né, foi uma experiência muito grande. E, **Caldas Novas ela, ela teve um crescimento muito grande em construção civil, é construção de apartamentos, de flats, justamente pra atender essa segunda residência do pessoal que tava vindo pra cá. E a gente estima que hoje esses flats, eles são de 75 a 80%, representam 75 a 80% dos meios de hospedagem na cidade.** (P) – Nossa. (E2) – É e esses flats, **essas locações, elas ocorrem na clandestinidade total né.** Então, (P) – caramba. (E2) – É, então, não tem assim, é, recolhimento de ISS nem nada. **Então o município, embora esse grande movimento, esse grande crescimento, ele não tem uma arrecadação suficiente pra bancar o desenvolvimento turístico que deveria.**

(P) – Já que a demanda é tão alta né. (E2) – **É, alta, mas não tem contrapartida. E não só a questão de turis.., dos equipamentos turísticos, mas também esgoto, água, energia, falta tudo. E, então que acontece, Caldas Novas tem um caixa pequeno e uma demanda de investimentos muito alta.**

(P) – Como o senhor acredita que seria possível né (E2) – Muito simples! (P) – lidar com essa clandestinidade?

(E2) – Na nossa, na minha época inclusive, nós, eu, é, encaminhamos né uma lei pra Câmara, que foi até aprovada pra que todos esses flats sejam tributados igual os hotéis, porque acaba que os hotéis fazem uma concorrência, é... sofrem uma concorrência desleal. Então basta o prefeito atual, ou então o próximo prefeito ter coragem de fechar as portas. Aí resolve tudo, porque automaticamente dentro aí de seis meses, um ano né, essa arrecadação, principalmente de ISS ia triplicar né, aí sim.

(P) – Teria condições de investir na cidade? (E2) – Infraestrutura, equipamentos turísticos.

(P) – Essa infra-estrutura básica é fundamental pra atividade turística, não só pra população.

(E2) – Outra coisa é... Caldas Novas por estar muito próxima de Brasília, Goiânia e do Triângulo Mineiro, então é que **você precisa ter uma gestão muito pensada, por exemplo, se você trazer um show de funk ou um show, sei lá, de qualquer artista que, que os jovens, principalmente, gostem e ultimamente cultuam né, se você trazer um show desse grátis ou com o preço barato em Caldas Novas, você lota a cidade com jovens que usam só esses flats e não consome**

nada na cidade, porque passa no Carrefour e trás tudo pra cá. Vem, bagunça, depreda a cidade e deixa só o lixo. Então assim, Caldas Novas é precisa ser, ela tem que ter uma gestão diferente. Por isso que tanto a nossa gestão, como nessa também do atual prefeito aí, é, sempre os, os shows públicos, os eventos são, focam mais a família, são bandas mais tranqüilas, não, não atrai tanto esses jovens. É, a prova disso que eu to te falando foi o Caldas Country aqui do ano passado.

(P) – É, ele teve uma repercussão muito (E2) – Fugiu do controle (P) – muito negativa na mídia.

(E2) – Fugiu do controle. E, embora o evento em si, o pessoal pra ficar dentro do evento, eles gastavam mais de dois mil reais. Só que veio uma multidão pra ficar fora do evento fazendo bagunça. **E aí como a gente não tinha verba, nem do município, nem estadual de maneira nenhuma pra triplicar ou quadruplicar, guincho, ou, ou polícia né aí aconteceu o que nesse carnaval já foi corrigido.**

(P) – Inclusive, uma das, das diretrizes do Plano Diretor da, da cidade, fala na revitalização do turismo de saúde, inciso XVIII, e ele fala em incentivar o surgimento de clínicas de recuperação, de alcoólicos, dependentes químicos etc., mas com essa repercussão que a cidade teve na mídia né, de um tumulto muito grande, principalmente vinculado ao consumo de álcool né, como que o senhor analisa essa questão?

(E2) – Eu **discordo primeiramente, que hoje não se tem o turismo de saúde em Caldas.** Ainda existe, até porque, esse pessoal que muda pra cá, principalmente a terceira idade, é uma porcentagem grande dessa decisão é o uso das águas termais.

(P) – Com o foco da saúde? (E2) – é, **da saúde. Bem viver, bem-estar e tal.** É...embora, na época, eu não tenha participado do Plano Diretor, mas eu acho que isso aí não seria bom pra Caldas Novas cê transformar aqui numa clínica de recuperação de dependentes químicos. **Sendo que nós temos hoje um, vivendo um foco de turismo de lazer e igual eu te disse também, de saúde, que é, traz muito mais dinheiro do que uma cidade de reabilitação né.** Então eu não sei, acho que não seria muito interessante seguir esse Plano Diretor aí não.

(P) – É, e esse evento, por exemplo, como o Caldas Country né, diferente do que o senhor colocou dos eventos (E2) – Não, mas não é que ele visa outro público. Não, não é que ele visa outro público, o público do Caldas Country é interessante, porque

ele atrai um jovem, mas um jovem que tem dinheiro, porque a pessoa que tem R\$ 2.000,00 pra vir num show, ele tem dinheiro pra hospedar, pra consumir aqui. O que ocorreu foi uma situação atípica. Certo, é, que simplesmente, de uma hora pra outra o pessoal aí do ano passado, juntou toda a periferia aí de Brasília, Goiânia e veio e fez aquela bagunça, e aí o município não estava preparado. Mas nesse ano com certeza vai estar, até porque no carnaval já não aconteceu problema nenhum.

(P) – E esse evento que é o Caldas Country, ele não parte do governo, ele vem de organizadores autônomos?

(E2) – Exatamente.

(P) – O senhor poderia falar dos principais projetos que foram desenvolvidos pela Secretaria de Turismo durante sua gestão?

(E2) – Sim. É, principalmente, **na área assim de treinamento, de qualificação, foi o trabalho nosso a instalação do SEBRAE Regional é, do SENAC, foi nós que conseguimos convencer o governador também de reduzir a alíquota do ICM sobre o querosene das aeronaves que foi o que tornou possível hoje nós termos vôos regulares né pra Caldas Novas, de São Paulo/Caldas Novas.** Que com certeza de acordo com a demanda vai aumentando né. E conseguimos unir muito o Trade, nós fizemos três anos de evento natalino que não tinha. Enfeitamos toda a cidade. É foram quatro anos de evento de carnaval focando o público família. Na nossa época não teve nenhum problema com baderna, com nada. **Enfim, isso é assim o que a gente lembra né, mas a Secretaria de Turismo, ela desenvolve muita coisa.**

(P) – O senhor falou das suas experiências anteriores à Secretaria de Turismo, que foram em hotéis. Nas gerências desses hotéis? (E2) – Sim, sim. (P) – Como que o senhor vê essa relação entre o poder privado (os empreendedores) e os trabalhadores do trade turístico, dessa área privada com relação ao poder público, já que o senhor atua né, atuou nas duas áreas.

(E2) – **É, aqui em Caldas Novas, praticamente quem, quem alavanca a cidade não é o poder público, são, é o poder privado, são os empresários, são os investidores, são os hotéis, os construtores e o comércio em geral é que alavanca a cidade. Infelizmente nós não temos assim aquela participação mútua, que a gente acha que deveria ser.** Mas, a cidade se desenvolve né. Hoje, acho que no Centro-oeste, nós recebemos mais turistas que qualquer outra cidade. Nós recebemos cerca de quase quatro milhões de turistas por ano. Se você for fala

'Ah, mas lá no Rock in Rio vai cem mil pessoas', mas lá é simples, desce todo mundo do morro e vai pra lá né. Agora aqui não, aqui esses quatro milhões tem que vir, tem que vir de avião, tem que vir de carro. (P) – Se deslocam pela cidade e não por um evento excepcional né? (E2) – É, exatamente.

(P) – O senhor falou que não concorda que acabou o turismo de saúde, o senhor observa que ele ainda se faz presente, mas a gente tem aí uma imagem de Caldas Novas muito vinculada ao turismo de lazer. Existem divulgações em relação ao turismo de saúde, mas existe muito forte essa imagem em relação ao turismo de lazer.

(E2) – É, o turismo de saúde ele acontece naturalmente né, praticamente sem divulgação, com pouca divulgação, vamos dizer assim. (P) – De maneira mais espontânea? (E2) – É, exato.

(P) – E como o senhor analisa essa mudança de foco, porque Caldas Novas se desenvolveu baseando-se nas propriedades terapêuticas da água.

(E2) – Naquela época, isso foi quando, no início né, há 60 anos atrás. Isso aí era o que motivava as pessoas a andar aí 500, 300 Km de estrada de chão, na maior dificuldade do mundo pra poder vir em busca da cura. Naquela época a medicina era muito atrasada. A pessoa que tinha lepra, por exemplo, ela tava condenada a morrer num canto qualquer. Então, aqui era a única saída. Aí com o advento de Brasília, a construção de Brasília, o crescimento de Goiânia, de toda a nossa região. A melhora da malha rodoviária, isso aí tornou Caldas Novas o que é o, vamos dizer assim, o local de turismo mais fácil de chegar pra esse pessoal aqui. É muito mais perto do que praia, muito mais barato também. Caldas Novas hoje, talvez seja o município que tem diária e comida mais barata do Brasil. E isso aí foi naturalmente, mudando o foco. Mas, com certeza no início de Caldas Novas cê tinha cem, cem turistas que vinha aqui pra tratar da saúde por mês, hoje nós temos, sei lá, é, muito mais que isso, três mil, quatro mil pessoas que vem.

(P) – E como o senhor observa a utilização dessas águas termais para o turismo, os cuidados que existem pra conservação tanto da qualidade como da quantidade dessas águas?

(E2) – Hoje nós temos um controle, bem dizer, total. Feito pelo DNPM. Então, já há algum tempo os lençóis são, toda água que sai do subsolo, ela é medida. Acho que uns 60% das mineradoras, elas já tão tratando a água,

reaproveitando ela, embora nós ainda tenhamos um, uma mudança. E nossa é, o tratamento da água hoje eu, eu considero bom.

(P) – E como o senhor observa essa utilização pelos hóspedes, pelos turistas, é, a maneira como eles se utilizam das piscinas, porque a gente sabe que é meio complicado a questão de a pessoa levar uma comida pra beira da piscina (E2) – Sim

(P) – Às vezes, evitar utilizar o banheiro, esse tipo de coisa.

(E2) – É uma briga constante. Mas, é claro que ocorre né esses usos aí, mas não é de maneira muito contundente não. O pessoal tem se educado bastante. Ocorre né, claro, mas num... (P) – Mas são pontuais? (E2) – É, exatamente.

(P) – Bom, a gente tem mais algumas observações baseadas no Plano Diretor. No Artigo 75, inciso II está o objetivo de monitorar **os índices ambientais com a garantia de nível desejável de sustentabilidade e a harmonia do ecossistema.** E, em outro inciso, o inciso XI, **está ampliar o fluxo, o perfil e a taxa de permanência dos turistas.** E, fazendo uma relação desses dois: um, a preocupação com a sustentabilidade e outro, ampliar o fluxo de turistas, como **o senhor acredita que essas duas diretrizes, elas possam ser conciliadas? Porque aumentando o fluxo de turistas pode resultar numa sobrecarga pra cidade.**

(E2) – **Sim, sim, mas é aumentando o número de turistas, aumenta o faturamento, a renda, que pode ser reinvestido né em tanto aqui, como em toda a região.**

(P) – Mas o senhor me colocou também a dificuldade da renda desses turistas ser recolhida pelo próprio governo e reinvestida.

(E2) – É, precisa dessa duas diretrizes se desenvolverem juntas.

(P) – Bom, então a gente tem nesse mesmo inciso de ampliar o fluxo e a permanência dos turistas, quais os perfis de turistas que o planejamento de turismo da sua gestão, como secretário, procurou atrair?

(E2) – Família e terceira idade.

(P) – Por quê?

(E2) – Porque tem mais **condição financeira, faz menos bagunça**, é, praticamente não comete vandalismo nenhum, tem condição de ter mais permanência na cidade.

Então o retorno é muito melhor. (P) – Aumenta a qualidade né? (E2) – E o retorno também.

(P) – Bom, a gente tem aí também, no Plano Diretor, **sobre a implantação de um programa de turismo ambiental com trilhas na área de proteção do manancial e no Parque Estadual Serra de Caldas**, então eu gostaria de saber se já foram implementadas desde sua gestão, se isso foi possível, é, ações pra desenvolver esse tipo de turismo.

(E2) – **Somente no Parque Estadual.**

(P) – E qual foi o objetivo.

(E2) – Na verdade já tem muito tempo que é implantado isso né. **Eu não me lembro não, mas tem muitos anos que esse Parque, ele é do Estado. Então, lá tem, já foi implantado há muito tempo então tem as trilhas, tem as cachoeiras, e tal, tudo muito bem acompanhado, fiscalizado.**

(P) – E tem muita procura?

(E2) – **Não representa 1% dos visitantes.**

(P) – E qual a preocupação em divulgar então pra que os turistas saibam e desperte nesses turistas o interesse?

(E2) – Hoje **Caldas Novas preocupa mais em divulgar a questão do lazer mesmo, porque nós ainda temos condição de receber muito mais turista ainda. Aumentar a permanência, então isso aí dá um retorno mais imediato.** Você tem que gastar menos com isso pra poder dar o resultado que você teria que gastar pra desenvolver outras atividades, por exemplo, essa questão ligada ao ecoturismo, que é outro perfil de turista.

(P) – De qualquer maneira o principal atrativo da cidade continuam sendo as águas termais, que é um recurso natural finito, por mais que seja renovável. Então, não seria de repente uma forma de educação ambiental, de conscientizar os turistas da importância desse recurso.

(E2) – Sim, sim, sem dúvida.

(P) – Então **o senhor acredita que é igualmente importante esse tipo de turismo aliado ao lazer ou**

(E2) – **Igualmente eu acho que não.** Eu acho importante. **Porque, por enquanto, nós ainda não esgotamos a nossa capacidade de receber turistas pra questão do lazer, até mesmo da saúde, a esgotar a nossa limitação de uso da água.** Hoje é claro que a água termal, ela é o principal atrativo, mas existem muitos outros ligados a ela. Hoje, sabe o pessoal de Brasília, essa região que eu falei aí, o pessoal vem pra cá e se sente em casa. Caldas Novas tem comida barata, seresta, tem

convivência com as pessoas daqui, ou seja, é uma cidade de interior ainda, que motiva muito as pessoas que mora nos grandes centros, estressado com trânsito, com tudo, que existe nos grandes centros, vir pra cá.

(P) – Agora, tem muitos turistas também que vem com seus próprios carros né?

(E2) – Muitos.

(P) – E isso não sobrecarrega o trânsito da cidade?

(E2) – Muito, muito. Mas não chega nem próximo né.

(P) – E como o senhor imagina o futuro do turismo em Caldas Novas?

(E2) – **Acho que Caldas Novas ainda pode dobrar o consumo, de água, certo. Eu acredito que essas carências nossas aí vão ser supridas. Eu acredito que esse prefeito que ta e o outro que for vim vai entender essa questão do prédio, vai ter coragem, vai fazer com que eles recolham as taxas.** Eu acredito que o próprio Estado, o próprio país também vai investir em Caldas Novas. Pelas, pelas [trecho incompreensível] eu acredito que Caldas Novas ainda tem muitos anos de desenvolvimento e crescimento. E, de certa forma, nós temos carências, mas se você for comparar as nossas carências com outros municípios turísticos, nós ainda estamos bem desenvolvidos.

(P) – **E existiu, durante sua gestão, questões ligadas ao turismo sustentável? Ou questões de sustentabilidade ligadas ao planejamento turístico da cidade?**

(E2) – **Sim. Nós desenvolvemos nosso papel, fizemos muitas campanhas, dentro da limitação financeira que a gente tinha. Porque tudo é dinheiro né. Então nó sempre, sempre tivemos presente aí. Tanto com os próprios visitantes como com os próprios alunos da cidade aí e tal.**

APÊNDICE C – Entrevista 3

Entrevista com Rosi Rodrigues da Cunha, denominada Entrevistada 3 (E3).

A entrevista foi realizada na Praça de Caldas Novas, no dia 31 de maio de 2013, às 15h35m.

(P) – Rosi, então, você tava me falando que o turismo aqui ele sofre muito por uma falta de investimento. (E3) – Falta de organização, principalmente por parte do poder público e sofre muito também, devido à formação de cartéis das empresas hoteleiras que atuam aqui. Então normalmente o prefeito que é eleito, é o prefeito de um lado “x” de hotéis, então ele acaba sendo obrigado a focar o desenvolvimento dele, o trabalho dele é em cima do que aquela rede de hotéis, que elegeu ele, deseja. Então, **sempre o trabalho é focado pra beneficiar essa ou aquela rede, nunca é focado pro crescimento da cidade em si.**

(P) - E como você vê então essa questão dos cartéis no turismo de Caldas Novas em relação à questão do uso das águas, dos turistas, porque tinha muito turismo de saúde né. (E3) – Bastante. (P) – e foi, foi mudando, hoje é mais um turismo de lazer que de saúde.

(E3) – **É o foco na realidade foi mudado, porque Caldas Novas passou realmente a se ver como pólo turístico, a partir do desenvolvimento do Rio Quente, na época, Pousada, hoje, Rio Quente Resorts e ele que teve primeiro a ideia de transformar o uso das águas termais que, até então, era pra exploração terapêutica pro turismo de lazer.** Baseado no sucesso do Rio Quente Resorts, que **Caldas Novas começou a afastar as pessoas que vinham principalmente com problemas de pele, hoje chamada de hanseníase, na época, lepra.** É, então tinha, havia, um grande preconceito com relação a essas pessoas, era considerada uma doença sem cura, altamente contagiosa, então, vendo o exemplo do Rio Quente Resorts, Caldas começou a afastar essas pessoas e começou a investir no turismo de lazer. **É, só que o turismo, a água quente, ela é muito monopolizada, tanto que pessoas que moram na cidade há 20 anos, há 30 anos, que nasceram na cidade, nunca freqüentaram um clube. Não existe lazer social na cidade.** O que tem mais próximo do social seria o SESC, mas o SESC é pra quem tem carteira assinada de empresas que tem convênio com ele. E

tem pessoas que não tem carteira assinada pra tá freqüentando. **E o nível salarial da cidade é muito baixo. A pessoa paga R\$ 30,00 pra entrar no clube, ela chega lá, ela vai precisar se alimentar, vai fazer um desfalque que ele vai passar necessidade durante um mês, então ela não freqüenta.**

(P) - E os cuidados que, existem cuidados com as águas termais? Porque a cidade depende disso.

(E3) – Tá começando a desenvolver esse cuidado é... nas duas últimas décadas e tá começando a ter um cuidado mais efetivo. É, até o ano, mais ou menos, de 94, **por volta de 94, toda a cidade era abastecida por água termal.** Posto de gasolina, lava-jato, residência, tudo tinha essa água termal, ou seja, o desperdício era muito grande. **É, aí percebeu-se que o lençol freático tava tendo um rebaixamento muito alto. Aí, quando começou a ameaçar o bolso né, porque se a água termal acabar, acaba a cidade, aí começaram a colocar métodos de controle.** Quem passou a ter acesso à água seria somente os hotéis. Posto de gasolina e tudo o que utilizava a água termal antes foi vetado. E mesmo hoje os hotéis que tem os poços, tem uma empresa de fiscalização que faz uma medição mensal dos poços, cada hotel tem uma quantidade “x” que pode utilizar de água termal por mês. E se ultrapassar essa meta o poço é lacrado, ou seja, com o poço lacrado o hotel não funciona e é paga uma multa e o hotel só retorna o direito de utilizar o poço se ele conseguir apresentar um projeto viável demonstrando que ele conseguiu se tornar capaz de utilizar o poço sem excedência.

(P) – Então, agora as águas termais são utilizadas só nas piscinas realmente?

(E3) – Só nas piscinas dos hotéis. **E também já tem algumas empresas como o HotSprings, como o Parque das Primaveras, que foi pioneiro, o Sol das Caldas e tem mais um agora que eu não me recordo, que já fazem o trabalho de tratamento das águas das piscinas e o reaproveitamento. Essa água da piscina, ao invés de ser jogada na rua, que acontecia muito e acontece ainda em muitos hotéis, ela passa por um processo de tratamento, ela fica 90% potável e ela é reutilizada pro trabalho de jardinagem dos hotéis, limpeza das áreas comuns e descarga,** ou seja, eles tão evitando utilizar a água do poço pra essas finalidades e utilizando principalmente pra piscina. Só que eles tão cercando por um lado e por outro não.

(P) – Como assim?

(E3) – **Porque a gente tem uma questão muito importante aqui em Caldas Novas que é a questão da especulação imobiliária. No Plano Diretor, consta medidas muito perfeitas pra controlar essa especulação, só que por enquanto ta só no papel. Já tem quatro anos que tem esse Plano Diretor nunca saiu nada do papel. É, então ta crescendo muito e muito próximo da serra. Inclusive, lançou um loteamento novo esse ano no pé, praticamente no pé da serra, que é onde ocorre a captação das águas.** Que a nossa serra, não sei se você já estudou nossa formação geológica, ela, apesar de nunca ter existido nenhuma atividade vulcânica, a serra, ela é formada pó solo, é, por terras né, rochas vulcânicas e essas rochas são todas cheias de fraturas. Então é a água da chuva que cai na serra e é filtrada por ela, que vai sendo aquecida por grau geotérmico, ou seja, se acabar a serra, não tem mais água quente. **Então eles tão se preocupando em preservar a água, mas não tão se preocupando em preservar o principal centro de captação da água.** Quer dizer, agora que ta começando a se engatinhar nesse sentido de preservação.

(P) – Existe assim, uma preocupação de controle da quantidade né, dessa água? Mas e da qualidade? Porque cê tinha comentado comigo que como falta investimento do governo no planejamento urbano, falta é...questão de esgoto, coleta seletiva do lixo né, destinação adequada pro lixo e tudo isso resulta em contaminação do lençol freático ? (E3) – **Em contaminação do solo, e isso aí é outro ponto muito importante, que como não há investimento nessa área, o único lugar que brota água naturalmente quente seria no Rio Quente Resorts, no [trecho incompreendido], e na Lagoa Quente, essa água ela brota natural, sem a necessidade de poço, em todos os outros locais é necessário perfurar o poço pra conseguir bombear a água. E como não tem tratamento de rede de esgoto, aliás, nem rede de esgoto na maioria da cidade não tem. Caldas Novas ainda funciona com sistema de fossa. Inclusive no meu bairro, que é considerado um dos melhores da cidade que é Itaici 1 [dúvida sobre o nome, não é possível ouvir com clareza] não tem rede de esgoto ainda é tudo fossa, ou seja tá também tendo essa preocupação muito grande com a poluição do solo. Mas a preocupação existe, fala-se muito, faz muito projeto, mas nada sai do papel.**

(P) – Entendi. E essa questão, por exemplo, que a gente comentou da questão do turismo de saúde até por uma questão de medo de atrair pessoas doentes e tal, o Balneário Municipal tá fechado desde quando?

(E3) – O Balneário Municipal tá fechado, se não me engano, desde de 90e...desde 89, se não me engano.

(P) – 89...são muitos anos fechado.

(E3) – **Todo prefeito que entra fala que vai recuperar esse Balneário e ele continua da mesma forma. Todo prefeito que entra coloca o balneário na campanha dele. Nada é feito.**

(P) – E o balneário seria mais voltado pro turismo de saúde, não?

(E3) – **É, ele poderia até mudar de foco. Só que eu acho assim, o balneário, por ele ser a única fonte de água termal pública, ele deveria ser voltado pra população local, não pra exploração pra ganhar dinheiro.** Agora, a questão do foco em saúde, os hotéis que estão perdendo, porque seria um diferencial, como Caldas Novas sofre com a sazonalidade, ou seja, tem dificuldade pra trazer gente de domingo a quinta-feira, hoje como já não tem mais aquele tabu de que vai vir pra cá gente com doença contagiosa, seria a oportunidade de ta retomando o turismo de saúde, porque é um público que tem condições de tá vindo pra cidade de domingo a quinta, então seria uma forma de tá combatendo a sazonalidade, aí o que tá faltando é visão empresarial.

(P) – Existe assim, porque a gente tem mitos né sobre a água termal aqui, essa questão do vulcão. Existiu já um mito muito forte de que seria um vulcão, depois que desmistificado, mas isso é utilizado pelos hotéis como uma forma de divulgação da cidade?

(E3) – **Não é. Caldas Novas é uma cidade 100% pobre em história. Como você percebeu a cidade, ela é formada de pessoas que vem de fora, em sua maioria. Então eu sei a história da minha cidade todinha, quem vem do Maranhão conhece a história do Maranhão, quem vem de Goiânia conhece a história de Goiânia, ninguém tem apego às raízes de Caldas Novas. Ninguém sabe dizer como surgiu, como as águas são quentes. E é uma coisa assim, que nem a hotelaria investe em passar pro funcionário dele, pro funcionário poder tá repassando pro hóspede.**

(P) – Então o turista só vem pra ficar na piscina, tomar um solzinho.

(E3) – **Não é passado nenhum tipo de informação cultural pro cliente.**

(P) – Então não existe nenhum valor simbólico nada...?

(E3) – **Não é feita nenhum tipo dessa situação, inclusive as propriedades terapêuticas comprovadas das nossas águas termais não tem nenhum tipo de**

divulgação. Os próprios clubes deveriam colocar várias placas informando quais propriedades terapêuticas, quem comprovou, a data de comprovação e não tem nenhum tipo de divulgação, não tem nenhum tipo de explicação, inclusive pessoas que trabalham na hotelaria, se um hóspede chegar e perguntar ‘- Ah, claro é o vulcão que esquenta, porque também não sabe. Continuam divulgando informações erradas. O porquê disso? **Porque a hotelaria de Caldas Novas prima pela mão-de-obra barata, não pela mão-de-obra qualificada.**

(P) – E, já existiu um museu em Caldas Novas com a questão da história da cidade, ou não?

(E3) – Nunca existiu um museu. **Tem o Casarão, que foi desativado por oito anos, agora que voltou a funcionar. Então lá serve tipo como um abrigo pros artesões da cidade. E também tá servindo um espaço de palhoça que eles tem lá pra realização de bailes de terceira idade. Então esses artesões expõem o trabalho deles lá e tem algumas fotos do início da cidade e alguns tipo estilo prata contando um pouquinho da história da cidade, mas pouquíssima coisa. Inclusive a preocupação aqui com a preservação do patrimônio estrutural é nenhuma. Você pode ver que aqui você não vê uma casa antiga, a igreja, 80% dela foi destruída, só sobrou esse pedacinho. Fizeram o pigmeu do lado. Essa praça aqui gente, essa praça era símbolo da praça de interior, com coreto, bastante arborizada. Sabe, queria colocar o chafariz, não impedia de colocar o chafariz nela na forma como era. Podia manter o coreto.** A questão da absorção de água, essa praça aqui não absorve água. A pedra é ecológica, mas aí veio um inteligente e tacou concreto na pedra cê acredita.

(P) – E já teve algum museu falando das águas termais?

(E3) – Não.

(P) – Nem da história e nem das água?

(E3) – Nem da história.

(P) – Na entrada da cidade tem um restaurante que tem um trem caindo. Lá já funcionou outra coisa antes do restaurante tô enganada?

(E3) – Lá já funcionaram várias coisas. Lá já foi uma choperia, lá já funcionou uma casa pra shows.

(P) – Mas nada cultural?

(E3) – Nada vinculado à cultura.

(P) – Então o que tem de mais cultural na cidade que a gente pode falar é esse casarão que ainda assim é pouco.

(E3) – Esse Casarão, ele foi a sede da primeira prefeitura de Caldas Novas. O balneário que tá desativado.

(P) – Então se eu quiser ir lá conhecer eu vou dar com a cara na porta?

(E3) Você não vai conseguir acessar.

(P) – Então o Casarão, o balneário eu dou de cara com a porta, mais alguma coisa?

(E3) – **O Casarão também, ele funciona quando tem forró.**

(P) – Ah, quando tem forró.

(E3) – **É. Se não tiver você não consegue entrar. Que são as terças, quintas e domingo a tarde.**

(P) – Então se eu chegar lá hoje eu não consigo entrar então?

(E3) – Hoje é quinta?

(P) – Sexta.

(E3) – Sexta. Não hoje tem por causa do feriado.

(P) – Mas aí eu só consigo ir lá à noite? Se eu quiser ir durante o dia pra conhecer?

(E3) – É durante o dia, o forrozinho lá da terceira idade é durante o dia. A cidade, não sei se você percebeu, não tem um centro de convenções da cidade. **Então a única empresa que conseguiu perceber a importância da organização de eventos que tem uma ocupação muito boa, satisfatória devido a disso, é o Di Roma, porque ele tem um big centro de convenções e tem outras de menor porte também pra poder tá recebendo eventos menores. Então ele trabalham muito com essa questão de trazer eventos. Só eles tã a frente, porque eles desenvolveram uma infraestrutura para isso.** Agora, se a cidade tivesse um Centro de Convenções, pelo menos, do porte do de Goiânia, poderiam ser feitos eventos para a cidade, não para o CTC, não para o Privê, não para o Di Roma. Ou seja, todos seriam beneficiados, inclusive os pequenos, pequeno hotel, porque aqui assim, dá temporada abre 15 ou 20 hotel, pousadinha de pequeno porte, cabou a temporada tudo fecha, porque, eles não tem a condição de investir em marketing, eles não tem um Centro de Convenções pra trazer esse pessoal que vem em meio de semana pra eventos. Então, eles não conseguem se manter, porque não tem eventos para a cidade de Caldas Novas.

(P) – E turismo de natureza, essas coisas não tem?

(E3) – **Não tem aqui. Potencial tem demais. Só no Parque, só catalogadas, aqui nós temos mais de duzentas cachoeiras. Então no Parque Estadual Serra de Caldas, que é maravilhoso, mas é aquela coisa. Se o turista quiser ele tem que ligar pra agendar o horário.**

(P) – Não atende viu Rose.

(E3) – Todo mundo me fala isso. (risos)

(P) – Infelizmente eu já fiz essa tentativa.

(E3) – **É, não consegue com facilidade. Se você vai lá sem agendar nada você chega lá vai tá lá, todo dia você vai encontrar isso, sem exagero nenhum, três a quatro ou cinco pessoas é utilizando o espaço pra utilização de produtos entorpecentes, maconha, cocaína, esse tipo de coisa. Então até os guias, quando você marca já pede pra você chegar com cautela lá devido a isso. Porque se eles tiverem sem dinheiro pra usar o produto deles pode pegar celular, alguma coisa.**

(P) – Então não tem fiscalização.

(E3) – **Não tem fiscalização. E assim tá muito abandonado.**

(P) – E não é nem do município, é do Estado né.

(E3) – Não acha guia que quer trabalhar lá, porque eles não querem que o guia tenha um salário fixo, quer que o guia vive assim, “ah, hoje eu marquei, eu pago R\$ 5,00 pro guia andar comigo”, aí passa um mês sem ninguém marcar o guia vai viver de R\$ 5,00. Aí os guias que trabalham lá é de bico, por isso que você nunca consegue falar com ninguém. Porque é assim, “ah, hoje eu não tenho nada pra fazer vou lá, se aparecer alguém eu ganho alguma coisa.